

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

CAMILA DUTRA FONTOURA

**ETNOGRAFANDO EM PORTO RICO: UM OLHAR SENSÍVEL SOBRE A CULTURA
BORICUA**

Porto Alegre

2016

CAMILA DUTRA FONTOURA

**ETNOGRAFANDO EM PORTO RICO: UM OLHAR SENSÍVEL SOBRE A CULTURA
BORICUA**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção de título de Mestra em Ciências Sociais, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Escola de Humanidades, Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Airton Luiz Jungblut

Porto Alegre

2016

Catálogo na Publicação

F684e Fontoura, Camila Dutra
Etnografando em Porto Rico : um olhar sensível
sobre a cultura Boricua / Camila Dutra Fontoura. – Porto
Alegre, 2016.
159 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-
graduação em Ciências Sociais, Escola de Humanidades
da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do
Sul.

Orientador: Prof. Dr. Airton Luiz Jungblut

1. Identidade Cultural. 2. Cultura – Porto Rico.
3. Nacionalismo – Porto Rico. 4. Antropologia Visual.
I. Jungblut, Airton Luiz. II. Título.

CDD 301.297295

Bibliotecária Responsável: Salete Maria Sartori, CRB 10/1363

**ETNOGRAFANDO EM PORTO RICO: UM OLHAR SENSÍVEL SOBRE A CULTURA
BORICUA**

CAMILA DUTRA FONTOURA

Dissertação apresentada como requisito parcial para
obtenção de título de Mestra em Ciências Sociais, na
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul,
Escola de Humanidades, Programa de Pós-graduação
em Ciências Sociais.

Aprovado em: _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Professor Airton Jungblut, Dr.

Presidente da banca – Orientador

Professora Cornelia Eckert, Dra.

Membro da banca

Professora Fernanda Bittencourt Ribeiro, Dra.

Membro da banca

Porto Alegre

2016

ASSIM EU VEJO A VIDA

A vida tem duas faces:

Positiva e negativa

O passado foi duro

mas deixou o seu legado

Saber viver é a grande sabedoria

Que eu possa dignificar

Minha condição de mulher,

Aceitar suas limitações

E me fazer pedra de segurança

dos valores que vão desmoronando.

Nasci em tempos rudes

Aceitei contradições

lutas e pedras

como lições de vida

e delas me sirvo

Aprendi a viver.

Cora Coralina

Dedico esse trabalho aos meus queridos pais, aqueles que sempre estiveram do meu lado e me apoiando nos momentos que mais precisei. Para eles é realização de um sonho, para mim, um desafio cheio de aprendizados e que, graças a eles, foi possível realizar.

AGRADECIMENTOS

Durante a minha trajetória no mestrado passei por diferentes momentos e processos. Penso que, como na vida, as pessoas fazem toda diferença na nossa jornada. Assim, gostaria de agradecer a todas aquelas que fizeram parte e compartilharam comigo essa fase intensa e de aprendizados.

Agradeço a minha família por todo apoio. A meus irmãos queridos que sempre estiveram do meu lado, obrigada por terem sido compreensivos com minhas faltas a “eventos” e momentos importantes nesse período por estar longe ou não poder comparecer em função de estar envolvida com o trabalho. Agradeço aos meus “drastos” e cunhados, pois também fazem parte de tudo. Agradeço a minha vizinha e meu avozinho, que estão passando por um momento difícil, mas estão felizes e orgulhosos em ver a primeira neta terminando uma pós-graduação.

Agradeço aos meus amigos queridos, pois sem eles, a vida não faria sentido. Aos amigos de longa data, aqueles presentes que ganhei na vida, só tenho a agradecer por acompanhar toda minha jornada e estarem sempre ao meu lado, mesmo sem entender muito bem certas escolhas, área, e a militância que nos envolve como sujeitos.

Aos amigos de universidade, aqueles meus companheiros acadêmicos, de luta, de vida e tornaram-se como irmãos, o TMN querido, Muito obrigada! Amizades essas, que espero levar para toda vida, os laços começaram na graduação, seguem e assim seguirão.

Agradeço ao Pedro, mi amor... Por estar comigo mesmo que nas distâncias e sempre me dar segurança, apoio, e muito amor. Sem ele minha ida, estadia em Porto Rico não teria sido possível. Obrigada pelo incentivo, por todo carinho e cuidado, por isso o desejo minha eterna gratidão. Obrigada por estar comigo nesse momento tão importante da minha vida, por me fazer seguir em frente, me fazer tão feliz e principalmente pelo teu amor.

Agradeço aos professores por compartilharem seu conhecimento, e principalmente ao meu orientador por todo apoio e disposição.

“A primeira condição para modificar a realidade consiste em conhecê-la.”

Eduardo Galeano

Resumo

Porto Rico possui uma dimensão política e de status muito particular no cenário mundial, tendo em vista que a ilha é um Estado não incorporado dos Estados Unidos. Sua população possui cidadania norte-americana desde 1917, e a questão da identidade cultural é recorrentemente tratada e discutida ao se dialogar sobre o país, bem como, inferências sobre mesclas culturais – e uma *americanização* – se revelam em alguns debates teóricos. O presente trabalho pretende analisar como a identidade cultural porto-riquenha vem sido construída a partir das percepções e vivências de moradores de uma comunidade, enfatizando o nacionalismo e orgulho como forma de reconhecimento da identidade cultural de Porto Rico. Sobre a metodologia, essa consiste em uma pesquisa qualitativa na qual realizou-se um trabalho etnográfico no primeiro semestre do ano de 2015. O local pesquisado foi a comunidade de Tras Talleres localizada no bairro Santurce na capital San Juan. Foi utilizado como técnicas metodológicas no trabalho de campo a observação participante, entrevistas abertas, bem como registros fotográficos. Foram realizadas 10 entrevistas com moradores do bairro, e através da antropologia visual, foi utilizado imagens – fotografias – como outra forma de narrativa agregada à descrição textual.

Através do método realizado procura-se identificar como esses sujeitos a partir de suas vivências veem/constroem a questão da identidade no âmbito da cultura nacional do país de acordo com a realidade histórica de Porto-Rico.

Palavras Chaves: Identidade cultural; Nacionalismo cultural; Cultura local; Porto Rico; Antropologia Visual e Imagem.

Abstract

Puerto Rico has a political dimension and status that are very particular in the world scenario, as the island is an unincorporated State of the United States of America. Its population owns the American citizenship since 1917, and the issue of cultural identity is recurrently dealt with and discussed when talking about the country, as well as inferences regarding cultural blends – and an *Americanization* – unfold in some theoretical debates. This study intends to analyze how the Puerto Rican cultural identity has been built from the perceptions and experiences of inhabitants of a community, emphasizing the nationalism and pride as a way of recognizing the cultural identity of Puerto Rico. The methodology consists in a qualitative research, in which an ethnographic study was done in the first semester of 2015. The place that was researched about was the “Tras Talleres” community, located in the neighborhood of Santurce, in the capital San Juan. The methodological techniques used in the study were the participant observation, open interviews and photographic records. Ten interviews were done with people who live in the neighborhood and, through visual anthropology, images were used as another form of narrative, added to the textual description.

Through the performed method, the aim was to identify how these people, by their experience, see and build their identity as part of the national culture of the country, in accordance with the historical reality of Puerto Rico.

Key words: Cultural Identity; Cultural Nationalism; Local Culture; Puerto Rico; Visual Anthropology and Image.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. NACIONALISMO, IDENTIDADE, E MEMÓRIA.....	16
1.2 Antropologia Visual e Da Imagem: A Fotografia como Forma de Narrativa na Pesquisa Etnográfica.....	29
2. SOBRE PORTO RICO: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-POLÍTICA..	40
2.1 Particularidades e Dados Atuais Sobre a Ilha.....	45
3. ETNOGRAFANDO EM PORTO RICO PARTE 1: BREVE RELATSOBREAS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS EM CAMPO COM A FOTOGRAFIA.....	54
3.1 Narrativa Fotográfica em Porto Rico.....	60
3.2 Comunidade De Tras Talleres: Um Breve Histórico da formação do Bairro.....	69
3.3 Etnografando em Porto Rico parte 2: Dinâmicas e Histórias em Tras Talleres.....	74
3.4 Um pouco sobre Maria.....	82
4. IDENTIDADE CULTURAL EM PORTO RICO: ORGULHO E NACIONALISMO COMO RECONHECIMENTO DA CULTURA BORICUA....	87
5. NARRATIVAS FOTOGRÁFICAS EM TRAS TALLERES.....	98
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	156
REFERÊNCIAS.....	158

INTRODUÇÃO

O presente trabalho, em linhas gerais, irá tratar sobre a identidade cultural em Porto Rico. Antes de aclarar sobre os objetivos propostos para tal análise, inicio descrevendo como me aproximei desta temática.

Devido à experiência de intercâmbio que realizei no primeiro semestre de 2013, no qual cursei um semestre na Pontifícia Universidad Católica de Puerto Rico (no sétimo semestre de minha graduação em Ciências Sociais), tive a oportunidade de não só cursar disciplinas, como também realizar uma etnografia, pesquisa esta que resultou na minha monografia de trabalho de conclusão de curso. A mesma consistia em abordar a questão da identidade cultural focada na juventude porto-riquenha.

A oportunidade de imergir por seis meses em uma cultura diferente, interatuar, conhecer, vivenciar aspectos e observar as relações das pessoas (no meu caso, jovens universitários, aos quais interagi), foi o que me impulsionou na busca de tentar compreender como aqueles sujeitos entendiam quem eram e como se viam culturalmente. Pois, Porto Rico é uma ilha que foi duplamente colonizada, primeiramente pela Espanha do século XVI até o final do século XIX, e depois se torna um território não incorporado dos Estados Unidos (será retomado como se desenvolveu esse processo, no segundo capítulo), e atualmente segue sobre a soberania Estadunidense, e, portanto, não é um país independente.

Dito isso, de acordo com algumas considerações descritas na pesquisa que realizei, um fator de extrema importância que se revelou foi o arraigo forte e, de certa maneira, um “nacionalismo”, ou melhor dito, nacionalismo cultural em Porto Rico. Na medida em que os cidadãos demonstram e se apoiam sob uma perspectiva de identificação nacional, há presente um intenso sentimento de pertença nesses sujeitos, no sentido de afirmação e exaltação de sua cultura como forma de reconhecimento. Em contra partida, há um rechaço à inferência de que ocorre uma “americanização” em sua cultura.

A partir desse primeiro processo, a vontade de prosseguir com a análise e aprofundar este estudo, levaram-me a construir este projeto, dando seguimento sobre a questão da identidade cultural em Porto Rico, porém em outra cidade e com outros sujeitos. Na busca de vivenciar e conhecer uma realidade distinta da ilha, decidi realizar meu trabalho de campo em uma área mais periférica da capital, na qual se concentram comunidades e habitações populares. O objetivo deste trabalho foi o de analisar outras dinâmicas, relações e percepções de outros sujeitos num contexto diferente da pesquisa anterior.

Neste trabalho, através de conceitos como identidade na pós-modernidade, comunidades nacionais, nacionalismo e memória, pretende-se analisar como esses conceitos ajudam a compreender a realidade porto-riquenha. Especificamente, as concepções, percepções das pessoas que vivem na comunidade de Tras Talleres (zona periférica, que resistiu ao processo de urbanização e higienização da cidade) no âmbito da cultura nacional do país. Buscar-se-á entender qual a relação das pessoas com a cidade, as relações pessoais e a história de vida dos mesmos, os quais fazem parte da geração que nasceram na ilha já possuindo a cidadania norte-americana.

Sobre a metodologia, essa consiste em uma pesquisa qualitativa na qual foi realizado um trabalho etnográfico com o período de duração de cinco meses, no primeiro semestre do ano de 2015 (de janeiro a maio), na comunidade de Tras Talleres. Essa comunidade está localizada no bairro Santurce, na capital San Juan, que fica mais ao norte da ilha.

Com o objetivo de obter uma proximidade com os sujeitos e para maior interação e “imersão” na realidade a ser pesquisada, busquei participar e ajudar nas atividades realizadas no centro cultural da comunidade (onde eram realizadas diferentes oficinas, atendimentos e discussões sobre as demandas do bairro e dos residentes). Utilizei como técnicas metodológicas no trabalho de campo a observação participante, entrevistas abertas, bem como registros fotográficos. Foram realizadas 10 entrevistas com moradores do bairro.

Devido a minha aproximação com a antropologia visual, meu objetivo (e desafio) foi a utilização da imagem (fotografia) nesta dissertação não “apenas”

como técnica de registro de dados ou meramente uma fonte/dispositivo ilustrativo e, sim, como outra forma de narrativa agregada à descrição textual.

Nesse sentido, a utilização da imagem bem como outros dispositivos visuais (fotografia, vídeo, áudio, etc.) somam-se no processo etnográfico e incorporam-se no desenvolvimento da análise juntamente com o texto na pesquisa desenvolvida. Os debates teóricos acerca da utilização da imagem, e da antropologia visual, são relevantes, pois estão em “disputa” no cenário das Ciências Sociais. Há vertentes mais “tradicionais” da antropologia ou outras áreas do conhecimento que ainda não “aceitam” ou talvez não legitimam essas outras formas de produção do conhecimento científico. Discutir, utilizar e ressaltar o potencial narrativo das imagens fotográficas é essencial, pois o cerne da questão é justamente aclarar e revelar a inter-relação/interlocução da fotografia com o texto, uma vez que os mesmos estão imbricados no discurso analítico. Penso que como recurso, a fotografia, o uso de imagens se traduz como uma materialização do texto escrito, através de uma narrativa imagética, desvelando potencialidades não escritas.

De acordo com o que vinha trabalhando sobre a questão da identidade, reforço que, no campo da teoria social, essa temática foi e é muito discutida por diferentes escolas e vertentes intelectuais na área das ciências sociais, principalmente na Antropologia. Não há um consenso sobre essa temática. Existem diferentes visões e alguns limites, sendo um conceito complexo a ser trabalhado.

Porém, antropologicamente falando, por mais que tenhamos claro que aquela visão moderna do sujeito essencial, unificado já “desconstruída” pelos teóricos da *pós-modernidade* (como Stuart Hall, N.Canclini, B. Anderson) não seria mais “aceita” para um discurso sobre a questão da identidade cultural em sociedades complexas, contudo, para a presente análise um “nós” e um senso de coletividade, identidade está permanentemente sendo reiterada. Considero isso no sentido de que, levando em conta o discurso e as percepções dos sujeitos entrevistados, as *questões nacionais, unificadas, universais* se revelarão para tal análise. Pois, quando se dialoga sobre Porto Rico, estudos e pesquisas sobre questões de identidade cultural, nacionalismo, bem como suas relações com os Estados Unidos (políticas, econômicas e culturais), há uma série de especificidades que estão atreladas ao processo de formação do país.

Ao abordar esses conceitos, bem como as questões políticas e de status, referente ao território e cidadania é um exercício bem particular. Nesse sentido, quando trabalhamos com o conceito de identidade cultural operamos com *multis, pluris*, sujeitos fragmentados, “novas identidades”, e falar sobre comunidades nacionais ou *nacionalismo cultural* pode soar um pouco dissonante.

Logo, Porto Rico, paradigmaticamente falando, me instiga justamente por seus antagonismos. Minha intenção é compreender percepções (até porque mesmo que eu tivesse alguma “pretensão” de buscar “definições absolutas”, sabemos que é o tipo de “argumento” que não se sustenta). Creio que minha contribuição ao trabalhar com identidade porto-riquenha (tendo em mente que identidade será tratada sobre a luz de um sentimento, sentido de pertencimento), concerne em dar voz a sujeitos que vivem e vivenciaram alguns processos e mudanças significativos na ilha. A partir daí, lidamos com “sistemas de identificações” (que é ao mesmo tempo individual e coletivo), e uma teia de significados complexos e perspectivas muito distintas.

Os cinco meses de meu trabalho de campo foram muito intensos e de um grande aprendizado, é quando lidamos com diferentes relações, aproximações, interações, bem como se descobre os limites que se desvelam nesse processo (sendo que o primeiro mês foi mais o processo de reconhecimento do lugar em que faria a etnografia, e “burocracias” da universidade, até de fato conseguir “começar” a pesquisa).

Minha aproximação no território – do qual eu não fazia parte – deu-se de forma tranquila, rapidamente me inseri e fui conquistando a confiança de meus sujeitos, não demorou muito até o momento que já tinha sido “aceita” e “fazia parte” da comunidade. Creio que por ser estrangeira, havia uma curiosidade e certa aceitação das pessoas que, felizmente, gostavam de ter minha presença ali e compartilhar momentos e atividades com eles.

No primeiro capítulo, apresentarei os principais conceitos teóricos necessários para fundamentar a presente análise, irei desenvolver reflexões acerca da questão da identidade, nacionalismo, etnicidade, memória, bem como sobre a antropologia visual, visto que utilizei fotografias neste estudo.

Trarei, no segundo capítulo, um breve histórico-político de Porto Rico para melhor compreensão do contexto pesquisado, bem como algumas particularidades e dados atuais sobre a ilha.

Em seguida, trago um relato sobre as primeiras observações e vivências em campo, mais especificamente em relação ao manejo e experiências com a fotografia. Exponho, assim, algumas fotografias de diferentes partes da ilha e alguns sujeitos com os quais interagi. Em seguida, apresentarei um breve histórico e alguns dados da comunidade de Tras Talleres, onde realizei o trabalho de campo, bem como algumas trajetórias e dinâmicas do bairro. Dando seguimento ao trabalho, irei desenvolver sobre a problemática, utilizando não só as trajetórias, observações, como também as falas dos entrevistados para a análise proposta.

Sequencialmente, apresentarei as fotografias realizadas no processo etnográfico, em formato de narrativa, somando-se ao texto para complementar a análise deste estudo.

Por fim, descreverei minhas considerações e as perspectivas que apareceram a partir da minha interlocução com os moradores da comunidade porto-riquenha de Tras Talleres.

1 NACIONALISMO, IDENTIDADE E MEMÓRIA

A questão identitária, todavia, é uma problemática recorrente na antropologia e na esfera das ciências humanas, bem como de que maneira vem se desenvolvendo alguns processos culturais (sociais e políticos) e suas mudanças. Diferentes intelectuais vem (re)trabalhando e propondo reflexões acerca de conceitos chaves e importantes como a identidade cultural, e essa é uma tarefa difícil para o antropólogo - pesquisador, cientista social - no sentido de que tais conceitos podem ser demasiado “abrangentes”, paradoxais, subjetivos, pois envolvem uma teia de significados complexos e perspectivas muito distintas.

Nesse sentido, proponho, neste capítulo, fazer algumas reflexões acerca da questão identitária. Busco tratar minimamente sobre os nacionalismos e nações, tal como alguns aspectos da globalização e memória, processos esses atrelados à temática da identidade.

Hall (2006) traz para o debate sobre a identidade na pós-modernidade que há uma “crise identitária”, a descreve como um processo que está em mudança. Para o autor, as identidades modernas estão descentradas, fragmentadas ou deslocadas, contrapondo com a visão moderna (concepção iluminista) na qual o sujeito era visto como essencial, unificado e estável. Logo, Hall propõe que na modernidade tardia vemos um sujeito fragmentando, que possui “novas identidades”. Ou seja, passada a modernidade, inúmeros intelectuais problematizam e desconstruem certos conceitos, chamando a atenção para quais processos geraram a “quebra” de tais paradigmas.

Seguindo essa linha, no que tange o atual senso de fragmentação e deslocamento cultural, Hall (2006) presume que a cultura se tornou descentralizada, que existe uma ausência de unidade e de coerência, o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, assim, a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Nesse sentido, veremos a questão identitária sobre a lente das diferentes posições de sujeito, bem como os deslocamentos que propiciam a pluralidade de “identidades” presentes nesses sujeitos (inseridos nas sociedades), aos quais

foram modificadas por diferentes processos. Como Marx conceitualiza, por definição, as sociedades modernas são sociedades de mudança constante, rápida e permanente. Transpondo essa definição para a modernidade tardia, é exatamente o que ocorre, temos que ter em mente que estamos analisando fatores, mudanças e contradições inerentes ao processo de (des)construção da sociedade, "novos" sujeitos e "novas" identidades.

Para Mathews (2002), em seu livro *Cultura Global e Identidade Individual*, a maioria das pessoas atualmente tende a pensar em cultura como pertencendo a uma determinada sociedade (japoneses tem cultura japonesa, franceses tem acultura francesa e assim por diante). Porém, esse tema se mostra confuso: “nós pertencemos à nossa cultura nacional específica, mas muitos de nós no mundo afluente atual também selecionamos - ou pelo menos acreditamos que selecionamos - aspectos de nossas vidas no que pode ser chamado de “supermercado cultural global” (MATHEWS, 2002, p. 9). Nesse sentido, sentimos que pertencemos à nossa cultura nacional específica e acreditamos que devemos estimar nossa cultura, segundo afirma o autor.

No entanto, no mundo atual maciço de fluxos de pessoas, de capital e ideias, “não podemos facilmente pensar em uma cultura como algo em que as pessoas em um determinado lugar no mundo têm ou são, em comum em oposição a outros povos e lugares” (MATHEWS, 2002, p. 21). Nessa lógica, a identidade cultural é vista em como as pessoas entendem quem são culturalmente, como se veem, a questão do pertencimento é mais adequada do que buscar uma definição de sujeito (o que não é proposto na presente análise).

Outro aspecto em relação à cultura e como as pessoas apreendem isso, é que a cultura tornou-se, em parte, uma questão de gosto pessoal, em certa medida, parece que “pegamos” e escolhemos culturalmente quem somos, na música que ouvimos na comida que comemos, etc. Entretanto, segundo Mathews, “nossas escolhas não são livres, mas condicionadas por nossa idade, classe, gênero e nível de riqueza, e pela cultura nacional a qual pertencemos, entre outros fatores” (MATHEWS, 2002, p. 25). Ainda, o autor cita A. Giddens (1991) para definir a identidade, “o perene sentido que o eu tem

de quem é, na medida em que está condicionado devido às suas contínuas interações com outras pessoas. Identidade é como o eu se concebe e se rotula”. D. Cuche, em seu livro *Identidade e Cultura*, traz justamente a questão de que, atualmente, as grandes interrogações sobre identidade remetem frequentemente à questão da cultura, cita que há o desejo de ver cultura em tudo, de encontrar identidade para todos. Segundo afirma Cuche,

Não se pode pura e simplesmente confundir as noções de cultura e identidade cultural ainda que as duas tenham uma grande ligação [...] a cultura depende em grande parte de processos inconscientes, a identidade remete a uma norma de vinculação, necessariamente consciente, baseada em oposições simbólicas. No âmbito das ciências sociais, o conceito de identidade cultural se caracteriza por sua polissemia e fluidez (CUCHE, 1999, p. 176).

Em relação à concepção de “supermercado cultural global” de Mathews, a identidade cultural, então, pode ser vista como uma questão de como as pessoas concebem quem culturalmente são por meio de suas escolhas no nível do supermercado cultural. Sem esquecer da questão de identidade nacional (que observei forte em Porto rico, devido sua realidade histórica e política atual), a maioria das pessoas no mundo de hoje é socializada e propagandeada para manter uma identidade cultural nacional, segundo afirma o autor.

Sobre o presente senso de fragmentação da cultura, Featherstone (1997) afirma que não é algo novo. Cita que há muito as pessoas vêm promovendo o *Desmanche da Cultura* (como nomeia seu livro), discute diversos processos como a globalização, comunidades e “glocalismo”. Em termos de nossa referência à descentralização da cultura, isto pode ser encarado como uma contra argumentação, pois, conforme o autor, a cultura, com efeito, não tem sido descentralizada; na verdade, tornou-se recentralizada.

A globalização é um fenômeno emergente, um processo ainda em construção. Esse processo sugere simultaneamente duas imagens de cultura em que, segundo Featherstone (1997), a primeira imagem pressupõe a extensão de uma determinada cultura até seu limite, o globo. As culturas heterogêneas tornam-se incorporadas e integradas a uma cultura dominante, que acaba por cobrir o mundo inteiro. Já a segunda imagem aponta para uma compressão das culturas. Coisas que eram mantidas separadas são, agora,

colocadas em contato e em justaposição. Segundo o autor, as culturas se acumulam umas sobre as outras, se empilham, sem princípios óbvios de organização.

Conforme Featherstone sugere, parte do problema de conceitualização enfatizado pelo pós-modernismo pode muito bem ter algo a ver com as tentativas de compreender a emergência da complexidade global, resultante daqueles fatores. É uma condição global na qual, nós, no Ocidente, deparamos com dificuldades cada vez maiores de encarar “o outro” através das lentes de longo alcance, implícitas em termos como “o selvagem”, “o nativo”, “o oriental”. Tais imagens estão sendo contestadas, na medida em que as projeções e as ilusões da fantasia e “o outro” procuram dialogar conosco e desafiar nossa particular descrição de seu mundo (SAID, 1978).

Segundo Ortiz (2000), quando se pensa em globalização, primeiramente o que vem na cabeça, o que se sugere à primeira vista, pela sua amplitude, é que ela se afaste das particularidades. Ora, se o global envolve “tudo”, as especificidades se encontrariam perdidas nos fluxos globais. Ocorre justamente o oposto. Ortiz afirma que a mundialização da cultura se revela através do cotidiano. Sendo assim, esse processo descrito como globalização está imbricado na constituição das identidades que na modernidade eram vistas como essenciais e que se fragmentam na modernidade tardia. Para esse autor:

O mundo dificilmente poderia ser realmente entendido como uma aldeia global, e mesmo sabendo que o peso das novas tecnologias é considerável na rearticulação da ordem social, não se pode esquecer que as técnicas se inserem nas condições objetivas da história. Entre os homens que se comunicam nesta aldeia existem tensões, interesses e disputas que os afastam de qualquer ideal comum, construído apenas pela razão preguiçosa (ORTIZ, 2000, p. 14,15).

Assim, uma consequência paradoxal do processo de globalização, a percepção da finitude e da ausência de limites do planeta e da humanidade, não é produzir homogeneidade, e sim familiarizar-nos com a maior diversidade, com a grande amplitude das culturas locais. Para Featherstone, de modo algum é preordenado o fato de que o processo de globalização leva a uma sensibilidade cada vez maior às diferenças. A possibilidade de encararmos o mundo através dessa lente ou forma particular deve ser considerada juntamente com outras possibilidades históricas.

Canclini (2003) faz uma brilhante análise sobre esse fenômeno em seu livro *Globalização Imaginada*. Uma das questões é que justamente esse apelo à construção de uma cultura global pode também prescindir de ordenar os conflitos entre “imaginários”. Cita que:

A amplitude ou estreiteza dos imaginários sobre o global evidencia a desigualdade de acesso àquilo que se conhece como economia e cultura globais. Nessa concorrência desigual entre imaginários, vê-se que a globalização é e não é aquilo que promete. Muitos globalizadores vão pelo mundo simulando a globalização [...] Contudo, nem os pobres ou marginalizados podem prescindir do global. Quando os imigrantes latino-americanos chegam ao norte do México ou ao sul dos Estados Unidos, descobrem que a empresa que os emprega é coreana ou japonesa. Além disso, muitos emigrantes tomam a decisão extrema de deixar seu país porque “a globalização” fechou postos de trabalho no Peru, na Colômbia ou na América Central, ou seus efeitos – combinados com dramas locais – tornaram demasiado insegura a sociedade em que sempre viveram (CANCLINI, 2003, p. 10).

No entanto, imbricado com a questão global está a questão local e, para a presente análise, se faz necessário devido a relação que foi estabelecida de uma comunidade local para pensar a identidade nacional de Porto Rico. Segundo Featherstone, quando falamos de uma cultura local, ela é percebida usualmente como uma particularidade que é o oposto do global. Cita que esse conceito é frequentemente empregado para fazer referência à cultura de um espaço relativamente pequeno, limitado, no qual os indivíduos que ali vivem têm relacionamentos diários, cara a cara. Em sua análise, a ênfase recai sobre a natureza assumida, habitual e repetitiva da cultura cotidiana, da qual os indivíduos têm domínio prático (Bourdieu, 1977). Conforme o autor afirma, “o estoque comum de conhecimentos à disposição, no que se refere ao grupo de pessoas que são os habitantes e o entorno físico (organização do espaço, construções, natureza, etc.), é relativamente fixo, segundo se pressupõe”, isto é, “trata-se de algo que persistiu ao longo do tempo e pode incorporar rituais, símbolos e cerimônias que ligam as pessoas a um lugar e a um sentido comum do passado” (FEATHERSTONE, 1997, p.131). Tal senso de pertença, as experiências comuns sedimentadas e as formas culturais que são associadas a um lugar, são fundamentais para o conceito de uma cultura local, segundo o autor.

Nesse sentido, o autor nos mostra como esses conceitos das culturas globais locais são relacionais. Segundo cita, é possível nos

reportarmos a um conjunto de reações diferentes ao processo de *globalismo*, que pode ser intensificado ou diminuído, dependendo de fases históricas específicas no processo de globalização, assim, aponta três aspectos:

Em primeiro lugar, podemos assinalar a atitude de imersão em uma cultura local. Isso pode assumir a forma de se permanecer em uma localidade há muito estabelecida, resistindo à inclusão em coletividades mais amplas e levantando barreiras aos fluxos culturais. Em segundo lugar, essas comunidades, que cada vez mais são levadas a participar de uma configuração global. Em terceiro lugar, as variantes de uma comunidade imaginada e remodelada também existem na redescoberta da etnicidade e das culturas regionais, na atual fase vivida por inúmeros estados-nação ocidentais, que procuram conceder maior reconhecimento à diversidade regional e local e ao multiculturalismo (FEATHERSTONE, 1997, p.137-138).

Ou seja, o autor nos mostra que os pares local-global estão imbricados, nem o local está impermeável, e tampouco o global não é um todo homogêneo, como já é sabido. Nesse sentido, Featherstone demonstra a dificuldade de lidar com níveis cada vez maiores de complexidade cultural e as dúvidas e ansiedades que elas geram com frequência “são motivos pelos quais o *localismo* ou o desejo de permanecer em uma localidade delimitada ou retornar a um sentimento de “lar” tornam-se um tema importante” (FEATHERSTONE, 1997, p.144). Assim, o autor intui que se pode também conjecturar se isso ocorre independentemente do fato de que o lar é real ou imaginário, ou se é temporário, sincretizado ou uma simulação, se se manifesta através de uma fascinação pelo sentimento de pertença, afiliação e comunidade que são atribuídos aos lares dos outros, tais como os povos tribais. Conclui que, “o que parece claro é que não é proveitoso encarar o global e o local como dicotomias separadas no espaço e no tempo. Ao que tudo indica, os processos de globalização estão inextricavelmente ligados na atual fase” (FEATHERSTONE, 1997, p.144).

B. Anderson, em seu livro *Nação e Consciência Nacional*,¹ faz uma brilhante análise e uma construção histórica sobre os processos e origens do nacionalismo. Propõe que a identidade nacional é uma "comunidade imaginada", que as diferenças entre as nações residem nas formas diferentes pelas quais elas são imaginadas. Ou seja, há uma tendência em criar uma

construção fechada e fixa para a descrição de cultura de uma sociedade, de uma identidade ou cultura nacional.

Conforme conceitualiza Anderson (1983), a nação é uma comunidade política imaginada – é imaginada como implicitamente limitada e soberana. Nesse sentido, até mesmo a maior nação que abarca talvez um bilhão de seres humanos, possui fronteiras finitas, ainda que elásticas, para além das quais encontram-se outras nações, nenhuma nação se imagina coextensiva com a humanidade. É imaginada como soberana, porque o conceito nasceu numa época em que o iluminismo e a Revolução estavam destruindo a legitimidade do reino dinástico hierárquico, divinamente instituído, “o penhor e o símbolo dessa liberdade é o Estado soberano” (p.16). Finalmente, a nação é imaginada como comunidade porque, sem considerar a desigualdade e a exploração que atualmente prevalecem em todas elas, a nação é sempre concebida como um companheirismo profundo e horizontal.

Já para Guimarães (2008), nação, em seu sentido político moderno, é uma comunidade de indivíduos vinculados social e economicamente, que partilham certo território, que reconhecem a existência de um passado comum, ainda que diverjam sobre aspectos desse passado; que têm uma visão de futuro em comum; e que acreditam que esse futuro será melhor se mantiverem unidos do que se separarem, ainda que alguns aspirem modificar a organização social da nação e seu sistema político, o Estado.

Quando falamos sobre identidade, nações, outro conceito importante que entra nessa reflexão é a questão da memória. Michel De Certeau, em seu livro *A invenção do cotidiano*, traz uma excelente análise sobre a questão da linguagem, sobre culturas populares, práticas de espaço e diversos conceitos, como a questão da memória e a ocasião. Segundo o autor, a *métis*¹ aponta com efeito para um tempo acumulado, que lhe é favorável, contra uma composição de lugar que lhe é desfavorável. Assim, a sua memória continua

¹ “Na relação de forças onde intervém, a *métis* é ‘a arma absoluta’, aquela que vale a Zeus a supremacia sobre os outros deuses. É um princípio de economia: com o mínimo de força, obter o máximo de efeito [...] essa relação econômica enquadra a *métis* e não tanto indica seu alcance. A ‘volta’ ou retorno que leva a operação do seu ponto de partida (*menos* força) até seu termo (*mais* efeito) implica em primeiro lugar a mediação de um saber, mas um *saber* que tem por forma a duração de sua aquisição e a coleção intermináveis dos seus conhecimentos particulares (DE CERTEAU 1998, p.157)”.

escondida até o instante em que se revela, o que o autor chama de “momento oportuno”, de maneira temporal, embora contrária ao ato de se refugiar na duração – o resplendor dessa memória brilha na “ocasião”. Para De Certeau, a ocasião é um nó tão importante em todas as práticas cotidianas, como nos relatos “populares”. Sobre a questão do espaço e tempo, o autor monta um pequeno esquema em forma de uma série paradigmática – “na composição de lugar inicial (I), o mundo da memória (II) intervém no momento oportuno (III) e produz modificações do espaço (IV)” (DE CERTEAU, 1998 p.160).

Quando recorremos a um conjunto de lembranças, em um evento que compartilhamos com mais pessoas, podemos nos apoiar nas lembranças dos outros, conforme cita Halbwachs (1990), nossas lembranças permanecem coletivas e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem, segundo Halbwachs.

Uma ótima referência sobre a questão da identidade nacional, em termos de Brasil, é a contribuição de Renato Ortiz (1994) quando fala de cultura popular, a questão da memória coletiva perpassa esse debate e, conforme cita, “Em diferentes épocas, e sob diferentes aspectos, a problemática da cultura popular se vincula à identidade nacional” (ORTIZ, 1994, p.127). Nesse sentido, o autor propõe aproximar a noção de memória à problemática da cultura popular do Estado, através da relação entre memória coletiva e memória nacional, assim o autor faz uma análise crítica à afirmação de que o nacional se definiria como a conservação “daquilo que é nosso”, isto é, a memória nacional seria o prolongamento da memória coletiva popular. Para tal, Ortiz vai utilizar o candomblé e outras manifestações folclóricas como exemplo. Conforme cita, o candomblé tende a manter uma tradição fixada nos tempos passados, a questão dessa dimensão de preservação da tradição “se manifesta na sua estrutura de culto assim como na ênfase que se dá à transmissão oral do conhecimento” (p.132). Assim como no candomblé e em diferentes tradições em distintas épocas e sociedades, essa transmissão oral

da cultura, de um “ritual”, desse conhecimento, vai sendo reproduzida e acessada através da memória.

Para o autor, nesse processo de transmissão do ritual, haverá os indivíduos que detêm a totalidade de tal conhecimento (ou parte dele) desta memória, enquanto outros, os neófitos, são pouco a pouco iniciados neste universo de saber. Mas esse não é um processo estático, e mesmo com as mudanças através do tempo, o cerne desse conhecimento costuma se manter.

Seguindo o debate, Ortiz cita Halbwachs (1939) que considera que, além de a memória coletiva se apresentar como tradição, ela se estrutura internamente como uma “partitura musical”;

[...] isto nos possibilita apreendê-la como um sistema estruturado, no qual os atores sociais ocupam determinadas posições e desempenham determinados papéis. O produto da rememorização, a sinfonia final, é o resultado das múltiplas ações de cada agente (músico) em particular, no entanto, o músico executa algo que se encontra programado de antemão. A perspectiva enunciada se aproxima da concepção que Goffman possui as dramatizações da vida cotidiana. É na trama da interação social que o teatro da memória coletiva é atualizado (ORTIZ, 1994, p.133)

Nessa lógica, é necessário considerar que a memória coletiva deve necessariamente estar vinculada a um grupo social determinado, segundo o autor, “a memória coletiva só pode existir enquanto vivência, isto é, enquanto prática que se manifesta no cotidiano das pessoas.” A tradição se caracteriza por sua pluralidade, segundo Ortiz, “a cultura popular é heterogênea, as diferentes manifestações folclóricas não partilham um mesmo traço comum, tampouco se inserem no interior de um sistema único” (ORTIZ, 1994 p.133-134).

No entanto, essa vinculação da memória coletiva à memória nacional são construções simbólicas que na verdade não podem ser vinculadas, ou melhor dito, não deveriam ser vinculadas, pois o Estado é um agente que vai atuar com elementos ideológicos baseado na história, diferente da cultura popular, da memória desses grupos, assim, Ortiz cita que,

[...] a memória nacional se colocada na perspectiva da conservação dos valores populares não se identificaria por fim à própria memória popular? [...] A memória coletiva é da ordem da vivência de um grupo social restrito; a memória nacional se

situa em outro nível, ela se vincula à história e pertence ao domínio da ideologia (ORTIZ, 1994, p.135).

Assim, a memória nacional e identidade nacional são construções de segunda ordem, estas dissolvem a heterogeneidade da cultura popular na univocidade do discurso ideológico. Então, aquela “essência da brasilidade que buscava Corbisier (Roland) é uma construção, e como tal não pode ser encontrada como realidade primeira da vida social” (ORTIZ, 1994, p.138).

Sobre essa vinculação que era feita sobre a memória nacional e a cultura popular, Ortiz aclara que ao colocarmos a identidade como um elemento de segunda ordem, estamos implicitamente nos referindo aos agentes que a constroem. Pois, se existem duas ordens de fenômenos distintos, o popular (plural) e o nacional, é necessário um elemento exterior a essas duas dimensões que atue como agente intermediário, assim,

A memória nacional opera uma transformação simbólica da realidade social, por isso não pode coincidir com a memória particular dos grupos populares. O discurso nacional pressupõe necessariamente valores populares e nacionais concretos, mas para integrá-los em uma totalidade mais ampla [...] o Estado é a totalidade que transcende e integra os elementos concretos da realidade social, ele delimita o quadro de construção da identidade nacional (ORTIZ, 1994, p.138-139).

Por fim, o autor cita que o processo de construção da identidade nacional se fundamenta sempre numa interpretação, “a cultura enquanto fenômeno de linguagem é sempre passível de interpretação, mas em última instância são os interesses que definem os grupos sociais que decidem sobre o sentido da reelaboração simbólica desta ou daquela manifestação” (ORTIZ 1994, p. 139).

Outro conceito que perpassa essa análise é a questão da etnicidade, tendo em vista que trabalhamos com grupos culturais, movimentos e identificações, apoiando-me no livro de Philippe Poutignat, trago alguns elementos importantes para esse conceito. O autor faz uma análise sobre as teorias de Etnicidade sob a visão de Frederik Barth, importante antropólogo que desenvolveu uma importante pesquisa sobre grupos étnicos e suas fronteiras. Segundo Philippe, a contestação do primordialismo pelas teorias interacionistas se deve especificamente ao fato de que, longe de ser uma qualidade inerente à pertença, adquirida uma vez por todas desde o

nascimento, segundo o autor, “a etnicidade é um processo contínuo de dicotomização entre membros e *outsiders*, requerendo ser expressa e validada na interação social” (POUTIGNAT, 1997, p.111). Para esse autor, Barth busca enfatizar os aspectos generativos e processuais dos grupos étnicos. Cita que estes não são considerados como grupos concretos, mas como tipos de organização baseados na consignação e na autoatribuição dos indivíduos às categorias étnicas. Sua abordagem pressupõe o contato cultural e a mobilidade das pessoas e problematiza a emergência e a persistência dos grupos étnicos como unidades identificáveis pela manutenção de suas fronteiras. Assim, “essa inversão de problemática coloca o processo de atribuição categorial e de interação no centro da análise” (POUTIGNAT, 1997, p.112).

Sobre as fronteiras dos grupos étnicos, o autor fala da importância que é a transposição das fronteiras étnicas pelos indivíduos, esta não coloca em causa necessariamente sua pertinência social. No entanto, Philippe cita que,

Por outro lado, é razoável pensar que as fronteiras entre os grupos são tanto menos permeáveis quanto mais a organização das identidades étnicas esteja ligada à divisão diferencial das atividades no setor econômico. Quando as identidades étnicas estão fortemente correlacionadas a um sistema de estratificação socioeconômico (ou seja, quando as características fenotípicas ou culturais são associadas de maneira sistemática a posição de classe), a fronteira étnica superpõe-se à fronteira social, uma reforçando a outra. Neste tipo de situação, a transposição da fronteira étnica é tão mais difícil, que irá implicar uma dissonância entre categorização social e categorização étnica. (POUTIGNAT, 1997,p.155).

Neste mesmo livro, Poutignat traz os argumentos de F. Barth para tratar dessa temática, trazendo um texto que é a introdução de uma obra coletiva dirigida por Barth: *Ethnic groups and boundaries*. Nas palavras de Barth,

[...] através de pesquisas sobre fronteiras étnicas, é demonstrado a inadequação daquela visão simplista de que o isolamento geográfico e social tenham sido fatores críticos para a sustentação da diversidade cultural, como acreditava-se anteriormente(POUTIGNAT, 1997,p.187).

Segundo Barth, através dessas pesquisas, fica claro que as fronteiras persistem, apesar do fluxo de pessoas que as atravessam. Em outras palavras, as distinções de categorias étnicas não dependem de uma ausência de mobilidade, contato e informação, mas acarretam processos sociais de exclusão e de incorporação pelos quais categorias discretas são mantidas,

apesar das transformações na participação e na pertença no decorrer de histórias de vidas individuais. Descubrem, também, que relações sociais estáveis, persistentes e muitas vezes de uma importância social vital, “são mantidas através dessas fronteiras e são frequentemente baseadas precisamente nos estatutos étnicos dicotomizados”. Em outras palavras, as distinções étnicas não dependem de uma ausência de interação social e aceitação, segundo o autor, mas são, pelo contrário, frequentemente as próprias fundações sobre os quais são levantados os sistemas sociais englobantes. Nas palavras de Barth, “os grupos étnicos são categorias de atribuição e identificação realizadas pelos próprios atores e, assim, têm a característica de organizar a interação entre as pessoas” (POUTIGNAT, 1997, p.189).

Outra contribuição sobre essa temática é de Manuela Carneiro da Cunha, em seu livro *Antropologia do Brasil mito, história, etnicidade*. A autora chega à conclusão de que não se pode definir grupos étnicos a partir de sua cultura, embora a cultura entre de modo essencial na etnicidade. Segundo cita,

[...] foram essas considerações que levaram antropólogos interacionistas, como Moerman e Barth, a definirem adequadamente a identidade étnica em termos de autodescrição: assim, é índio quem se considera índio. Sartre já dizia o mesmo dos Judeus (CUNHA, 1987, p.101).

Manuela traz a questão da cultura, sendo que esta não é algo dado, posto, algo dilapidável, mas algo constantemente reinventado, recomposto, investido de novos significados, é preciso perceber a dinâmica, a produção cultural. A construção da identidade étnica extrai assim da chamada tradição, elementos culturais que, sob a aparência de serem idênticos a si mesmos, ocultam o fato essencial de que, fora do todo em que foram criados, seu sentido se alterou. Portanto, Manuela conclui que,

[...] não mais que estes outros grupos, a etnicidade não seria uma categoria analítica, mas uma categoria “nativa”, isto é, usada por agentes sociais para os quais ela é relevante, e creio ter sido um equívoco reificá-la como tem sido feito, destino que,

aliás, partilha com outras categorias nativas como ela.
(CUNHA, 1987, p.107).

Nesse sentido, penso que para a presente pesquisa que envolve as questões nacionais e identitárias de um grupo que está de certa maneira envolvido em uma situação de fronteira, o debate acerca dos grupos étnicos é relevante. Não me aprofundarei sobre esse conceito, mas a questão de tratar a etnicidade como uma categoria “nativa” é de extrema importância, pois envolve a autoatribuição como forma identitária.

No próximo capítulo, trago a discussão teórica acerca da antropologia visual, imagens, usos e possibilidades para agregar no discurso analítico no campo da antropologia.

1.2 ANTROPOLOGIA VISUAL E DA IMAGEM: A FOTOGRAFIA COMO FORMA DE NARRATIVA NA PESQUISA ETNOGRÁFICA

Minha contribuição acerca deste tema é, minimamente, fazer uma reflexão sobre o que vem sendo discutido, alguns questionamentos, usos e importâncias em relação às representações imagéticas, o quão agregam e incitam outras fontes e perspectivas nos discursos antropológicos. Descrevo algumas das minhas percepções e, munida de quaisquer pretensões de abordar “todas” as possibilidades, tendo em vista a complexidade dessa temática, farei alguns recortes, bem como deixo claro minha posição de que não é intento fazer toda uma construção histórica sobre a antropologia visual. Nesse sentido, o que busco e trago são questionamentos justamente para fazer uma reflexão, não em busca de respostas, mas em dar alguns sentidos, e dentro dos limites que permeiam, levantar algumas hipóteses e aclarar sobre as apropriações que se dão acerca das representações imagéticas. Abordarei de maneira mais geral sobre o vídeo e o filme etnográfico, no entanto adentrarei mais sobre os usos da fotografia e sua dimensão narrativa.

Dito isso, ao se buscar um “marco” no campo científico, a antropologia visual - como disciplina, ferramenta e meio de produção de conhecimento - é comumente citado Margaret Mead.

A intelectual foi uma das primeiras em chamar a atenção para utilização de imagens e outras tecnologias como outra forma de narrativa no discurso analítico além da descrição textual. Conforme versa Mead (1979), a antropologia, que reúne várias disciplinas – designadas de maneiras diferentes, e constituiu-se, de acordo com cada país, em antropologia cultural, antropologia social, a etnologia, a etnografia, arqueologia, linguística, antropologia, folclore, história social e físico, geografia humana – implícita e explicitamente, aceitou a responsabilidade de recolher e preservar documentos de povos sem escrita, isolados em montanhas ou selvas tropicais. Segundo a autora, estamos cientes do desaparecimento inevitável de modos de vida tradicionais, pois, como afirma, nunca haverá pesquisadores suficientes para coletar vestígios destes universos. Nesse sentido, Mead traz a questão do

trabalho de campo e suas dificuldades, como, por exemplo, de clima e condições difíceis e adversas. Assim, surge a necessidade de usar as tecnologias em favor do pesquisador, por conseguinte, afirma que:

[...] anthropologue s'empresse d'utiliser dans son domaine des méthodes nouvelles qui simplifieraient ou amélioreraient son travail de terrain. De même que les méthodes de datation devinrent profitables aux archéologues, le phonographe, la radio, le magnétophone aux musicologues et aux linguistes, de même la photographie, le film et la vidéographie devraient l'être aux ethnologues. Les bonds fantastiques accomplis dans chaque domaine grâce à l'emploi de techniques nouvelles sont si concluants (ainsi le carbone 14 remplace la dendrochronologie, le magnétophone le rouleau de cire, la caméra synchrone l'appareil à plaques photographiques (MEAD, 1979, p. 13).

Em relação aos métodos e ferramentas utilizadas pelo antropólogo em sua etnografia, Mead ressalta, além da fotografia, a importância fílmica, bem como as dificuldades e esforços para conseguir fundos para o desenvolvimento deste tipo de trabalho. Conforme cita sobre os filmes etnográficos, esses já estavam sendo explorados, como, por exemplo, por Gregory Bateson, John Marshall, e mais contemporâneos como Jean Rouch, (e mesmo a própria Margaret Mead que “militava” sobre essa questão). Mediante esse cenário, Mead questiona o porquê dessa resistência ao cinema etnográfico, a posição e a insistência em *l'on continue à prendre des notes*. Qual seria o problema? Conforme descreve, uma das questões seria o aferry para as descrições escritas, e, em meio a trabalhos em ambientes de transformação rápida, o antropólogo contava apenas com a memória de seus informantes.

Pensemos na complexidade de descrever em palavras (o que travamos como pesquisadores) uma “dança de guerra”, festas canibais, por exemplo. Assim como Lévi-Strauss, que muito dedicou seu trabalho sobre Mitos através de *transcriptions livresques*, conforme argumenta Mead, e ainda, baseado em palavras, os informantes não tinham outra maneira para a descrição, não contavam com fotografias, assim a antropologia tornou-se uma ciência verbal.

Outra questão que poderia explicar essa resistência, aponta Mead, é que *“photographie et réaliser un film exigent une spécialisation, une habileté, un don plus grands que le simple fait d'enregistrer au magnétophone ou de prendre des notes”* (MEAD, 1979, p. 15), ou seja, como se o antropólogo não

tivesse a capacidade de utilizar a câmara ou a habilidade para fazer os registros. Claro, a partir daí, poderíamos entrar em outro debate sobre posição da câmara, enquadramento, olhar e as perspectivas do antropólogo, mas não adentrarei nesta esfera. Ainda sobre a questão do cinema, Mead traz como mais uma explicação das ressalvas sobre os filmes etnográficos, que seria a questão dos custos. Alega-se que o custo tempo e o dinheiro necessário para filmagem, bem como equipamentos seriam elementos que dificultavam para operação do mesmo. Outra questão referente ao filme etnográfico concerne em relação à “equipe”, quando há a presença do cineasta ou alguém específico para operar a câmara junto com o antropólogo, segundo ressalta Mead, o melhor resultado para a produção desse material seria quando o etnógrafo e o cineasta são a mesma pessoa, ainda:

Rapporter un minimum de faits enregistrés, photographiés, ou filmés (à l'aide du magnétoscope lorsque c'est techniquement possible), pourrait être normalement exigé de toute étude de terrain. Une telle exigence ne donnerait peut-être lieu qu'à la réalisation d'un petit nombre de films grandioses, artistiques, ou d'une grande valeur scientifique et humaniste. Mais des travaux récents en Nouvelle-Guinée comme ceux de William Mitchell et de Donald Tuzin, ont démontré qu'il est possible d'allier une bonne analyse ethnographique traditionnelle à la photographie, l'enregistrement sonore et le cinéma (MEAD, 1979, p. 17).

Ou seja, falamos da possibilidade de unir e agregar as formas tradicionais de etnografia com a utilização das tecnologias que servem para somar-se no trabalho de campo – falando não só do vídeo, como também da fotografia e de outras mídias. Nesse sentido, a autora destaca em como foram evoluindo essas questões na captação de dados, ainda que, ao mesmo tempo, já na época dos “pioneiros” como Malinowski, se via a utilização de técnicas mais modernas, cita que:

Mais il fut un temps où l'ethnologue avait, sur le terrain, à combattre un grand nombre de maladies dont il est aujourd'hui immunisé grâce aux vitamines. Par ailleurs, les distances immenses qui séparaient le lieu de résidence du terrain d'étude se réduisent considérablement. Les carnets de terrain des pionniers, ceux de Malinowski (aux Trobriands), de Deacon (qui mourut d'hématurie aux Nouvelles- Hébrides), et d'Olsen (continuellement souffrant sur les hauts plateaux des Andes), témoignent suffisamment de l'apport des techniques modernes (MEAD, 1979, p. 17).

Assim sendo, Mead afirma que, com os dados visuais e auditivos anotados, armazenados e reproduzíveis, nós podemos analisar outras vezes

cuidadosamente a mesma informação. Bem como instrumentos para maior precisão que enriquecem nosso conhecimento do universo, e uma melhor maneira de preservar estes documentos culturais preciosos que podem informar o nosso conhecimento e valorização da humanidade. Sendo assim, ressalto a importância da autora que “alertava” sobre as possibilidades e a necessidade da criação de um desdobramento da antropologia que desenvolva as potencialidades e tipos de discursos com diferentes mídias e ferramentas imagéticas na esfera das ciências sociais e principalmente da antropologia.

Uma das vicissitudes que se trava na discussão sobre a antropologia visual, por parte de um setor mais “tradicional” da antropologia, versa a ideia de que tais mídias e técnicas “substituiriam” o texto. Já é sabido que a antropologia visual agrega e traz novas possibilidades para o campo científico, sem renunciar o discurso escrito. Apoiando-me no trabalho de Etienne Samain – “Ver” e “dizer” na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia – trago algumas perspectivas com as quais me identifico, buscando no “pioneiro” Malinowski, como o mesmo vem a acrescentar para o debate da antropologia visual.

Samain (1995) disserta sobre certas questões procurando delinear alguns caminhos críticos referentes aos usos das imagens (fotográficas em especial) no campo das ciências humanas, focando no papel desempenhado pela fotografia nas obras clássicas de Malinowski – como o antropólogo encarava a fotografia, bem como o lugar que alocava e a que funções a destinava dentro de seu próprio discurso antropológico.

A utilização da imagem pura e simplesmente ilustrativa não tem por objetivo seu uso no trabalho científico para a antropologia visual. Ter o registro fotográfico, por exemplo, para “provar” que o antropólogo realizou seu trabalho de campo limita o uso e as potencialidades que a imagem pode revelar mediante as interpretações e as perspectivas que a mesma suscita. Dizer que a fotografia pode ser “muito subjetiva”, não condiz para seu possível rechaço, ora, o texto escrito não é subjetivo?

O que precisa ser aclarado é justamente que a fotografia, sim, pode trazer inúmeras leituras, mas o olhar do antropólogo – que carrega suas

perspectivas ao fazer o registro – assim como no texto escrito, abre um leque de possibilidades em que o leitor é “convidado” a refletir sobre a análise do pesquisador. Embora haja uma circularidade na fotografia, no sentido de revelar uma história (seja num retrato, ação em grupo, local, elementos ou objetos, etc.), ao mesmo tempo carrega certa objetividade, no sentido de que a intencionalidade de congelar aquela imagem, momento e seus símbolos tem um propósito, pois quer mostrar, expor “algo”. O que o antropólogo busca com aquele registro?

Conforme Samain reconhece, provavelmente, por mais algumas décadas persistirão reservas levantadas pela antropologia clássica em relação à criação de uma antropologia visual. O autor cita que “já há 20 anos Margaret Mead denunciava esse ‘esmagador *parti-pris* verbal da antropologia’ e a fixação devota – para não dizer fetichista – que esta consagrava às virtudes da escrita” (SAMAIN, 1995, p. 24). O autor alerta sobre dois pontos convergentes nesse diálogo: por um lado há os pesquisadores que não têm uma formação consistente na área da antropologia, e, se arriscam na antropologia visual, em contrapartida, há antropólogos que possuem uma formação sólida, mas que enjeitam a fundação de uma antropologia visual.

Assim, busco sempre reforçar que o que está em “disputa” é a consolidação, ou melhor, a legitimação de um campo que – atualmente está mais estabelecido – no entanto ainda produz “ressalvas” na esfera das ciências sociais. Nesse sentido, não devemos observar sob o prisma de um “cabo de guerra” no qual um lado necessita “vencer” o outro, assim como não se superestima a imagem ou mídias visuais, tampouco se desmerece a escrita. A antropologia visual não intui a supressão do texto escrito e, sim, que ambos os modelos, formas, ferramentas de análise coexistam e possam estar imbricados, trabalhando em conjunto.

Dando seguimento, ainda referindo-se as contribuições de Mead acerca dos “rumos” da antropologia e dos discursos analíticos, o autor cita:

O que Margaret Mead, dessa maneira, pressentia e intuía na época, é que chegava o momento onde não bastaria “falar e discursar” em torno do homem, apenas “descrevendo-o”. Haver-se-ia de “mostrá-lo”, “expô-lo”, “torná-lo visível” para melhor conhecê-lo, sendo a objetividade de tal

empreendimento não mais ameaçada pelo “visor” da câmera do que pelo “caderno de campo” do antropólogo (SAMAIN, 1995, p. 25).

Seguindo essa lógica, a questão é: porque não utilizar os meios de comunicação possíveis na pesquisa em vez de reproduzir (e/ou) rechaçar o outro se as tecnologias podem somar-se?

Sobre os usos da fotografia, pautando na experiência de Malinowski, especificamente na sua pesquisa sobre as ilhas Trobriand, Samain aponta que o antropólogo não era um amante da fotografia, tinha sua preferência por desenhar e escrever, no entanto Malinowski trazia consigo sempre sua câmera e sempre planejava suas fotografias. A sua apropriação das imagens para sua análise era da seguinte maneira: não as utilizava como um apêndice ou uma parte anexa no final do livro como uma condensação de fotografias, tinha, pois, o cuidado de relacionar foto e texto de trazer uma circularidade entre ambos, conforme cita o autor,

Malinowski ordena com rigor suas pranchas dentro de seu texto, procurando uma simbiose máxima entre o que diz seu texto e o que sustenta visualmente o documento pictórico a que remete. Em outras palavras, existe na utilização que Malinowski faz de suas fotografias, algo que ultrapassa – e de longe – a simples ilustração. [...] para Malinowski, o verbal e o pictórico (desenhos, esquemas e fotografias) são cúmplices necessários para a elaboração de uma antropologia descritiva aprofundada. Tal osmose é capital para ele. O texto não basta por si só. A fotografia também não. Acoplados, inter-relacionados constantemente, então sim, ambos proporcionarão o sentido e a significação (SAMAIN, 1995, p. 33–34).

Nesse sentido, conforme cita o autor, era sempre buscada uma constante aliança entre o texto e a fotografia (imagem), uma união, que “longe de instaurar a redundância e a duplicação, representa, a seu ver, o indispensável esforço para se aproximar, mais seguramente, dos homens e dos fatos sociais que estuda” (SAMAIN 1995, p. 37), ou seja, há uma funcionalidade.

Em contraposição, explorando outras maneiras de apropriar-se da imagem, seus usos e funções, trago o contemporâneo Robinson Achutti – antropólogo e fotógrafo, atualmente professor na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – que nos brinda com a *fotoetnografia* levando a outro “extremo” a questão das formas e usos da imagem, o mesmo evidencia a

utilização da fotografia sem recurso escrito, de forma sequencial, como uma narrativa fotográfica.

Conforme Achutti (2004) apresenta outra forma de apropriação do discurso imagético. O autor explora a fotografia como forma de interpretação e descrição do que se vê em campo, não “apenas os dados coletados”, mas como “textos visuais”, construídos pelo antropólogo como forma de restituição de determinada realidade. Em seu livro, Achutti ressalta que, pelo formato de separação entre texto e fotos, com a fotoetnografia temos uma perspectiva diferente. Afirma que as duas linguagens devem ter uma autonomia entre si para que se aproveite ao máximo seus potenciais narrativos, sendo que, para compor a narrativa fotográfica, não devemos incluir nenhum texto juntamente com as imagens.

Em sua pesquisa de doutorado, realizada na Biblioteca Jardim, localizada na França, Achutti faz um lindo e importante trabalho utilizando a fotoetnografia como metodologia. Conforme cita,

Uma narrativa fotoetnográfica deve se apresentar na forma de uma série de fotos que estejam relacionadas entre si e que componham uma sequência de informações visuais. Série de fotos que deve se oferecer apenas ao olhar, sem nenhum texto intercalado a desviar a atenção do leitor/espectador. Essa preocupação não impede que certas informações escritas possam ter sido anteriormente dadas àqueles que vão mergulhar na narrativa visual, isto é, a justaposição dessas duas formas narrativas é possível e mesmo desejável, mas é importante notar que o ideal seria que cada tipo de escritura fosse oferecido ao leitor separadamente, de forma que cada uma conservasse todo o seu potencial (ACHUTTI, 2004, p. 109).

A fotografia, segundo Achutti, é a “materialização de um olhar”, o “discurso de um olhar” (ACHUTTI, 2004, p. 111). Nesse sentido, o potencial atribuído à fotografia reflete na importância da mesma e na sua pluralidade – como ferramenta, método, discurso, etc.

Retomando e fazendo relação com o “pioneiro” Malinowski, conforme intui Samain, “o que Malinowski nos oferece de mais primoroso é justamente o fato de ter posto em evidência o inter-relacionamento fotografia e texto no discurso antropológico e, por extensão, no discurso científico em geral”

(SAMAIN 1995, p. 44–45). Ou seja, a forma de apropriação imagética se revela de distintas posições e formas. Para Achutti (2004), o uso de uma narrativa fotográfica sem a utilização de texto por entre meio (*fotoetnografia*) traz e explora um potencial de uma “escrita fotográfica”, ele afirma que a narrativa deve ocorrer unicamente pelas imagens que apresentem, em si e entre si, para uma construção de sentido.

Seguindo essa lógica, destaco outros papéis que a fotografia pode revelar em determinadas pesquisas, como, por exemplo, para Claudia Magni (1995), que trabalhou sobre moradores de rua. Para ela, as fotos desempenharam um papel específico em sua pesquisa. A autora cita que devido o contexto em que iria trabalhar e suas perspectivas,

[...] não seriam relatos, depoimentos ou entrevistas que mais interessariam ao estudo, mas preferencialmente os comportamentos, gestos, atos e, em especial, a relação que os habitantes das ruas estabelecem com os espaços, os bens materiais e os seus corpos. Dados não-verbais, portanto, cujo registro não poderia se restringir ao diário de campo, mas deveria contar também com uma documentação visual detalhada (MAGNI, 1995, p. 142).

Através das fotografias, somado com suas observações e diários de campo, Magni aclara que esse conjunto lhe proporcionou uma melhor compreensão do “outro”, a fotografia intuo, para a autora, foi importante no seu processo de análise para essa busca de compreender seus sujeitos. Conforme a mesma avalia, “Cada detalhe das imagens, associado ao conjunto de dados, é importante para formar o tecido, o texto, o contexto etnográfico, que será tanto mais denso quanto melhor tramados forem seus fios (MAGNI, 1995, p. 143).

Claudia utilizou um pouco menos da metade de seu acervo fotográfico de maneira exposta em sua dissertação. Fez uso das imagens em conjunto com pequenos parágrafos tecendo aquela circularidade e simbiose entre texto e foto que já se via em Malinowski. Para a autora, sua intenção foi de fazer da comunicação um fluxo contínuo entre as duas formas de expressão: a visual e a escrita.

Em relação à fotografia – em sua dissertação sobre a *Fotografia como Instrumento de pesquisa na obra de Pierre Verger* – Gerlaine Martini (1999)

aborda sobre a fotografia etnográfica e seus usos, bem como o papel e o espaço para a linguagem fotográfica no campo científico. Segundo Martini (1999), há um longo debate sobre a definição do que seria a “linguagem” fotográfica, não há um consenso nem sobre uma sistematização do que seriam os elementos dessa linguagem, nem o que seriam as regras para sua articulação. Nesse sentido, a fotografia, enquanto sistema representacional, com seu caráter polissêmico, pode desempenhar diversas funções em diferentes campos do conhecimento.

Por conseguinte, a linguagem escrita acaba sendo mais priorizada em relação à imagética muitas vezes. Assim, conforme cita, a fotografia “se encontra distribuída em diversos campos de pesquisa das ciências humanas, sendo tratada como apêndice dentro do sistema privilegiado por esse campo, sem grande autonomia” (MARTINI, 1999, p. 26). Ou seja, aquelas “ressalvas” em relação a esse tipo de discurso se evidenciam quando observamos que no campo científico, de certa maneira, há o estigma em relação à imagem ou que ainda a vinculam como ilustração ou apêndice nos trabalhos acadêmicos.

Dando seguimento, podemos abordar uma questão importante sobre a fotografia, em relação à captação, no que concerne às diferenças a partir de sua produção e os tipos de utilização. Martini (1999) aclara essa questão citando Machado (1993) que a divide em três tipos de usos: uma refere-se às imagens captadas pelo pesquisador, e a segunda refere-se a outras fontes de documentos fotográficos. Segundo o autor, “a segunda opção, um tanto abrangente, pode incluir pesquisas anteriores e uma infinidade de imagens fotográficas que podem ter sido obtidas em outras funções sob infinitos pontos de vista cujo valor é predominantemente histórico” (MARTINI, 1999, p. 47). Por fim, o terceiro tipo são as imagens produzidas pelo sujeito pesquisado, que vão determinar, de alguma forma, o sistema visual ao qual pertence (*Ibid.* p.47), esse último geraria outro debate acerca das fotografias realizadas pelos sujeitos como outra possibilidade, mas não adentrarei nessa seara. A pluralidade e semântica desse tema acabam trazendo diversos desdobramentos e distintas proposições.

Para acrescentar ao debate sobre a utilização e produção de imagens e mídias visuais no campo científico e outras perspectivas acerca da antropologia visual, trago Gonçalves; Head (2009), na obra *Devires Imagéticos – a etnografia, o outro e suas imagens*, com algumas proposições. Este livro reúne diferentes trabalhos que realizaram etnografias e pesquisas e trazem análises utilizando diferentes mídias, problematizando acerca da importância que têm as imagens sobre a reflexão contemporânea das Ciências Sociais, bem como o papel das mídias visuais e audiovisuais nas reflexões antropológicas. Nesse diálogo, questiona-se “o que fazer com nossas próprias imagens fotográficas em relação aos textos que acompanham e as práticas e os saberes “nativos” que estes textos buscam abordar?” (GONÇALVES; HEAD 2009, p. 10). Essa, dentre outras proposições, faz com que o antropólogo reflita acerca de como empregar e quais papéis seus dados imagéticos e meios audiovisuais irão desenvolver no seu discurso analítico, bem como ter em mente a importância das mesmas como ferramentas discursivas, evidenciando-se como um sistema de representações e significados.

Nesse sentido, os autores também questionam sobre o uso da imagem, como ela é capaz de “afetar” (e até transformar) a prática antropológica. Pois, se uma imagem fotográfica pode ser lida “como” um texto, assim como o texto pode ser lido “como” uma imagem, é na “diferença” entre uma e outra que a potência de suas justaposições e ressonâncias reside, conforme apontam Gonçalves e Head (2009). Dessa maneira, vejo que independente do discurso que se utilizará (as ferramentas escrita e imagética), seja com aquela simbiose entre texto e imagem, ou seja, de maneiras autônomas, conforme propõe Achutti, tais discursos analíticos e representativos têm um poder e papel muito importante na pesquisa.

Trazer para o debate no campo científico sobre o papel e a importância da antropologia visual e suas inúmeras possibilidades, é providencial e ainda se faz necessário, pois dialogar sobre essas mídias, usos, limites dentre outros questionamentos são profícuos no cenário das ciências humanas. E, ao se falar nas perspectivas do antropólogo, independente das técnicas utilizadas em seu trabalho de campo, a lógica segue a mesma. Nesse sentido, creio que as lentes, tanto da câmera quanto do olhar e “visão” de cada pesquisador,

revelarão de maneiras distintas, assim como suas perspectivas e considerações acerca de determinadas temáticas, realidades, sujeitos, etc. Assim, ao optar por um determinado dispositivo analítico, nas considerações do pesquisador, continuará havendo (“parte” dele – visão de mundo, perspectivas, bagagem e trajetória acadêmica ou não), subjetividades, intenções, o “seu” olhar, o “seu filtro”.

Portanto, penso que devemos ter em mente quando estamos realizando a etnografia, quando estamos em campo as seguintes proposições: Qual nosso objetivo? Qual é a intenção e o que se está buscando com determinadas mídias visuais, discursos e narrativas imagéticas? Para que e para quem estamos escrevendo, expondo, mostrando? E qual é o nosso papel como pesquisador-sujeito no discurso antropológico?

No próximo capítulo, desenvolvi uma contextualização histórico-política de Porto Rico, bem como descrevo algumas particularidades da ilha e dados atuais para compreender o contexto analisado.

2 SOBRE PORTO RICO: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-POLÍTICA

Para descrever o contexto histórico de Porto Rico, utilizei como fonte minhas anotações da disciplina cursada na PUCPR, que abordava sobre a história e política de Porto Rico, bem como o livro utilizado pelo professor da disciplina que se chama *Gobierno de Puerto Rico*, da Carmem S. Ramos.

A história de Porto Rico foi marcada pela dupla colonização de seu território. Primeiramente, por cerca de quatro séculos a ilha fez parte do território espanhol (do século XVI até o final do século XIX). Após esse período, passou a fazer parte do território americano quando os Estados Unidos venceu a Guerra Hispano-Americana em 1898.

Geograficamente, Porto Rico é a menor das Antilhas Maiores² do Caribe, localizada na América Central a noroeste do mar do Caribe, a leste da República Dominicana e a oeste das Ilhas Virgens.



A “descoberta” da ilha por Cristóvão Colombo foi em 1493, transformando Porto Rico em colônia espanhola, mas a ilha já era habitada pela população indígena – os índios Tainos. Durante os primeiros processos coloniais, assim como no Brasil, Porto Rico também foi marcado pela exploração da mão de obra indígena, na qual dizimou milhares de nativos,

² Grandes Antilhas é a denominação utilizada para o grupo das quatro maiores ilhas situadas a noroeste do Caribe, as quais fazem parte: Porto Rico, Cuba, Jamaica e *Hispaniola* (dividida entre República Dominicana e Haiti). Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Grandes_Antilhas

“forçando” a Espanha a importar escravos vindos da África. Nesse sentido, comparando com o Brasil e outros países latino-americanos, a mescla do branco, negro e índio fazem parte da formação étnica dos porto-riquenhos.

Não havia muitos metais preciosos na ilha, mas havia muitas riquezas naturais, a importação de plantas e alimentos no século XVII e XVIII e principalmente a cana de açúcar – foi uma das principais fontes da exploração espanhola. Já no século XVIII, a economia começa a melhorar com a abertura de outros portos em 1804. Outro aspecto importante é a localização de Porto Rico, pois sua posição estratégica e suas riquezas foram fatores importantes para a visibilidade e a investida por parte de alguns países europeus. Por conseguinte, a ilha foi um ponto estratégico militar essencial e, nesse sentido, a metrópole passou a fortalecer-se construindo um forte na atual capital San Juan, chamado de “El Morro”, uma fortaleza que se tornou a base militar de Porto Rico e atualmente é um grande monumento histórico do país.

Dentre algumas heranças deixadas pelos espanhóis nos quatrocentos anos de soberania, dois importantes traços da cultura *boricua*³ foram o idioma e a religião, castelhano (espanhol) e catolicismo respectivamente.

Em relação ao último século de soberania espanhola, houve certos movimentos independentistas por parte dos porto-riquenhos no século XIX bem como em Cuba – também colônia da Espanha – com o desejo de mais autonomia, visando à independência e seus estabelecimentos como Estados-Nação. Paralelamente, visando ampliar seu território, os Estados Unidos intervêm no controle espanhol sobre Cuba e Porto Rico com o discurso de “auxiliar” as colônias a se independizarem e acabar com as crises econômicas e sociais. Logo, os americanos pressionam o império espanhol para que concedesse independência as suas colônias senão entrariam em guerra. Assim, no fim do século XIX, instaura-se a Guerra Hispano-Americana e,

³ A expressão *boricua*, vem do termo *Borinquen*, *Borikén* ou *Boriquén*, que era o nome que identificava a ilha atribuído pelos índios Tainos. Comumente, os porto-riquenhos ainda utilizam o termo *boricua* para referir-se ao porto-riquenho ou sua cultura.

obviamente, a maior intenção dos norte-americanos era expandir seu território e viu nas colônias da Espanha uma excelente oportunidade.

Com a vitória dos americanos, a Espanha necessitava pagar sua dívida com os Estados Unidos. Através do Tratado de Paris aprovado e assinado em 06 de fevereiro de 1898, ficou estabelecido que a Espanha renunciasse todo o direito de soberania e propriedade sobre Cuba e que cederia aos Estados Unidos a ilha de Porto Rico. Sendo assim, Porto Rico foi “moeda de troca” para os Estados Unidos. Agora, Porto Rico deixa de ser colônia espanhola e passa a ser colônia dos americanos – fazendo parte do território norte-americano. A ilha passa ao congresso dos Estados Unidos a determinação sobre o futuro político de Porto Rico.

Quando as tropas americanas chegaram a Porto Rico, foram recebidas com júbilo, pois a população pensava que seria tratada com mais justiça e liberdade, ao contrário do que ocorreu nos quatro séculos de dominação espanhola. Os porto-riquenhos se viam muito esperançosos com a chegada dos americanos e, segundo a proclamação do General Miles:

No hemos venido a hacer contra el Pueblo de un país que ha sido oprimido durante siglo, sino al contrario, a traer protección, no solo para vosotros, sino para vuestra propiedad, para promover vuestras propiedades y para procuraros los privilegios y bendiciones de las instituciones liberales de nuestro gobierno. No es nuestro proposito interferir en ninguna de las leyes y costumbres presentes que sean sanas y beneficiosas para vuestro Pueblo, mientras estén de acuerdo con las normas de la administración militar del orden y de la justicia. Esta no es una guerra de devastación sino una que persigue el dar a cuantos estén bajo del control de sus fuerzas militares y navalhes las ventajas y las bendiciones de la civilización ilustrada (RAMOS, 1970, p. 55–56).

Seu discurso causou um efeito positivo nos porto-riquenhos. Porém, a relação da ilha agora pertencendo ao território americano inicia, para o descontentamento da maioria da população, com um governo militar. O período de ocupação militar dos Estados Unidos na ilha durou dois anos, entre outubro de 1898 a maio de 1900.

Nos mais de cem anos de soberania estadunidense em Porto Rico, houve mudanças significativas, destaque, primeiramente, duas leis importantes que foram aprovadas nas primeiras décadas. A primeira foi no dia 12 de abril de 1900, a *Ley Foraker*, o congresso aprovou a primeira lei orgânica para

Puerto Rico, que estabeleceu um governo de sistema presidencial e parlamentar. Agora, Porto Rico possui um governo civil, porém submetido ao governo federal americano, ou seja, a soberania, em última instância, segue por conta da metrópole. Assim, a maioria das cadeiras eram ocupadas, na estrutura política, por representantes americanos. A segunda lei foi em 1917, a *Ley Jones*, o presidente Wilson assinou a segunda lei orgânica de Porto Rico. Essa lei incorporou a doutrina de separação dos poderes, criou uma “Carta de Derechos”, dentre outras medidas. Porém, a característica mais importante e que marcou significativamente a trajetória da ilha foi o estabelecimento, através dessa nova lei, da atribuição da cidadania americana para todos os porto-riquenhos.

Durante as décadas de 1930 e 1940, houveram alguns movimentos revolucionários e tentativas dos partidos socialistas, independentistas e nacionalistas, que visavam a independência da ilha, mas não obtiveram sucesso. Um ganho importante para a ilha, nesta época, foi em 1948, em que o povo pôde eleger o primeiro governador de Porto Rico, que foi Luiz Muñoz Marín, isso foi possível porque o Congresso americano concedeu esse direito.

Outro marco fundamental para a realidade histórico-política de Porto Rico foi em meados da década de cinquenta. Em 1951, a Ley 600 foi aprovada num referendo pelo povo de Porto Rico no dia 4 de junho. A assembleia constituinte aprovou a constituição em seis de fevereiro de 1952. Assim, foi modificado o *status* político do estado porto-riquenho, assumindo a designação de *Estado Libre asociado* (ELA). O novo *status* jurídico-político possibilitou uma maior autonomia na administração dos problemas locais, no entanto não rompeu com sua condição colonial.

Economicamente, Porto Rico passou de uma economia majormente agrícola, quando estava baixo a soberania espanhola, para uma economia manufatureira e industrial através da intervenção e influência estadunidense. Por conseguinte, devido aos processos de transição, houve períodos de muitos êxodos, tanto do campo para a cidade, como de migrantes da ilha para os Estados Unidos, pois, com a cidadania americana, os porto-riquenhos tinham “livre acesso a nova pátria mãe”. Muitos trabalhadores agrícolas migraram,

principalmente para a capital *San Juan*, acelerando e moldando o processo de urbanização da cidade. Houve movimentos maciços de migração de porto-riquenhos para os Estados Unidos depois da segunda guerra, o que para os norte-americanos era de muito “bom gosto”, pois viam os porto-riquenhos como excelentes mãos de obra barata. Isso ocorria devido à quantidade de trabalhadores até então, de “origem rural”, com baixa escolaridade, que “encaixavam-se” para os trabalhos menos “qualificados” e de baixa remuneração. Trarei em seguida alguns dados relevantes que demonstram a grande quantidade de porto-riquenhos que deixaram a ilha em busca de trabalho e foram residir nos Estados Unidos.

Dando seguimento, essa questão dos movimentos migratórios nos mostra que a experiência de diáspora é vivida na maioria das famílias porto-riquenhas. Essa questão remete a outro aspecto que será mais aprofundado no quarto capítulo, que concerne ao fato da estigmatização que muitos porto-riquenhos vivenciam quando estão em solo norte-americano, por serem cidadãos americanos, mas de segunda classe. Pois, independente de carregarem em seus documentos de identificação a denominação *ciudadão americano*, para muitos estadunidenses, são “apenas” latinos, “chicanos”⁴.

Por maior que seja o “cosmopolitismo” dos Estados Unidos, e por haver inúmeras comunidades de residentes de outros países (como por exemplo, as comunidades brasileiras, mexicanas, dentre outras), é bem sabido que a população latina ainda sofre muito preconceito em solo americano. E, tendo em vista a disponibilidade de acesso da população boricua para os Estados Unidos, as comunidades porto-riquenhas estão em grande número no país, principalmente em Nova Iorque.

Trazendo mais alguns aspectos políticos, a configuração partidária⁵ de Porto Rico está representada por três principais vertentes, que são elas: o PPD – *Partido Popular Democrático* – que defende o atual status de *Estado Livre Associado*; o partido composto pelos estadistas é o PNP – *Partido Nuevo*

⁴ O termo pejorativo *Chicanos* em referência aos mexicanos que vivem nos Estados Unidos, e no caso citado, em relação aos porto-riquenhos, os mesmo muitas vezes acabam por ser vistos como *aqueles que são todos iguais, latinos*, os que migram para os Estados Unidos, como se não houvesse diferenciação das sociedades.

⁵ Fonte: <http://www.resumosetrabalhos.com.br/partidos-politicos-em-porto-rico.html>

Progresista – o qual defende a integração⁶ de Porto Rico como um Estado americano, o termo em inglês é *statehood* (estatuto de Estado); por fim, os independentistas, o PIP – *Partido Independentista Puertorriqueño* – que luta pela independência da ilha. Devido à realidade atual de Porto Rico (ser um território não independente), fica evidente o quão demarcado são as facções pelo tipo de representação que *disputam* para representar a ilha. As configurações na esfera política são bem específicas. Atualmente, a ilha possui um governo próprio⁷, porém, devido a seu *status* político (ELA), o chefe de estado de Porto Rico é o Presidente dos Estados Unidos. No entanto, os porto-riquenhos residentes na ilha não têm o direito ao voto nas eleições presidenciais, mas os que residem nos Estados Unidos tem legitimidade para isso. O voto não é obrigatório, contudo as taxas de votantes nas eleições são geralmente altas, a população, de modo geral, faz questão de exercer seu direito a voto.

2.1 PARTICULARIDADES E DADOS ATUAIS SOBRE A ILHA

Porto Rico é uma pequena ilha com uma área de 9.104 km². De clima tropical, possui uma temperatura média anual de 25°C, traz em seu clima uma “atmosfera” alegre, calorosa e, segundo os próprios porto-riquenhos descrevem, aqui é “verão e/ou férias o ano inteiro”. A ilha é composta por uma diversidade de belezas naturais, possui desde regiões montanhosas, rios, cachoeiras, bosques, até suas praias e pequenas ilhas adjacentes banhadas pelo mar do Caribe. Dividida entre 78 municípios, a ilha possui sete principais cidades, que são: San Juan, Bayamón, Caguas, Carolina, Mayagüez, Ponce e Guayama, e fazem parte do território três ilhas adjacentes: Mona, Vieques e Culebra. Porto Rico é conhecido como *La Isla Del Encanto* (a Ilha do Encanto). Os porto-riquenhos se orgulham de viver num verdadeiro “paraíso tropical”, levam a expressão tão a sério que, por exemplo, em todas as placas dos

⁶ Integração de fato como um Estado americano, pois Porto Rico pertence ao território dos Estados Unidos, mas como território não incorporado.

⁷ O governador atual é Alejandro García Padilla do partido PNP, eleito em 2013, através da votação majoritária pelos residentes e nacionais porto-riquenhos, tendo fim de seu mandato em 2017.

veículos registrados em Porto Rico, abaixo do número de identificação tem o dizer, *Isla Del Encanto* e, ao fundo, a imagem de algum ponto turístico da ilha, como *El Morro*.

Nesse sentido, o turismo acaba sendo outra grande fonte econômica na ilha. Há um intenso trânsito de visitantes estrangeiros, pessoas de diversos países, mas observa-se um alto número de norte-americanos – devido à relação de seu país com a ilha. Para os estadunidenses, as belezas naturais e praias, o calor “latino” da ilha e das pessoas, as festas, juntamente com preços mais baixos de certos produtos na ilha, tornam Porto Rico atraente e um excelente lugar para visitar e tirar férias. Há diversas companhias de Cruzeiros, os destinos são variados, mas geralmente há uma grande busca pelas ilhas próximas que ficam na região caribenha. Comumente, em qualquer época do ano, se pode ver imensos Cruzeiros saindo de Viejo San Juan, os quais “já fazem parte” do cenário local.

De modo geral, o turismo como força vital para a economia endossa a questão bilíngue em Porto Rico, não só na capital San Juan, destino preferencial da ilha, o inglês está presente no cotidiano das pessoas de maneira naturalizada hoje em dia. Quando a ilha se tornou parte do território dos Estados Unidos, uma das pretensões dos americanos no começo de sua soberania em Porto Rico era a imposição da língua inglesa. Assim, nas escolas básicas, nas primeiras décadas, o inglês foi imposto como língua de instrução e, em termos de política educativa, essa imposição linguística ficou estabelecida de 1905 a 1916. No entanto, essa imposição não foi bem sucedida, a comunicação continuava se dando pelo espanhol – traço importante na identidade porto-riquenha. Atualmente, as duas línguas coexistem como línguas oficiais na ilha, há uma aceitação bem como mesclas (*spanglish*) e muitos anglicismos. Há aquelas pessoas que sabem bem os dois idiomas, como muitas sabem um pouco de inglês por parte dos anglicismos e palavras já estabelecidas no cotidiano e na comunicação coloquial entre as pessoas. São características bem peculiares. Nesse sentido, durante minhas observações e interações com as pessoas, e mesmo nas entrevistas que foram realizadas, em dados momentos escutava algumas palavras ou expressões em inglês. Inclusive, quando me dei conta, eu já estava habituada e “me peguei”

balbuciando algumas expressões corriqueiras que vinham nas falas e conversas. Também, quando estava em regiões mais turísticas, escutava muito inglês pelas ruas e diversas vezes fui questionada sobre alguma informação, em inglês, pois me viam como *boricua*, não outra estrangeira.

Sobre suas “raízes culturais” destaca-se grande influência africana em alguns aspectos, um exemplo que traz nas batidas dos tambores é o compasso que marca um dos ritmos musicais e de dança populares mais antigos na ilha que é a *Bomba*. Há também outro ritmo que deriva a partir da *Bomba* que é a *Plena*. Utilizei como fonte para complementar, sem muito me aprofundar sobre esses dois famosos ritmos, um texto retirado do *Smithsonian Institution*, na seção *Smithsonian Folkways* (versão online), publicado neste mesmo ano. Segundo o texto, *Puerto Rican Bomba and Plena Shared Traditions — Distinct Rhythms*, algumas pessoas confundem e citam os dois ritmos como se fossem o mesmo estilo musical, porém, eles têm suas diferenças. De qualquer maneira, a *Bomba* surge por herança dos escravos africanos do século XVII, em Porto Rico, como forma de expressão política e espiritual. Já a *Plena* surge no começo do século XX, no sul da ilha, “Plena lyrics are narrative. They convey a story about events, address topical themes, often comment on political protest movements, and offer satirical commentaries”. A *Bomba* e a *Plena* estão definidas como sons musicais da população *afro-porto-riquenha*, conforme é citado no texto.

Atualmente, podemos encontrar e ver apresentações de *Bomba* e *Plena*, mas em poucos eventos tradicionais, embora existam grupos que buscam manter a tradição viva, que ministram aulas tanto para ensinar a tocar e cantar, como a dançar e promovem apresentações ao ar livre. Lembrando que o baile é executado pelas mulheres, as mesmas utilizam saias longas e rodadas, e geralmente utilizam as cores da bandeira de Porto Rico; o vermelho, azul e o branco. Outro ritmo caribenho que faz parte da vida dos porto-riquenhos é a salsa. Porto Rico é porta voz de grandes cantores e cantoras de salsa que marcaram a história desse estilo musical. Uma pequena “rixa” e comumente escutamos chacotas em relação à origem da salsa na ilha, é que a salsa, conhecida por ter origem em Cuba, muitos boricuas afirmam que ela surgiu na ilha, mas no fim das contas não passa de “burlas”, pois os porto-riquenhos

admitem que a salsa surgiu em Cuba. Mas, ainda assim, alguns insistem em afirmar que ela surgiu na ilha. Andar pelas ruas da cidade e não escutar em alguns momentos ou alguma rádio uma salsa antiga tocando é quase impossível. O clima alegre e festeiro não mostra ser um exagero a ser citado. O *tropicaleo*, como dizem os porto-riquenhos, faz parte da identidade de Porto Rico, que é ir à praia, consumir muita cerveja, rum, escutar salsa, merengue, cantar e dançar, não importa onde, se faz uma festa com uma caixinha de som, gelo e *palo* (ou *trago*, referindo a alguma bebida alcoólica, geralmente feita à base de rum, com suco de frutas ou vodka). Sem intenção de criar um “estereótipo”, devido as minhas observações, essas características e situações, de fato, são realmente bem comuns e corriqueiras na ilha.

Além de festas, músicas e bebidas, as confraternizações também envolvem muita comida e, nesse sentido, cito alguns pratos e alimentos típicos que não podem faltar para o povo boricua. O plátano (o mais parecido para nós seria a banana verde – mas não é a mesma coisa) podemos dizer que é um dos alimentos de base na culinária porto-riquenha. Utiliza-se muito o plátano para diferentes pratos. Um exemplo de algo comum é para fazer *tostones*, que são rodela de plátano amassadas e fritas em formato de disco. Outro prato típico é o *mofongo*, utiliza-se o plátano amassado, temperado e cozido, visualmente parece uma “pasta” consistente e é acompanhado de algum molho com frango, carne ou frutos do mar. Outro prato a base de plátano é o *piñón*, seria uma lasanha recheada com carne moída, porém a massa por entre meio é feita de lascas de plátano. Podemos citar como o “prato de cada dia”, que é bem parecido com o que estamos acostumados no Brasil, arroz, feijão (habichuelas) e alguma carne, ou outro acompanhamento e saladas. As “frituras” são comuns em festas e festivais, são variados alimentos salgados e fritos.

Sobre algumas datas e feriados comemorativos, destaco o Natal, pois é a época mais festejada na ilha, escuta-se muito que o natal *mais longo do mundo* é em Porto Rico, que perdura até quase fim de janeiro. As festas *navideñas* (*navidad* é natal em espanhol) são famosas na ilha, visualmente, as cidades ficam bem ornadas e iluminadas. As mesmas já iniciam suas comemorações em novembro (começando com o dia de Ação de Graças)

depois vem o Natal, Dia de Reis, e segue até 16 dias depois do dia de Reis. Por entre esses dias, depois das festas de Reis, ocorrem também as *Fiestas de La Calle San Sebastian*, um evento nas ruas do bairro Viejo San Juan e principalmente na Rua San Sebastian, onde tem artesanatos, música, shows e comidas típicas durante 4 dias (de quinta a domingo). Algo comum nesta época são as chamadas *parrandas*, que são as festas familiares, que é quando a família se reúne em casa e festeja com comidas e músicas típicas entre seus familiares.

Um elemento importante a ser citado é a bandeira de Porto Rico. Talvez, pela situação da ilha como um território não independente, a força que possui e exerce para os porto-riquenhos é muito marcante, no sentido de afirmação de sua cultura. Conforme trabalhei no capítulo anterior, o nacionalismo cultural visto na ilha é bem forte, e o poder simbólico da bandeira, creio que traz certo conforto para esses sujeitos, pois “minha bandeira é minha pátria”, como afirmam alguns porto-riquenhos. Ter a bandeira em casa, mostrar, usar objetos, camisa ou alguma outra maneira visual de mostrar a bandeira ou as cores é bem comum e presente em Porto Rico. No capítulo 5, onde trago minha narrativa fotográfica, aparecerão alguns registros que fiz de como se via muito e se encontrava a bandeira de Porto Rico, bem como alguma outra forma de representação da mesma em diferentes lugares da ilha.

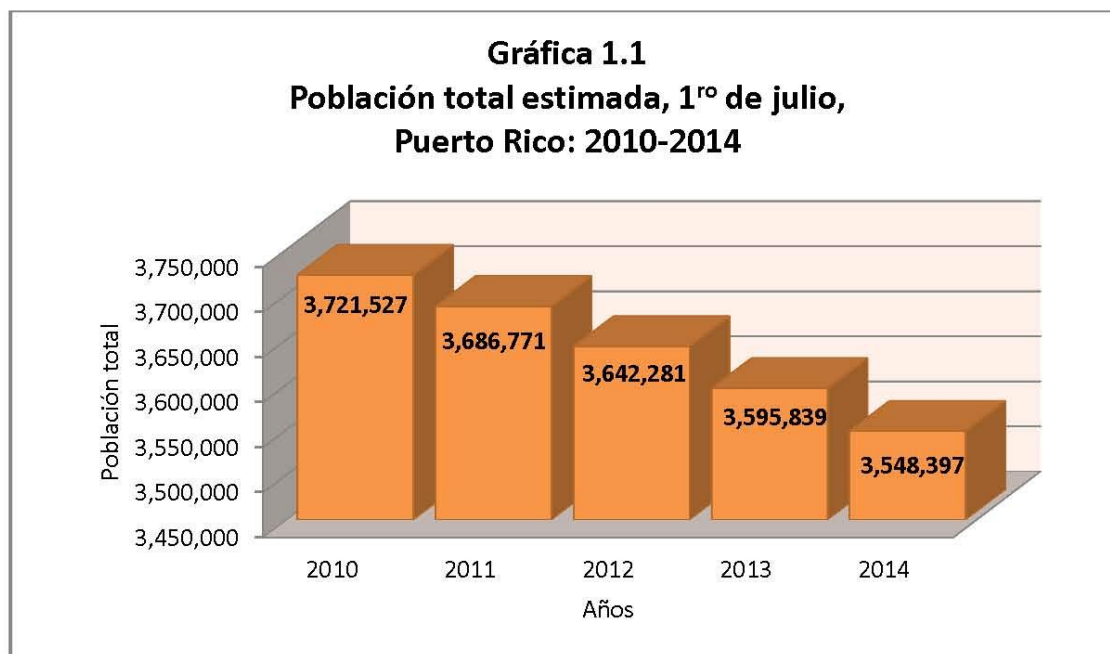
Trago agora alguns dados sociodemográficos extraídos do “Programa Graduado de Demografía – Recinto de Ciencias Médicas – Universidad de Puerto Rico”, atualizados neste ano de 2015. Esse Programa de Demografia utilizou como fonte o novo *Census PEPAGESEX- Puerto Rico: Annual Estimates of the resident Population, Puerto Rico: June, 2015*.

Quando soube pela primeira vez que havia mais porto-riquenhos nos Estados Unidos do que em Porto Rico, fiquei um pouco perplexa, mas depois de conhecer um pouco melhor a história da ilha, fui entendendo como e quais aspectos ocasionaram isso. Como havia citado na construção histórica de Porto Rico, houve alguns movimentos maciços de migração da população boricua para os Estados Unidos. Retomando, depois da Segunda Guerra, o grande movimento deu-se para Nova Iorque e para alguns países no nordeste

do país, segundo cita Rosa Pérez Perdomo, em seu texto *Os efeitos da migração*,

Posteriormente, a partir de 1960, os porto-riquenhos se espalharam por todos os Estados Unidos. No entanto, durante a década de 1990, o Estado da Flórida se transformou no segundo estado com a maior concentração de porto-riquenhos. Entre as razões citadas para esta mudança, estão a redução do setor de manufaturas, novas oportunidades de emprego em outros estados e os baixos impostos, ou sua inexistência, no Estado da Flórida (PERDOMO, 2006, p. 8).

No censo de 2000, a população total registrava 3.808.610, enquanto que, em 2010, houve uma diminuição, com o registro de 3.721.527 pessoas. Agora no último censo, houve mais uma queda em relação ao número estimado da população, que chega a 3 milhões 548 mil 397. Segue gráfico retirado do Programa Graduado de Demografia.



Fuente: Census, PEPAGESEX-Geography-Puerto Rico: Annual Estimates of the Resident Population, Puerto Rico: June, 2015

Desse número da população estimada, 1.696.634 são mulheres e 1.852.263 são do sexo masculino. A idade média da população fica em 38 anos, sendo que, em relação às mulheres, fica em 40 anos, e aos homens a idade média concerne em 36 anos. A expectativa de vida da população é de 79 anos.

Sobre a composição étnica da população, há declarado que 70,5% são de brancos (descendentes de espanhóis); 20,9% de mestiços e 8% de afro-caribenhos.

A composição religiosa em Porto Rico é majormente Católica, com cerca de 85% ; ficando em 15% de religiões protestantes e outras práticas religiosas de origem africana ou indígena.

Como já foi citado, a moeda oficial e corrente é o Dólar dos Estados Unidos da América - US\$. Segundo uma estimativa em 2011, o PIB (Produto Interno Bruto) é de US\$ 64,8 bilhões. E, de acordo com a estimativa em 2010, o PIB per capita é de US\$ 16.300.

Sobre a questão da educação, está estabelecido que até o nível secundário, o ensino em Porto Rico é gratuito e garantido pela constituição. A ilha possui mais de 1500 escolas públicas, dispõe do Departamento de Educação de Porto Rico, que é a principal instituição de ensino do país e opera a maioria das escolas públicas do país. O espanhol segue como a língua de ensino, porém a língua inglesa é uma disciplina obrigatória em todos os graus.

Em relação ao ensino superior, Porto Rico dispõe da mesma estrutura do sistema educativo universitário dos Estados Unidos, conserva os mesmos níveis e graus – titulações acadêmicas. Por conseguinte, a questão financeira também se assemelha. Os custos de cursar uma universidade particular são bem elevados. Nesse sentido, o país (por reflexo da soberania norte-americana) igualmente não possui muitos auxílios ou bolsas para possibilitar mais camadas da população a entrar em uma universidade – comparado com o Brasil que, atualmente, possui projetos e auxílios para ingressar no ensino superior. Na minha primeira experiência em Porto Rico, em 2013, pude observar que havia uma grande quantidade de estudantes que fazem empréstimos todo ano para conseguir pagar as mensalidades e taxas da universidade. Não tenho os dados quantitativos sobre esses números, mas o que posso citar é o que me chegava nas entrevistas que realizei e das pessoas com as quais interagi na universidade, que isso se revelou um hábito comum pelos estudantes, e que acaba por ser uma alternativa para aqueles que optam por seguir o ensino superior. Pois, mesmo dispondo de muitas escolas públicas

(ensino fundamental e médio), no ensino superior é diferente, a maioria das universidades em Porto Rico são privadas, existem poucas universidades ou centros acadêmicos públicos. Consequentemente, muitos jovens que conseguem finalizar seus estudos superiores, contraem uma dívida alta para ser paga posteriormente por um longo tempo.

Por outro lado, uma parcela de estudantes que tem disponibilidade (financeira) de cursar uma universidade fora da ilha, pela qualidade do ensino, opta por estudar fora de Porto Rico – geralmente nos Estados Unidos. O “êxodo estudantil” ou “fuga de cérebros” é um fenômeno crescente na ilha por diferentes motivos, no entanto se apontam a questão econômica (oportunidades) e maior qualificação no nível acadêmico.

Segundo o Instituto de Estadísticas de Puerto Rico⁸, houve uma redução na educação pública no que tange ao número de escolas, ao número de estudantes, bem como ao número de professores. Sobre a publicação do Anuário de Estadística do Sistema Educativo porto-riquenho, é explicitado que:

Para el segmento que agrupa los niveles pre-primario, primario y secundario, algunos de los datos más relevantes, para el año académico 2011-2012 fueron los siguientes: En el sistema público la cantidad de escuelas se redujo a 1,521; los estudiantes disminuyeron a 492,429; y los maestros se redujeron a 34,944. Específicamente, la cantidad de maestros del Departamento de Educación se redujo a 33,079; esta es la cantidad más baja desde el 1987- 1988. El 51.1% de los estudiantes eran del sexo masculino, la cantidad de estudiantes en educación especial se redujo, por primera vez en los últimos 5 años, a 114,523, y la proporción de estudiantes por maestro aumentó a 14.1.

Já, em relação ao ensino superior, o Anuário aponta que:

Para el nivel Universitario, algunas de las estadísticas relevantes, para el año académico 2011-2012, fueron: En el sistema público se contabilizaron 18 instituciones; la cantidad de estudiantes disminuyó a 62,257; y la cantidad de profesores se redujo a 4,561. El 42.2% de los estudiantes eran del sexo masculino y la proporción de estudiantes por profesor aumentó a 13.7. En el sistema privado (la consolidación del sector con fines de lucro y sin fines de lucro) se contabilizaron 67

⁸ Fonte retirada do portal online, (site: estadisticas.gobierno.pr), acessado em 18/09/2015, bem como o documento publicado (acesso em arquivo PDF: aepr.org/sites/default/files/anuario_estadistio.pdf) do *Anuário Estadístico del Sistema Educativo – año escolar 2011-2012*.

instituciones; la cantidad de estudiantes aumentó a 187,754; y la cantidad de profesores incrementó a 11,440. El 42.1% de los estudiantes eran del sexo masculino y la proporción de estudiantes por profesor disminuyó a 16.4.

Após trabalhar com a contextualização histórico-política de Porto Rico para melhor compreensão de seu processo de formação, tal como dissertar sobre algumas particularidades da ilha e dados sócio-demográficos atuais, apresento um relato descrevendo um pouco da minha primeira experiência em campo, utilizando a fotografia como ferramenta no processo etnográfico. Anexo ao relato, disponho de algumas fotografias em forma de narrativa sem descrição textual.

3 ETNOGRAFANDO EM PORTO RICO PARTE 1: BREVE RELATO SOBRE AS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS EM CAMPO COM A FOTOGRAFIA

Conforme citado na introdução, esta pesquisa resulta de um segundo momento que pude estar em Porto Rico, desenvolvendo uma etnografia, outra imersão e novos contatos. Agora, conheceria outro contexto, outra realidade e outros sujeitos. Exploro, então, como se deu meus primeiros contatos e como foi se desenrolando meu trabalho de campo. Abordarei, neste primeiro momento, mais especificamente sobre como foi meu processo de utilização da câmera e das fotografias.

Dito isso, trago um pouco sobre minha “aventura” pela ilha com a fotografia. Primeiramente, creio que devo citar a importância de conhecer seu equipamento. A câmera fotográfica que utilizei na etnografia era uma aquisição nova, nunca havia manuseado uma câmera profissional anteriormente. Assim, meu primeiro desafio era conhecê-la e minimamente saber pelo menos, das principais ferramentas e o básico para utilizá-la de maneira menos “neófito”, pois almejava um trabalho bem feito e de qualidade, dentro das minhas limitações.

Já havia cursado a disciplina de Antropologia Visual e de Fotoetnografia no PPGAS (Programa de Pós-graduação em Antropologia Social na Universidade Federal do Rio Grande do Sul), mas tudo era ainda incipiente para mim no sentido prático, o teórico já estava um pouco mais internalizado, talvez. Agora, era questão de por em prática aquele meu olhar em campo e tentar “passar para os dedos” na hora do *clíc*.

Fiz algumas “aulas” por Skype com minha irmã fotógrafa e comecei a testar a câmera, “brincar”, errar muito, passar trabalho com foco, abertura, luz, trocas de ambiente, o trabalho que tinha de “arrumar” a câmera para tal local, depois mover-me e dar-me conta que estava num lugar com mais luz, por exemplo, e as fotos ficarem super claras. Enfim, passado esse “sufoco” inicial, já realizava meu trabalho de campo, porém fazia mais observações e não levava a câmera comigo, ainda não me sentia segura, pois pensava que ia “assustar” as pessoas chegando com aquela câmera grande, ou não saberia

como me colocar, ou me aproximar dos lugares sabendo que eu não era invisível.

Nas minhas primeiras saídas com a câmera, fui a lugares estratégicos (céu aberto, bairros conhecidos, zonas mais turísticas, praças, parques, onde havia muito fluxo de pessoas, etc.). Creio que para a visão dos “outros” eu era mais uma turista registrando as belezas da cidade. Para mim, uma pesquisadora saindo da zona de conforto e explorando os lugares e os vínculos das pessoas para com os mesmos. A facilidade do zoom da câmera e ser vista como uma turista me possibilitaram estar, não necessariamente próximo das pessoas na hora do *clic* (no sentido de distância física), mas busquei estar sempre consciente, presente e observando muito as dinâmicas da rua, das pessoas, as relações entre as mesmas, as relações delas com os espaços públicos, etc. Pois, segundo Cornelia Eckert (2003), para o antropólogo urbano, o pesquisador é como mais um habitante do espaço urbano investigado. Ou seja, tive que me “soltar” e adentrar cada vez mais no meu campo sem aquele “distanciamento” que algumas linhas epistemológicas creem ser importante.

Dando continuidade, nesse processo ainda “briguei” muito com a câmera, nem sempre conseguia me acertar, mas aos poucos foi melhorando ao longo da pesquisa. Claro, ainda sim é difícil, pois há momentos que por frações de segundos perdemos uma “cena”, essas trocas rápidas de ambiente, os ajustes necessários na câmera e/ou troca de lentes, me atrapalhavam muitas vezes, pois as coisas fluem e podem fluir rapidamente no sentido espaço-tempo. Nem sempre conseguimos registrar alguns momentos interessantes ou quando somos surpreendidos. Tudo isso fui aprendendo pouco a pouco na medida em que saía para “etnografar”.

Houve momentos distintos e maneiras distintas nas aproximações com as pessoas. Um exemplo foi no mercado público da capital San Juan (no bairro Santurce), como era um lugar fechado e não muito grande, teria um contato bem próximo com as pessoas, assim para os registros das bancas e das pessoas que ali estavam, pedi o consentimento das mesmas para fazer os registros. Nesse sentido, conversei, falei rapidamente que era brasileira, que estava realizando uma pesquisa sobre a identidade cultural do país e que

precisava fazer registros fotográficos. Prontamente, tive a aceitação das pessoas, fui muito bem recebida e, de modo geral, as pessoas eram bem simpáticas comigo. Um dos donos de uma banca disse que estava acostumado a chegar “gente da TV” que muitas vezes faziam fotos e vídeos no mercado. No fim das contas, conheci os trabalhadores das bancas, pessoas que compravam, outras que paravam para tomar um suco, outras relaxavam em seu intervalo no banco da frente do mercado e, assim, ouvi muitos relatos de pessoas mais velhas sobre a cultura boricua e suas experiências.

Outro exemplo foi no bairro específico que trabalhei maiormente para minha pesquisa, no qual ia com frequência e participava das atividades do centro cultural da comunidade. O processo de aproximação foi aos poucos, fui conhecendo a comunidade, as pessoas, o centro de atividades, fui sendo vista, reconhecida e “aceita” pelas pessoas que viviam naquela localidade. Depois do primeiro mês frequentando o bairro, comecei a levar a câmera e, inclusive, participei de uma oficina sobre fotografia realizada durante um mês no centro cultural. Passei então a ser a “fotógrafa do bairro”, quando havia eventos e festas, me sentia fazendo parte daquela realidade.

Após fazer um retrospecto de como foi minha chegada em Porto Rico, mesmo sendo pela segunda vez, estava em outra cidade em outro momento e se deu de maneira diferente. Tive alguns contratempos iniciais mais “burocráticos”, digamos, com a Universidade. Não sabia muito bem onde iria pesquisar nem como e onde. Sabia, em linhas gerais, o que faria, mas o processo etnográfico muitas vezes nos surpreende e felizmente foi uma experiência muito importante para minha trajetória.

Sobre a minha vivência, vejo de maneira muito positiva como os processos foram se desenrolando e como aprendi nos cinco meses que estive imersa na pesquisa. Creio que metodologicamente falando, e dentro desses limites, na inserção etnográfica é muito difícil pensar que com todo pesquisador irá acontecer “tal coisa”, ou que exista um “passo a passo” que dirá como o trabalho de campo se desenvolverá. Assim, como a fotografia e as técnicas para realizar as mesmas, é somente na prática que vamos absorver essas informações, descobrir e se apropriar de uma maneira muito específica,

singular e particular de cada um. As lentes de cada pesquisador revelarão de maneiras distintas, assim como suas perspectivas e considerações acerca de determinadas temáticas, realidades, sujeitos, etc.

Para tal processo utilizei a câmera Nikon D5200 na seguinte narrativa fotográfica. As fotos foram feitas entre fevereiro/março de 2015, na capital San Juan, em Porto Rico. Algumas das fotos a seguir foram feitas com mais distanciamento físico, “fotos roubadas” como, por exemplo, a foto 1, a foto 10 e a foto 18. Foram em momentos que andava pela cidade e estava observando os ambientes, alguns pontos turísticos e a relação das pessoas com o lugar. Nesses casos, não houve diálogos, mas pude fazer alguns registros que me pareceram interessantes, como as fotografias 10 e 18 em que via trabalhadores em seu “escritório”. Já os outros retratos foram consentidos e tinham mais um grau de envolvimento interpessoal.

A fotografia 3 por exemplo, foi quando parei para descansar em um banco em *El Morro* e uma mulher veio conversar comigo, chegou falando em inglês, creio que foi pela câmera grande, então expliquei que era brasileira, mas não era minha primeira vez na ilha, que estava estudando, fazendo pesquisa, etc. e que me interessava sobre a cultura porto-riquenha, e assim começamos a dialogar. E lá se foram uns 40 minutos quase 1h, estava sem meu gravador, mas escutei atenta as histórias que essa senhora me contou. De modo geral, falou sua versão da história de Porto Rico desde a chegada dos espanhóis e de como a ilha se tornou dependente dos Estados Unidos, dentre diversos assuntos, mas o que mais me chamou a atenção foi escutar sobre a *Perla*, que é uma comunidade que se localizava abaixo de onde estávamos, ela falava de como havia um imaginário negativo em relação à comunidade, sobre marginalização, drogas, que as pessoas viam como um lugar de perigos, etc. Mas minha narradora dizia que as coisas não eram bem assim e que na *Perla* havia um trabalho comunitário, um centro bem ativo e que vinha passando por muitas mudanças, que as pessoas de fora não deveriam falar sem conhecer o lugar. Disse-me, também, que obviamente havia coisas boas e ruins, como em todo lugar, porém não se pode generalizar, mas que no fim das coisas é “bem assim”, as pessoas mais pobres sempre serão vistas assim. No fim do nosso diálogo, perguntei se podia tirar um retrato

dela, foi então que me disse: *“Claro, mira mi cara, mis rasgos indígenas, saca uma foto bien bonita mia”*, sorri e mostrei para ela na câmera como tinha ficado a foto. Perguntei se lá tinha algum e-mail ou lugar que poderia enviar a foto para ela, mas ela disse que não usava “essas coisas”, mas para eu não me preocupar, que era um presente dela para mim.

Já as fotos 4 e 17 foram no bairro de Tras Talleres onde pude interagir, conversar, foram em momentos diferentes, mas essas fotografias já foram consentidas. A fotografia do menino (foto 4), sua mãe estava na parte externa do centro comunitário com seu filho, era uma jovem, em torno de seus 19 anos, ambos me olhavam caminhando pelo centro com minha câmera, e teve um momento que parei e comecei a conversar com ela. Perguntei se poderia tirar uma fotografia do filho dela, e ela respondeu que não tinha problema, que era para eu conversar com ele e “negociar” a foto. Conversei com o menininho e disse para ele que ia tirar uma foto bonita dele, então tirei uma foto mais de longe e mostrei na tela da câmera para ele se ver, ele começou a rir e se aproximou, a partir daí fui tirando outras fotos e ele foi vindo em minha direção rindo e com um olhar profundo e curioso. Novamente, mostrei as fotos dele para ele, o menino continuou sorrindo, passou alguns segundos e ele saiu correndo para brincar.

O contexto da foto 17 foi no bairro de Tras Talleres também, num domingo de Bohemia, que era uma atividade musical que ocorria todos os domingos a partir das 16h da tarde. Com música ao vivo, a Calle Comercio brindava aos moradores uma atividade muito bonita, com cadeiras dispostas na rua, aparelho de som, alguns instrumentos, microfone, e regado a “frituras”, cerveja, os moradores desfrutavam de boleros, “salsas viejas”, merengue e outras músicas locais. Era um dos momentos de interação musical, descontração, conversa, onde os vizinhos se encontravam para compartilhar. Neste dia, era a primeira vez que participava da Bohemia, e logo que cheguei, fui “anunciada” no microfone, enquanto me aproximava, pelo músico e cantor Rey Montañez, que disse: *“miren ahí vienen Maria nuestra líder de la asociación comunitária con Camila, la brasileira que está aqui con nosotros, palmas para ellas”*. Fiquei um pouco constrangida, mas entrei no clima, já estava me acostumando com a espontaneidade das pessoas, foi um momento

engraçado. Desde então um senhor me olhava de longe, pois estava com a câmera no pescoço, eu me sentia um “E.T”, pois via que as pessoas me olhavam muito no começo. O senhor estava conversando com os amigos um pouco mais longe, bebendo cerveja, então ele começou a acenar para mim e me chamou para fotografar eles. Foi outro momento engraçado, mas me senti bem acolhida, então fiz o retrato dele, mostrei a foto dele na tela da câmera e ele adorou, pediu mais fotos. Assim fui fotografando a atividade e as pessoas, me senti à vontade.

Assim, nos diferentes contextos, fui fazendo os registros, com diferentes tipos de aproximação e interação. Segue a primeira narrativa fotográfica da dissertação, localizada em alguns lugares da capital San Juan, com alguns de seus símbolos, pessoas interagindo com outras pessoas, com a cidade, bem como retratos de algumas pessoas com as quais interagi de maneira mais próxima.

3.1 NARRATIVA FOTOGRÁFICA EM PORTO RICO



Foto 1: El Morro, San Juan – PR, 2015.



Foto 2: El Morro, San Juan – PR, 2015



Foto 3: El Morro, San Juan – PR, 2015



Foto 4: Centro Comunitário e Cultural de Tras Talleres, Santurce – PR, 2015



Foto 5: Viejo San Juan – PR, 2015



Foto 6: Viejo San Juan – PR, 2015

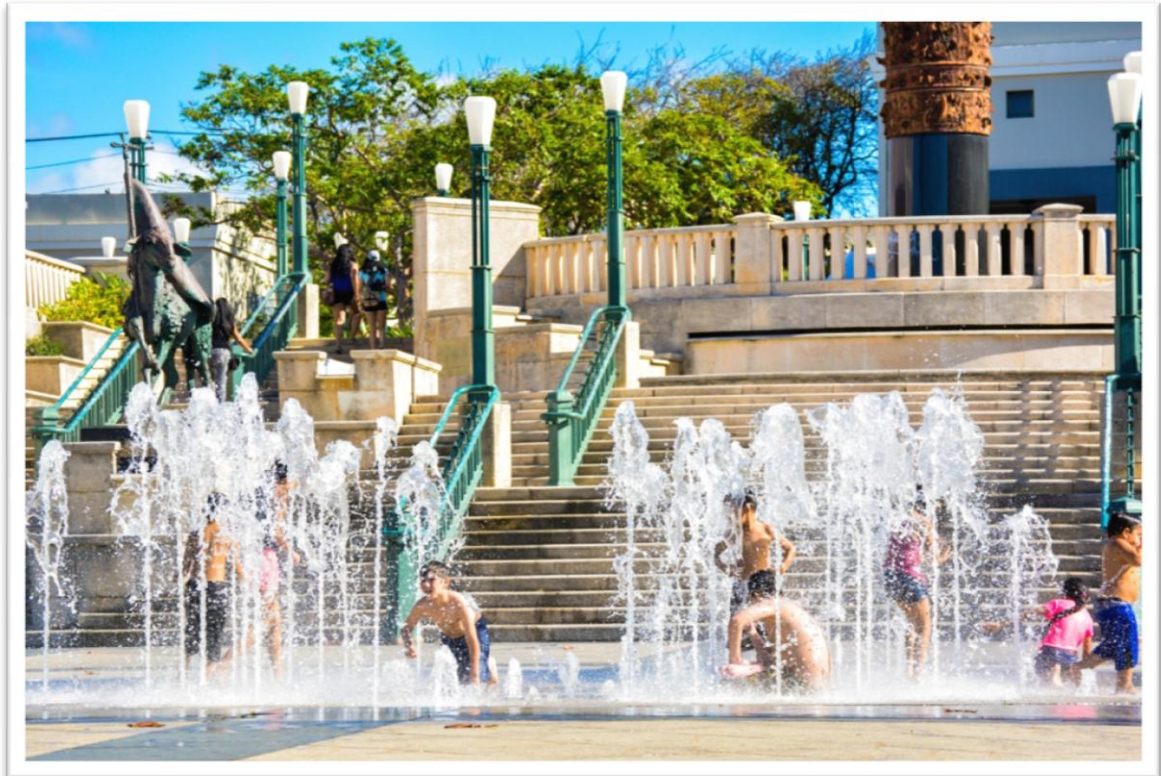


Foto 7: Viejo San Juan – PR, 2015



Foto 8: Viejo San Juan – PR, 2015



Foto 9: Viejo San Juan – PR, 2015



Foto 10: Viejo San Juan – PR, 2015



Foto 11: Viejo San Juan – PR, 2015



Foto 12: Plaza Del Mercado, Santurce – PR, 2015

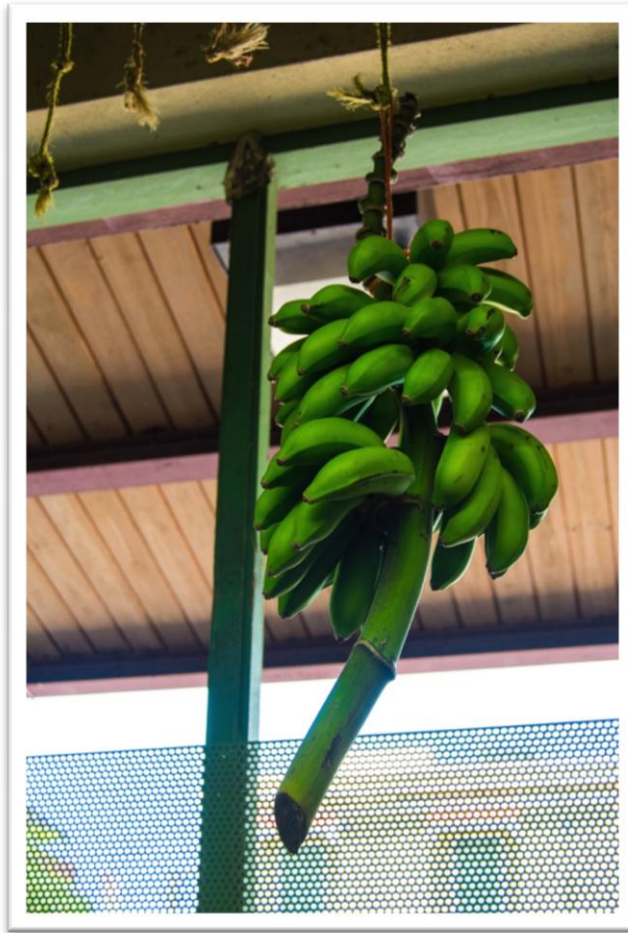


Foto13: Plaza Del Mercado, Santurce – PR, 2015



Foto 14: Santurce – PR, 2015



Foto 15: Plaza Del Mercado, Santurce – PR, 2015



Foto 16: Centro Comunitário e Cultural de Tras Talleres, Santurce – PR, 2015



Foto 17: Bairro Tras Talleres, Santurce – PR, 2015



Foto 18: Playa Condado, San Juan – PR, 2015

3.2 COMUNIDADE DE TRAS TALLERES: UM BREVE HISTÓRICO DA FORMAÇÃO DO BAIRRO

Quando trabalhadores agrícolas migram do campo para cidade (centros urbanos), o processo de urbanização os “empurra”, os deslocam para as zonas periféricas, como podemos observar ao longo da história na maioria das sociedades. Exclusão social, marginalização e um imaginário negativo atribuído às camadas mais baixas acabam por ser recorrente na visão de outros estratos sociais mais “elevados”. Conforme o riquíssimo debate sobre essa questão dos processos de urbanização, Teresa Caldeira em *Cidade de Muros* afirma que a segregação tanto social quanto espacial é uma característica importante das cidades, assim as regras que irão organizar o espaço urbano são basicamente padrões de diferenciação social e separação. Por conseguinte, conforme a autora cita, “as regras variam cultural e historicamente, revelam os princípios que estruturam a vida pública e indicam como os grupos sociais se inter-relacionam no espaço da cidade” (CALDEIRA, 2003, p. 211).

Nesse sentido, transpondo para a realidade de Porto Rico, não foi diferente o processo de urbanização da cidade. O êxodo dos trabalhadores agrícolas que saíram das regiões rurais em busca de trabalho na cidade ocorreu em um processo maciço de migrações na década de 1920. O bairro de Tras Talleres, localizado na capital da ilha - San Juan - na região de Santurce, é fruto da urbanização como função de modernização do país. A comunidade surge nesse processo de transição da economia agrícola e rural para uma economia industrial e urbana. Segundo Carlos E. S. Valdez descreve no prólogo do livro da socióloga e pesquisadora porto-riquenha Ana M. Fabián Maldonado (2012) – que realizou uma importante pesquisa nessa comunidade–

Tras Talleres representa el típico asentamiento santurcino que surge por la falta de vivienda para las oleadas de miles y miles de migrantes que abandonaron los campos para ir a San Juan cuando la agricultura colapsó en el país en los años cincuenta, la cual ciertamente había comenzado a languidecer a principios del siglo con raudas transformaciones dirigidas hacia el cultivo extensivo de la caña de azúcar. (VALDEZ, Carlos E.S. Prólogo. In: MALDONADO, Ana. M. Fabián. *Tras Talleres Cuenta su Historia Retando el Olvido*. San Juan-PR: Ediciones Callejón, 2012, p.18-19).

Apoiando-me no livro de Ana Fabián, descrevo brevemente a história de formação do bairro. A região em que se localiza a comunidade é onde originalmente existia um mangue, a maioria das casas foi construída literalmente na água e eram casas de madeira erguidas por pilares altos. As pessoas utilizavam o que conseguiam para fixar-se, transitar e viver nessa região, como móveis velhos, o que conseguiam de madeira e “lixo”. A “criatividade” e a necessidade fazem com que a criação e apropriação das pessoas com a localidade ocorra de uma maneira muito particular no seu processo de (sobre)vivência. As condições de vida eram precárias e em algumas partes mais insalubres e com difícil acesso. Posteriormente, com as mudanças ocorrendo na cidade, começam a surgir as especulações imobiliárias, trazendo consigo aquele processo de “higienização” por meio das políticas governamentais em busca de “maquiar” a pobreza com as remoções das pessoas e suas casas para regiões ainda mais periféricas. Porém, essa comunidade resistiu a esse processo e segue lutando por suas demandas até os dias atuais.

Segundo Edwin R. Quiles Rodríguez, – outra excelente contribuição para o livro de Ana Fabián – ao compararmos os bairros históricos de San Juan (capital), com os posteriores do século XX, se pode ver que, além das diferenças físicas evidentes, seus processos de formação guardam particulares similitudes. Edwin afirma que esses processos se confrontam de uma ordem socioespacial com outra, “son propuestas de ciudad desde la perspectiva de los subalternos, lugares que se instituyen como estrategias para sobrevivir a las condiciones sociales desiguales y de la dominación colonial” (RODRÍGUES, 2012, p.24). Assim, os bairros populares são lugares de resistência, construídos pelos residentes, para, a partir desse espaço próprio, negociar sua relação com a cidade, segundo cita Edwin. Nessa lógica, a referência para o bairro, “cidade” informal, é a cidade “formal” no tocante às ruas, espaços públicos e privados, às condições culturais, econômicas particulares das pessoas e do lugar. Nesse sentido, os bairros populares ou cidades informais usualmente se localizam próximos da periferia do centro, ou seja, onde há trabalho e serviços. É nessa dialética da cidade formal endossada pelas instituições e a cidade informal construída conforme as possibilidades das

peessoas que “se desarrollan procesos de negociación, inclusión, exclusión, imposición, yuxtaposición o distanciamiento. Historicamente ha predominado el rechazo y la invención de historias para justificar el prejuicio y el rechazo hacia sus habitantes” (RODRÍGUES, Edwin R.Q. 2012, p.25).

O processo de migração campo cidade se deu no século XX, no começo da década de 1920, como resultado da transformação econômica ocorrida em Porto Rico. Com a troca de soberania, os trabalhadores do setor rural da ilha buscavam os centros urbanos com a promessa de uma vida melhor. Esses trabalhadores que povoaram originalmente Tras Talleres se viram obrigados a abandonar massivamente a atividade agrícola, foram se fixando nos terrenos baldios e começaram a ocupar o mangue. Isso porque foram confrontados com a escassez de moradia. Assim, foi no terreno molhado que começaram a construir suas residências. Como citado anteriormente, foi com madeiras, móveis velhos e lixos que foram solidificando o mangue e, pouco a pouco, o bairro foi desenvolvendo-se. O bairro, localizado em Santurce, um importante setor da cidade capital San Juan, assentava-se ao norte pela antiga via do trem, onde foi construído os condomínio Bahía; a leste pela Calle Labra - onde estão, localizadas as escolas D. Francisco Hernández e Gaetán Barcosa; ao lado oeste pelo Residencial Los Lirios, e, ao lado sul, pela Calle Roosevelt, paralela a Expreso Muñoz Rivera:

O nome Tras Talleres⁹ foi assim culminado ao bairro por localizar-se atrás dos *talleres* do trem (que era onde se armazenava e consertavam peças e maquinarias do trem). A companhia ferroviária se chamava *American Railroad Company of Puerto Rico*, segundo o relato de María Dolores Luque¹⁰ (extraído do livro de Ana Fabián, 2012, p. 60) a companhia de trem contava entre seus empregados de um grupo considerável de estrangeiros já que requeria uma mão de obra direta nas operações. Ademais, segundo descreve,

⁹ Sobre a origem do nome da comunidade: “En Tras Talleres precisamente se encontraban los talleres ferroviarios. De ahí el toponímico de la comunidad localizada al sur de los talleres del tren, lo cual traducido al argot popular resulta en Tras Talleres en la particular noción geográfica popular en el país de asociar el sur con detrás o abajo y al norte con al frente o arriba” (VALDEZ, Carlos E.S, 2012, p. 20).

¹⁰ Dra. María Dolores Luque, 2005. “El ferrocarril en Puerto Rico”. Conferencia de enseñanza de la Historia. Distrito Escolar de Ponce, Puerto Rico.

entre os acionistas principais da companhia se destacavam os franceses e os norte-americanos. A empresa proporcionou o serviço entre San Juan e Ponce (norte e sul da ilha respectivamente) e 15 cidades ao longo do caminho, uma distância de mais de 175 quilômetros, literalmente percorria ao redor de toda ilha. Porém, na década de 1950, com as mudanças do modelo econômico superando a agricultura comercial (principalmente a indústria açucareira) e voltada para mais projetos de industrialização, conforme cita a María Dolores Luque, em 1953 a Cia. De Ferrocarriles se viu obrigada a finalizar suas atividades em Puerto Rico.

Nesse período, na década de 1950, foi bem difícil para essas regiões periféricas, segundo relata Maria Fernandez¹¹ – atual líder comunitária –. Houve intenções formais e informais, tentativas de queimar casas para retirar as pessoas do bairro. Com a urbanização e as especulações imobiliárias, a “peleia” foi intensa, mas os moradores lutaram e seguiram firmes em busca de sua permanência e conseguiram.

Com o crescimento do bairro e já mais solidificado, um aspecto interessante e importante que Maria citou era a diversidade de serviços que se encontrava dentro da comunidade como cinema, lavanderia, algumas lojas, supermercado, etc. Hoje em dia, existem apenas dois bares pequenos e um restaurante.

Durante o processo etnográfico, pude acompanhar um pouco das dinâmicas do bairro, das relações entre os moradores, do funcionamento do centro comunitário e de como as pessoas que vivem na comunidade atuam em busca de suas demandas sem depender de auxílios do governo.

Frequentei semanalmente o bairro, participei das atividades do centro comunitário e cultural no período de quatro meses. Nesse sentido, pude interagir bastante com as pessoas, fiz observações, realizei entrevistas, bem como fiz registros fotográficos com o intuito de acrescentar e trazer outra forma de narrativa para agregar no meu discurso analítico no desenvolvimento da pesquisa.

¹¹ Embora eu tenha sido autorizada a utilizar os nomes reais dos entrevistados, optei por utilizar nomes fictícios para esta dissertação.

Sendo assim, no próximo capítulo descrevo como se desenvolveu esse processo etnográfico, o que pude observar e as interações com as pessoas e o bairro.

3.3 ETNOGRAFANDO EM PORTO RICO PARTE 2 – DINÂMICAS E HISTÓRIAS EM TRAS TALLERES

Minha chegada à comunidade deu-se através da professora e pesquisadora Ana Fabián, socióloga, atualmente ministra disciplinas na UPR (Universidad de Puerto Rico) e é autora do livro sobre Tras Talleres, fruto de sua pesquisa na comunidade que teve duração de cinco anos. Em minhas primeiras semanas na ilha não sabia onde especificamente seria meu “campo”, porém, ao me contatar com a Universidade, conversei com o diretor do Centro de Estudios Del Caribe, no departamento de Ciências Sociais, e o mesmo me apresentou à professora. Ana Fabián era a única pesquisadora que trabalhava com comunidades e fazia pesquisas etnográficas. Foi através dela que conheci Maria Fernandez, a líder comunitária do bairro de Tras Talleres, “personagem” importante para o bairro e que literalmente me abriu as portas para adentrar na comunidade.

Depois da primeira visita, na qual fui apresentada à Maria, comecei a frequentar o centro comunitário de três a quatro vezes por semana. Nas minhas idas, acompanhava o dia a dia do bairro, as pessoas que iam ao centro por distintas razões, seja para se inteirar das atividades que o centro disponibiliza, seja para diferentes ajudas que as pessoas necessitem ou simplesmente para sentar e conversar.

Em minha chegada ao bairro, fui acompanhada pela professora Ana Fabián. Chegamos de carro, fui observando as ruazinhas, era começo de tarde por volta das 14h, as ruas estavam tranquilas, quase não havia gente caminhado pelo bairro, estacionamos na esquina da rua do centro comunitário. O centro é uma casa grande, havia portões de cor cinza e a fachada era de cor vibrante, um vermelho meio alaranjado, as portas e as janelas estavam abertas. Entramos, fomos até a sala da Maria e ali fomos apresentadas, foi no dia 30 de janeiro de 2015, uma sexta-feira. Maria, uma simpática senhora com seus 62 anos, de estatura baixa, pele negra, cabelos curtos, um olhar cansado, nos esperava com um grande sorriso no rosto.

Em poucos minutos estávamos as três numa boa conversa informal, as duas estavam se recordando da última visita de Ana na comunidade, e eu falei

um pouco do meu trabalho, falei da minha intenção em conhecer a comunidade, acompanhar o centro e suas atividades, etc. Prontamente, Maria se pôs à disposição, já puxou o calendário e me mostrou a quantidade de atividades que estavam acontecendo, projetos que estavam envolvidos e mais outros que iriam ocorrer, tudo com muita empolgação. Impressionada por eu ter vindo de tão longe, Maria mencionou como seria bom ter minha presença lá e disse: *“viste Ana, nuestro barrio es famoso gracias a tu libro, una muchacha de Brasil aquí en la isla, y en Tras Talleres, uff, que emoción!”*. Rimos e seguimos conversando mais alguns minutos, ao fim da conversa, Ana disse: *“Maria, dejo Camila en tus manos, y cualquier cosa que las dos necesiten, pueden llamarme”*. Senti-me bem acolhida e motivada para seguir com o trabalho. Maria então respondeu e olhando para mim disse: *“mi hija, esa es tu casa, venga todos los días que quieras, te voy llevar a conocer todas las calles, la gente, y todo que hacemos aquí, será un placer para nosotros, venga siempre, en confianza!”*. Antes de nos despedirmos, Maria me pegou pela mão e me apresentou o centro, e disse-me: *“mira, acompáñame, te voy a enseñar nuestra casa”!* Antes de ir embora, marquei com Maria de voltar na próxima terça-feira, dia 03 de fevereiro.

O centro comunitário é uma casa grande, possui uma grande área coberta no pátio, piso de cimento, que é onde utilizam para festas, apresentações e algumas das oficinas são realizadas neste espaço. Baixando as escadas, ainda nesta parte externa, tem um pequeno espaço em que estão armazenando os materiais para utilização da horta. Na parte interna tem a recepção que é um espaço grande, com duas mesas, uma com computador, cadeiras em volta de uma mesinha baixa, dois murais com papéis, folders e materiais informativos sobre atividades e diversas informações. A sala de Maria é pequena, tem uma mesa com computador, um móvel de arquivos, uma estante envelhecida com alguns livros e o rádio sempre ligado, salsa, Maria me disse que sempre deixa o rádio ligado na emissora de salsa.

Ao lado da sala de Maria tem uma cozinha pequena, equipada com um armário aéreo grande, pia, fogão, geladeira e uma portinha ao fundo que dá para uma pequena horta. Ao lado da cozinha, tem uma sala grande com os computadores, são duas mesas com cadeiras improvisadas, três computadores

meio antigos, algumas caixas num canto da sala que continham alguns livros que foram doados, algumas roupas e brinquedos que também foram doados ao centro. As paredes dessa sala e de outra peça são grafitadas com alguns músicos importantes e famosos de Porto Rico, explicou-me Maria que esses músicos nasceram em Tras Talleres e foram pintados em sua homenagem. Ao lado da sala dos computadores, havia um banheiro e mais uma sala grande de atividades onde guardavam todas as cadeiras dobráveis que são usadas nas reuniões e eventos que tenham grande quantidade de pessoas, mais uma mesa longa, aparelho de som e um espelho grande. Uma das atividades realizadas nessa última sala é para as aulas de salsa pelo seu tamanho e estrutura de som.

Volto então no dia marcado. Na terça-feira seguinte, chego ao centro por volta das 9h30min da manhã, entro na sala de Maria e conversamos um pouco, ela me pergunta como foi meu fim de semana, etc., logo, ela me diz: “*mira, ‘horita’ empieza el taller de danzaterapia, tienes que hacerlo!*”, e sorri. Dou um sorriso, aceito e aguardo a chegada das outras mulheres, moradoras do bairro que iriam fazer a aula. Enquanto isso, seguimos a conversa e lhe pergunto como funcionavam essas atividades que ocorrem no centro, pedi que me falasse, por exemplo, dessa oficina que eu ia participar.

Maria me explica que essa oficina, bem como algumas das outras que ocorriam/ocorrem durante a semana, fazem parte de um projeto do *Museo de Arte contemporáneo de Puerto Rico*, esse projeto se chama *Proyecto Santurce*, que é direcionado às comunidades dessa região e oferece certas oficinas para as mesmas. De forma gratuita, estavam disponibilizando aulas de computador, dança terapia, arte e pintura para crianças, horta caseira, fotografia, aula de dança (*Bomba*) para as crianças e, no caso de Tras Talleres, todas as atividades eram ministradas no próprio centro comunitário.

Nisso chega Joana, a professora que ia ministrar a oficina de dança terapia e Maria me apresenta. Joana manifesta sua satisfação em ter minha presença em Porto Rico e na comunidade e por estar fazendo parte daquele momento (específico e em relação ao trabalho que vinha sendo feito com aquelas pessoas). Ficamos na parte externa, Joana conectou o aparelho de

som, ficamos esperando mais algum tempo as mulheres chegarem. Maria me olha e diz: *“es siempre así, vienen las mismas dos, tres, e yo voy llamando más gente pues ellas se olvidan, o tienen pereza, no sé...”*. Pouco a pouco foram chegando as mulheres, o clima era de descontração, aquele era o momento para elas relaxarem, fazer uma atividade física, esquecerem-se dos problemas, preocupações que deixavam em suas casas. Achei muito interessante o trabalho de Joana, pois envolvia movimentos do corpo, livres, criatividade, repetições, exercícios em duplas, criação e movimento feitos por ambas, trocas físicas e de confiança, expressão, reflexões, ou contar uma história com o corpo em uma série de movimentos, era como criar narrativas expressadas pelo corpo, dentre diversos outros exercícios. Como uma terapia, vi muitos benefícios e como aquelas mulheres se sentiam cômodas em fazer, praticar, participar. Era um momento de muita troca e conversas.

Cada oficina ocorria uma vez por semana. Nas segundas-feiras, no início de tarde, eram ministradas as aulas de computador, o público alvo eram as pessoas de mais idade. Nas terças-feiras, era dia da oficina de dança terapia pela manhã. Nas quartas-feiras, tinha aula de salsa pela noite e, uma semana depois da minha chegada, começaram as oficinas de sabão e velas artesanais nas quartas à tarde em semanas alternadas. Nas quintas-feiras, ministravam a oficina de horta caseira, sendo que duas semanas depois da minha chegada iniciaram as aulas de fotografia, que eram nas quintas de manhã. As oficinas de sabão, velas e principalmente a de horta eram as mais cheias, sendo que a oficina de horta tinha a presença de homens, diferente das outras que maiormente participavam mulheres.

Aos domingos, uma atividade que nunca “falha” e já vinha sendo feita há alguns anos é a Bohemia. Realizada na Calle Comercio, todos os domingos à tarde, a partir das 16h, o bairro recebia muita gente, inclusive de fora do bairro (de outras comunidades próximas, por exemplo), para ouvir boa música ao vivo. A Bohemia era organizada pelas pessoas do bairro mesmo.

Tras Talleres é um bairro bem musical. De lá saíram grandes nomes da música local, como Andy Montañez, que é um famoso cantor de salsa, merengue, bolero. Andy fazia parte do conhecido grupo *“El Combo”*,

começando na década de 1960, Andy passou por outros grupos e solidificou sua carreira. Atualmente, segue cantando e foi carinhosamente apelidado de “*El niño de Tras Talleres*”. Infelizmente não tive oportunidade de conhecê-lo pessoalmente, mas conheci um de seus irmãos que ainda mora no bairro que se chama Rey Montañez. Rey também é músico e cantor, é quem organiza a Bohemia com muita alegria (falarei um pouco mais dessa atividade de quando participei e trarei uma narrativa fotográfica desse evento), frequentava regularmente o centro, fazia as aulas de fotografia e ajudava Maria no que fosse preciso.

Voltando às atividades do bairro, o centro como tal funcionava de segunda a sexta, sendo que, às vezes, haviam atividades no sábado, a Bohemia era na rua então pelo menos sábado e domingo o centro estava fechado. Importante ressaltar que tudo que vemos acontecendo nesse bairro e no centro comunitário foi fruto de muita luta e organização dos próprios moradores. Há alguns anos atrás, pelo menos cinco anos, não se veria um centro comunitário tão ativo e os residentes tão unidos e articulados como se vê hoje.

Conversando com Maria, soube que, quando havia envolvimento político, no sentido de um grupo de pessoas que “cuidavam” do centro e que eram filiados a um partido político (o da situação), o centro não funcionava como está atualmente. O “cuidavam” entre aspas é porque na verdade o centro se encontrava fechado, não se fazia praticamente nada para os moradores, não havia horizontalidade, apenas interesses, segundo Maria. Foi então que, com um grupo de moradores, Maria começou a organizar-se, faziam reuniões em sua casa mesmo e lutaram para assumir o centro para fazer algo bom para os moradores, algo efetivo. E, segundo ela relata, mobilizaram-se e atuaram/atuam de forma gratuita e voluntária, não como em outras comunidades em que alguns líderes dos centros comunitários recebem dinheiro, incentivo do governo para investir na comunidade, já que não era visto mudanças no bairro, os centros não traziam atividades para os moradores e muitos deles passavam fechados a semana inteira, relata Maria com tristeza. A questão da autogestão é muito importante para esse grupo de moradores que atua no centro comunitário atualmente. Um dia, conversando com Maria

em sua sala, ela afirma que não são eles (povo) que têm que fazer algo para os governantes, e sim os governantes ajudarem eles. Segundo ela, *“somos un centro autogestionario, no nos afiliamos a ningún partido político, no hacemos propaganda política, no queremos depender del gobierno o prestar cuentas para ellos, queremos dignidad y una vida buena para nuestros residentes”*. Nesse sentido, a busca por recursos acontece de diversas formas, desde bingo, rifas, até ajuda vinda de companhias privadas (como supermercado, lojas, empresas pequenas). Além desses projetos, como o do museu de arte contemporâneo que disponibiliza as oficinas, o município de San Juan se comprometeu com algumas demandas da comunidade. Segundo Maria, *“no pedimos nada para el gobierno, pero aceptamos las ayudas, es lo mínimo que pueden hacer para las personas que más necesitan en ese país, firmamos un acuerdo con la Alcaldesa Carmen Yulín, ella se comprometió con nosotros y ayudar las demás comunidades”*.

Sobre as demandas da comunidade e o que o município vem realizando em termos de obras, reformas na rua, construção de casas, foi através de reuniões que os moradores foram ouvidos e representados por meio dos líderes comunitários e assim foi firmado um acordo. Logo, pouco a pouco as obras e recursos vão sendo aplicados. Maria conta que eles não recebem nenhum auxílio em dinheiro, o que necessitam e foi acordado o município se compromete em fazer e executar. Segundo cita, *“no queremos y no vemos dinero en nuestras manos, vemos las obras y arreglos siendo hechos por el barrio”*.

Um dos acordos entre o município e as comunidades foi de resolver os problemas de habitação, atualmente com 85% das casas do bairro sendo de cimento, Maria está muito contente, pois muitas pessoas que estavam passando por problemas legais com as casas, ou mesmo perdendo suas casas por estado precário, agora buscam qualificação para ter direito a receber uma casa construída pelo governo. Não entrarei na parte jurídica e tão pouco nos elementos que as pessoas necessitam para passar pelo processo e ter direito a construção da casa, pois não é minha seara e não possuo conhecimento específico, bem como não me aprofundei nesse aspecto. No entanto, acompanhei algumas obras sendo feitas durante minha estada na ilha

acompanhando o bairro de Tras Talleres e consegui ver uma das casas quase finalizada, o projeto se chama *Construcción de Nueva Residencia*.

Sobre essa questão de moradia, outra ajuda importante que o centro comunitário disponibiliza para os moradores é a assessoria jurídica com baixíssimo custo ou custo zero (depende da advogada e de cada caso) no tema de habitação. Maria fez alguns contatos e conseguiu duas advogadas que iam (uma delas continua indo) uma vez por semana no centro para atender e ajudarem nos processos dos moradores de habitação, pois eles necessitavam de muitos documentos e instruções para qualificarem e serem brindados no projeto de casas do governo ou outras demandas habitacionais, bem como outros casos de ajuda jurídica.

Durante meus trânsitos pelo bairro, pude acompanhar Maria a mapear as casas que ainda eram de madeira, o número de terrenos que estavam abandonados, etc. Durante nossos percursos, parávamos para falar com as pessoas, todos cumprimentavam Maria e ela me apresentava para as pessoas, apresentou-me para todo mundo que andava pela rua ou aparecia no centro. As ruas eram tranquilas, geralmente eu frequentava o centro pela manhã e tarde. Em pouco tempo, as pessoas me cumprimentavam mesmo quando passava sozinha. Essa atmosfera familiar de bairro pequeno, comunidade, era algo bem evidente, todos se conhecem e, geralmente, quando alguém vinha falar comigo, demonstrava um apego e identificação forte com o bairro. Escutei muitas histórias do bairro em conversas informais. Ser porto-riquenho era motivo de orgulho para aquelas pessoas, mas ser de Tras Talleres era algo maior.

A maioria das pessoas com as quais entrei em contato eram pessoas de mais idade, os jovens nesses períodos do dia ou estavam estudando e/ou trabalhando. Via muitas crianças também, e como havia muitas atividades para elas, era comum o centro estar cheio de crianças circulando. A cada manhã que chegava ao centro havia pessoas chegando, passando. Em dias que iam as advogadas, havia pessoas sentadas na recepção, e, paralelamente, na parte externa alguma oficina. Quando estava mais vazio, em algum momento entrava alguém para perguntar algo, às vezes entravam meninos ou meninas

pedindo um copo de água, coisas desse tipo. O telefone de Maria ou do centro tocava constantemente, cada dia aparecia algo novo, cada dia era uma “surpresa”, as demandas eram diversas e, com o tempo, me acostumei com uma rotina que não era fixa (a parte das atividades fixas na agenda), assim, o que acontecia ao acaso também fazia parte de uma “rotina”.

Além de Maria havia outras pessoas da associação que estavam frequentemente no centro. Uma agenda tentava ser seguida e atividades eram revezadas entre eles, mas a cabeça central e que organizava praticamente tudo era a Maria. Vi nascer diferentes projetos no período que estava lá, a busca de mais atividades e recursos para a comunidade era diária. Alguns exemplos de serviços que estavam sendo prestados para os moradores foram: aula de reforço para estudantes do ensino fundamental; o serviço de ajuda jurídica foi algo que aconteceu depois de certo tempo em que estava frequentando o centro; posterior a minha ida, mas que já estavam no papel e depois foram sendo realizadas – diferentes palestras, sobre alimentação, reciclagem, segurança, saúde, etc.

No dia 17 de fevereiro criei a página do centro comunitário¹² na rede social Facebook, o que acabou sendo uma ferramenta ótima de divulgação das atividades do centro, atendimentos, etc.. Começamos a postar agendas e dias das oficinas, bem como fotos que registramos das atividades (Maria fazia os registros e algumas vezes eu). Ensinei Maria como fazer as postagens e, pouco a pouco, ela fazia sozinha, no início eu ajudava a passar as fotos da câmera para o computador, separar as pastas etc., e rápido Maria aprendeu. De certa maneira, acabava sendo o “braço direito” de Maria, pois como estava com frequência no centro, acompanhava as atividades, participava das oficinas, criamos uma relação de confiança, ela se sentia cômoda e confiava em mim, pois muitas vezes Maria precisava sair e para o centro não ficar “sozinho”, no sentido de alguém supervisionando, eu ficava lá para que ela pudesse resolver outras coisas. Outra contribuição que pude dar para o centro foi com os livros. O centro recebeu duas caixas grandes de doações de livros

¹² Recomendo o acesso à página do centro: Nome da página *Centro Comunitario de Tras Talleres*,
Link: <https://www.facebook.com/Centro-Comunitario-de-Tras-Talleres-734103833370080/>

da Universidade (UPR), então na estante velha de sua sala foi onde depositamos os livros, fiquei responsável de separar os livros e minimamente organizá-los por temas. Maria ficou feliz e me agradeceu, disse: “Ayy muchacha mira! Tenemos una biblioteca, muchísimas gracias por tu ayuda! ”, depois conversamos sobre qual seria a melhor maneira para cadastrar os livros e controlar as retiradas pelos moradores.

Nestas situações, eu percebia como Maria estava sobrecarregada e, por mais que tivesse uma associação comunitária, ela fazia muita coisa sozinha, pois nem sempre esse grupo selecionado estava no centro para ajudá-la. Embora as atividades e ocupações fossem divididas entre eles, variava muito a iniciativa das pessoas e a consciência de simplesmente estar lá ou perguntar se algo precisava ser feito, acontecia muitas vezes, mas, maiormente, Maria tinha que ficar ligando e correndo atrás, isso a chateava. Pude ver a diferença entre o envolvimento e entrega das pessoas, mas no fim das contas cada um cooperava e colaborava com o que podia, e isso é que fazia o bairro seguir em frente, conquistando novos projetos, fruto da luta diária desses moradores. Uns mais efetivamente e de maneira mais intensa, outros com menos intensidade, talvez, mas tão importante quanto.

3.4 Um pouco sobre Maria

Achei relevante falar sobre a história de Maria Fernandez, esta personagem importante para o bairro que, como porto-riquenha, mostra características e passagens da sua história que se repetem com outros tantos porto-riquenhos. Trago então, brevemente, elementos de sua trajetória.

Maria nasceu em Tras talleres na mesma casa que vive atualmente, a casa era de sua avó e a mesma foi criada pelos seus avós. Depois de completar os estudos, e com a morte de sua avó, Maria vai para os Estados Unidos com sua família, já havia familiares vivendo fora em Nova Iorque.

Com o tempo Maria se casa e teve dois filhos. Vivendo no Bronx, certa vez tentou por um tempo viver no Brooklin, mas não gostou, acabou voltando para o Bronx. Segundo ela, o bairro era bom, pois havia muitos hispanos. Diz

que nesse tempo era anos 1970, 1980, assim, havia muitos porto-riquenhos vivendo lá, logo se sentia em casa, não fazia tanta falta Porto Rico. Viveu por quase 20 anos nos Estados Unidos, uma parte de sua vida foi lá, no entanto, por mais que houvesse se acostumado com o estilo de vida “de lá”, não se acostumava a viver fora de Porto Rico.

Maria sempre ia para ilha nos natais para aproveitar as festas, as parrandas, então via toda aquela alegria e acabava “perdendo os voos”, comenta que, *“siempre tenía problema cuando regresaba, porque siempre perdía los vuelos y mi esposo siempre quedaba furioso, pues siempre que venía a Puerto Rico perdía los vuelos (risos)”*.

A vida nos Estados unidos era muito diferente. Ela relata que lá tudo é mais rápido, não se conhecia um vizinho, diz que as pessoas são muito individualistas. Já em Porto Rico, na comunidade, é como uma família, que as pessoas te sorriem, te cumprimentam, enfim, quando vivia fora não era assim, e isso a chateava. Maria trabalhava em um instituto de ajuda financeira para os estudantes, preenchia papéis, documentos, entrevistava os estudantes para ver se eram qualificados para receber uma bolsa.

Sobre o idioma, Maria me disse que como em Porto Rico se ensina inglês desde os primeiros anos escolares (mesmo antes da primeira série, que seria o jardim de infância, para o modelo americano é o *Kindergarden*) até o fim do ensino médio, então teoricamente sabem de gramática, mas que a pronúncia é diferente. No caso dela particular, o medo de dizer mal as palavras acabava lhe travando, então comenta: *Dejé de leer revista en español, dejé de ver televisión en español, dejé de escuchar radio en español, me puse todo en inglés para que mi oído se agudizara, para se acostumbrar con la pronunciación... Parecía una loca en mi casa repitiendo las palabras cada palabra que escuchaba, quería hablar como ellos hablaban, entonces repetía, repetía... y hablando, hablando, perdí el miedo. Como ya sabía y los entendía, entonces hablaba, y si decía un disparate, pues ellos me corregían e yo entonces decía, Oh, all right, y repetía... así fuí perdiendo el miedo... no me olvidé de mi idioma, porque mi idioma es el primero”*.

Segundo Maria, isso se passa aos que foram antes dela e os que virão depois, que é muito comum de modo geral. Esse início é mais difícil até se acostumarem com o idioma, como acontece com qualquer pessoa que se muda para outro país com idioma diferente de sua “língua mãe”.

Maria relata que fez sua vida lá, teve os dois filhos, mas que, em 1989, regressa para Porto Rico, pois estava cansada do corre-corre e do estilo de vida da maioria dos americanos. Pensava na tranquilidade de quando vivia na ilha, e como estava sua rotina nos Estados Unidos - saía de manhã tão cedo que estava ainda escuro, pegava o trem para ir trabalhar, corria, fazia muitas coisas e quando voltava já era noite. Ou seja, praticamente não via o dia e o dinheiro que ganhava não compensava a falta de tempo e estar longe dos filhos, fora que Nova Iorque é uma cidade muito cara para viver. Assim, se divorciou, pegou seus filhos, deixou o resto da família e voltou para Porto Rico (todos seus familiares, irmãs ainda vivem nos Estados Unidos, ela foi a única que voltou).

Sua relação com o bairro é bem forte, a identificação com o estilo de vida, as pessoas e a relação entre os moradores da comunidade é algo que pesa muito para Maria, segundo me disse, *“aquí mi quedo... de aquí no salgo! Es que el barrio.. el barrio hace parte de mi . Conozco todo el mundo, puede ser la hora que sea, todo el mundo está pendiente a los demás, tu sabe... como todo familia hay sus bochinchos y sus cosas, verdad.. eso es familia, eso es parte de....”*.

Maria fala que sempre gostou de fazer trabalho voluntário e, ao se organizar com um grupo de pessoas e pensar em projetos para a comunidade, quando o líder anterior renunciou à presidência do centro comunitário, acabou tocando a ela a liderança. Formou-se uma associação de desenvolvimento comunitário e assim foram lutando pelas demandas do bairro, negociações com o governo, etc.

Como citado anteriormente sobre a autogestão, Maria aclara que isso é o mais importante para esse grupo de moradores que fazem parte da associação, em suas palavras, *“no estamos vinculados a ningún gobierno, estamos en el medio, lo que nos importa son nuestras necesidades... no nos*

importa los colores (de los partidos) nos importa la necesidad del pueblo. Eso es nuestro reglamento, eso es una cosa que se incorporó.. ningún miembro de la asociación, puede estar mezclado, o hacer propaganda política”.

Nesse sentido, além de sua relação com o bairro e com as pessoas, a busca de manter o bairro, de estarem unidos, de que as pessoas tenham uma vida digna e que sua permanência não dependa de projetos políticos que podem mudar quando há troca de representante, pois talvez o sucessor não leve a diante o que vinha sido feito, eles optaram para estar sob o “controle”.

Sobre esse tema, Maria ainda diz: *“Por qué, los gobiernos son a cada cuatro años, cada vez que hay elecciones, los residentes se quedan, hay que luchar por los residentes, no por los partido políticos... entonces... a pesar que se nos hizo la vida difícil por 12 años... estamos aquí, firmamos ahora en junio pasado... hicimos una lista de acuerdos para la candidata, la candidata a la alcaldesa, Carmen Yulín, ella se comprometió con nosotros a cumplir con nuestros acuerdos...y el primer acuerdo era devolver el centro para la comunidad, porque estaba “secuestrado” por los partidos políticos.. No abrían, no hacían nada para comunidad...”.*

Maria segue trabalhando no centro comunitário de segunda a sexta e é responsável por muitas atividades, tais como as reuniões, buscar recursos, mesmo que tenha a associação dos moradores, a maioria das responsabilidades recai sobre ela. Nesse sentido, tem uma vida agitada e super envolvida com o centro, disse-me que às vezes cansa muito, pois há um ano sofreu de câncer e teve um período afastada para recuperar-se, afirma que deveria “pegar mais leve” nas atividades, mas que segue tomando alguns medicamentos e tem revisões regulares.

Orgulhosa do seu bairro e de sua gente, descreve o porto-riquenho como musical e festeiro, amigável e que as pessoas gostam de se ajudar, que há uma coletividade, uma identificação e orgulho forte em sua cultura. Em suas palavras, *“ayy, nosotros boricuas somos bien de la música... mira los nenes bailando Bomba aquí en el centro, las clases que tenemos aquí... el baile, la música hace parte de nuestra cultura...somos festeros y eso no nos pueden*

quitar... tenemos el sello cuando nacemos, que somos festeros, pero nos gusta ayudar a la gente[...]”

Sobre as influencias dos norte-americanos em Porto Rico, Maria diz: *“han tratado de americanizarnos, desde que nos invadieron en el 1889... ellos han tratado de americanizarnos... y gracias a dios, estamos recobrando mucho de las cosas de nosotros...”*.

Relatando sobre os porto-riquenhos que vivem nos Estados Unidos ela cita que *“Muchos se asimilan y se olvidan de la cultura puertorriqueña allá...acuérdate que son personas... son puertorriqueños ... estamos migrando desde los años 30, 40, 50 ... entonces muchos de esos tuvieron sus hijos, y los hijos sus hijos... estamos hablando de una tercera cuarta generación de puertorriqueños que viven en Estados Unidos y vienen a Puerto Rico, 1 o 2 veces al año y cuando vienen ... que , la cultura de ellos es de allá.. aunque quieran ser, se sienten puertorriqueños y todo, pero están más asimilados allá”*.

Em relação à cidadania americana, Maria fala que isso faz parte de todo um processo político, que atualmente são como uma colônia dos Estados Unidos e, mesmo tendo essa cidadania, isso não os define, pois sua cultura é forte e independe do atual *status* político. Em suas palavras, *“Aunque tengamos la ciudadanía americana nosotros nos vemos como puertorriqueños! Hemos resistido todo ese tiempo, sin asimilarnos por más que han querido ...nosotros resistimos, resistimos nuestro idioma porque... aun los que quieren estadidad, no hablan inglés o no quieren hablar inglés, entonces de qué estamos hablando?! ... y pues, se llega el Estado 51, vamos perder nuestra identidad”*.

Creio que, como Maria, esse sentimento de celebração da cultura e apego é comum em muitos cidadãos, e, conforme fui fazendo as outras entrevistas, muitas coisas similares vinham aparecendo e eram recorrentes.

No próximo capítulo, trago essa questão da identidade cultural, especificamente através das pessoas dessa comunidade, bem como elementos que, através dos conceitos trabalhados, das minhas observações e interações, busco fazer uma reflexão, analisar, tentar entender como essas pessoas se veem e comentar o que pude observar e sentir através de minha interlocução com a comunidade.

4 IDENTIDADE CULTURAL EM PORTO RICO – ORGULHO E NACIONALISMO COMO RECONHECIMENTO DA CULTURA BORICUA

No presente capítulo, abordarei alguns aspectos que integram a construção e a reflexão sobre a questão cultural em Porto Rico, no sentido de identificação de um “nós boricuas” que está permanentemente sendo produzido. Apoio-me sob minha relação, observação, interação com os quais tive maior proximidade - que foi na comunidade de Tras Talleres - observando: dinâmicas, relação com o bairro, família, amigos, posições e sentimentos que estão engendrados na realidade e trajetória destas pessoas, amarrando e pondo em contato com conceitos trabalhados que nos ajudam a pensar essa questão indentitária.

Quais perspectivas esses sujeitos carregam sobre sua realidade? Que elementos utilizam para falar de seu país e cultura? Como se observam e o que acreditam ser mais importante ao serem questionados sobre como se sentem e quem são os boricuas? Que tipos de imaginários permeiam uma análise sobre Porto Rico?

Para pensar a identidade cultural, é preciso lidar com “identidades”, sendo esse um conceito polifônico, lidamos com pluralidades. Conforme a revisão teórica sobre a identidade na pós-modernidade, a questão plural torna-se evidente, porém, o processo etnográfico em Porto Rico se revelou um forte sentimento coletivo para tal análise: a construção identitária está em movimento, é um processo. Tendo por base em minha primeira pesquisa sobre a identidade cultural da juventude porto-riquenha, pude observar essa questão de apego à cultura nacional, no entanto, neste novo contexto, tive a oportunidade de aprofundar-me sobre esse tema e imergir numa realidade específica, onde tive contato mais direto e prolongado com as pessoas.

Adentrar no bairro de Tras Talleres, vivenciar como essa questão da identidade se dava, como se produzia no cotidiano das pessoas, permitiu-me ver de uma maneira bem particular essas relações e sobre essa lente vou tecer meus comentários e um pouco das minhas perspectivas acerca dessa conjuntura.

Pensando em uma maneira coerente de organizar os principais pontos a serem desenvolvidos, “divido” esse capítulo em três tópicos: “Do macro ao micro”; “Entrelaçamentos - cotidiano, relações”; “Do micro ao macro - *Trastallerense*, ‘nós os boricuas’”. Não dividirei literalmente por subtítulos, mas são as ideias centrais que serão costuradas.

Devido à realidade porto-riquenha de serem cidadãos norte americanos (de segunda classe) e a ilha ser um território não incorporado aos Estados Unidos, lidamos com uma situação de fronteira simbólica e cultural, possuem fluxos e deslocamentos de ambas as vias. Penso que seja profícuo pincelar sobre essa questão de fronteira.

Os estudos e discussões sobre as fronteiras atualmente estão muito presentes no cenário das ciências humanas, há diferentes pesquisas e diferentes conceitos e tipos de fronteiras nos desenvolvimentos dessa análise. Nesse sentido, podemos apontar inicialmente uma diferenciação essencial a se levar em conta para abordar as fronteiras. Segundo Alejandro Grimson, torna-se necessário aclarar alguns conceitos que se confundem no debate atual no intuito de distingui-los que são, “las fronteras culturales de las fronteras identitarias; las fronteras de significados de las fronteras de sentimientos de pertenencia” (GRIMSON, 2009, p.223). Fica evidente que os tipos de significados e sentidos atribuídos às fronteiras acabam se misturando, muitas vezes, quando se aborda essa questão, pois é um conceito complexo de se trabalhar. Grimson cita Roberto Cardoso de Oliveira que destaca quando ocorre a situação de fricção inter étnica sendo essa, “situação de contato entre duas populações ‘dialeticamente unificadas’ através de interesses diametralmente opostos, ainda que interdependentes” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1976, p. 127-128).

Regiões, localidades, populações, territórios e culturas envolvidas em situação de fronteira estão em uma posição paradoxal. Por um lado há limites, diferenciações, separações e, por outro, ambos os territórios detém certa relação, podendo essa ser física/geográfica, política, econômica, cultural e simbólica. Nesse sentido, Grimson discorre sobre esse paralelo e afirma que uma das características da fronteira é sua duplicidade, “frontera fue y es

simultáneamente un objeto/concepto y un concepto/metáfora, de una parte parece haber fronteras físicas, territoriales; de la otra, fronteras culturales, simbólicas” (GRIMSON 2009, p. 226).

A fronteira não é “palpável”, a não ser vista em um mapa, a “linha”, divisa de separação não está materializada, mas possui formas fixas e está estabelecida.

Um ponto importante que tange nesta análise, é a questão da identidade, conceito este que está imbricado nessa temática, na medida em que, quando abordada em relação a um país, região ou localidade sobre sua cultura, essa “descrição”, classificação, sentimento ou noções apontam por características, posturas, personalidades, sistemas de identificações (que é ao mesmo tempo coletiva e individual), que se estabelecem sobre um grupo específico e determinado. Porém, quando situado em um local “misto”, ou que envolva dois espaços, duas culturas, há uma teia de significados complexos e perspectivas muito distintas. Torna-se importante observar nessas posições e tentar compreender não só a multiplicidade e as mesclas de identidades. Segundo Alejandro Grimson (2009), é preciso observar também as suas distinções e seus conflitos inerentes. Ainda, não só as combinações transfronteiriças, mas também as lógicas locais de disputas interfronteiriças, “ir a las fronteras para mostrar la contingencia e historicidad del límite no implicaba enfatizar exclusivamente su porosidad y sus cruces, sino también las luchas de poder, los estigmas persistentes y nuevas formas de nacionalismo”. (GRIMSON, 2009, p.228). A fronteira possui esse caráter ambíguo, outro termo utilizado é a hibridez¹³, é também heterogênea, é ao mesmo tempo uma união e uma separação.

A situação de Porto Rico, por exemplo, mesmo que sua população tenha cidadania americana e livre acesso ao país, uma parte dos porto-riquenhos (em geral as pessoas que vão para os Estados Unidos em busca de trabalho ou melhores condições de vida) é estigmatizada pelos norte-americanos, são vistos como estrangeiros, ou, muitas vezes, como “chicanos”- fazendo

¹³ Conceito de hibridez: Canclini descreve o hibridismo como “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (CANCLINI, 1997, p.19).
Ver “Culturas Híbridas de Néstor García Canclini.

referência aos mexicanos, é como se os latinos todos viessem “do mesmo lugar”. Nesse contexto, esses porto-riquenhos sempre serão vistos como “o outro” e muitas vezes hostilizados, diferentemente de outra parcela, como os jovens que vão para estudar nas universidades. Esses, em algum momento, podem sentir o preconceito, mas não da mesma maneira, dos que estão em situação de submissão a trabalhos subalternos. Na grande maioria das famílias, existem familiares que vivem nos Estados Unidos, ou seja, a experiência de diáspora é comum em muitas famílias porto-riquenhas e, como foi apontado sobre dados sociodemográficos da população, há mais porto-riquenhos (que por diferentes motivos migraram) vivendo nos Estados Unidos do que na própria Ilha. Segundo Stuart Hall:

Os fluxos não regulados de povos e culturas são tão amplos e irrefreáveis quanto os fluxos patrocinados do capital e da tecnologia. Aquele inaugura um novo processo de “memorização” dentro das antigas sociedades metropolitanas, cuja homogeneidade cultural tem sido silenciosamente presumida [...] Pertencem de fato, a um movimento transnacional, e suas conexões são múltiplas e laterais. (HALL, 2008, p. 45)

Nesse sentido, ao mesmo tempo em que essas pessoas que estão fora do país buscam manter tradições porto-riquenhas no sentido de uma identidade nacional, de manter vivas suas raízes, para os americanos os mesmos não deixam de ser estrangeiros, em muitos casos, são estigmatizados ou rotulados como “chicanos”, como citado anteriormente, “são todos iguais, são todos latinos”. Por outro lado, para muitos porto-riquenhos, esses (os porto-riquenhos vivendo nos Estados Unidos) não são “boricuas”, pois já estão americanizados.

Conversando com uma de minhas entrevistadas, Mercedes, uma senhora de 67 anos, muito animada e conhecida no bairro de Tras Talleres, ela diz que nasceu na comunidade e nunca se mudou do bairro. Mercedes tem uma filha que vive nos Estados Unidos, em Nova Iorque, já visitou sua filha muitas vezes, mas ultimamente, relatou-me que estão mais, espaçadas as visitas. Perguntando sobre as vezes que visitou sua filha, ela cita:

“Mi hija vive allá, a veces pienso en ir pa'allá, pero tengo mi casa aquí...en verdad sé que no voy, pus me gusta de aquí, la gente de aquí... allá es diferente, bueno incluso mi hija, ya vive hace 8 años allá con sus hijos, ya

tienen 21, 20 años, ellos están más acostumbrados, pero a veces le envío arroz que ella le gusta, algunas cositas p'a que se sienta en casa...Yo quiero mucho a mi Puerto Rico, no me cambio por nada, ya visité muchos sitios en Estados Unidos de vacaciones, pero me encanta mi país!" (Mercedes, Março 2015)

Nesses trânsitos entre Porto Rico e Estados Unidos, soube de muitas famílias que têm parentes vivendo fora, gerações de filhos que nasceram lá e já tem seus próprios filhos. Muitas dessas pessoas recebem de vez em quando algum familiar que segue vivendo na ilha. Obviamente, têm casos diferentes, como descrito na trajetória de Maria, que viveu por anos nos Estados Unidos e acabou voltando para Porto Rico por não se adaptar. Outro relato interessante foi o de Dália, uma mulher de 48 anos, que também nasceu em Tras Talleres, e que, igualmente possui familiares vivendo em solo americano. Porém, Dália me relatou que teve a oportunidade de ir para os Estados Unidos quando era mais jovem, segundo cita:

"Yo, cuando voy a Estados Unidos, cuando piso en Estados Unidos ya estoy loca para volver a Puerto Rico (risos)... traté, cuando me casé fui para Estados Unidos, y estuve allá por un mes con mi esposo, y no ... no me gustó... lloraba todos los días , todos los días lloraba y llamaba mi mamá, todos los días! No me acostumbré... para vivir no... y me encanta cuando voy como turista pero ...Como ciudadana americana puedo ir a cualquier parte, y a vivir y trabajar... pero no me veo viviendo allá... ya traté, pero no me gustó!" (Dália, Março 2015).

Penso que citar algumas experiências das trajetórias dessas pessoas, torna-se relevante a meu ver, para personificar e entrelaçar nesta análise. Não generalizando, mas sem descolar da realidade vista, são pontos de tensão que estão imbricados e dialogando nesta construção. É aquele movimento dialético universal-particular que perpassa a análise. Assim, como já é sabido, sempre haverá "infinitas" e distintas vivências, o ponto é que, para essa conjuntura, aquelas pessoas podem representar tantas outras pessoas que passam ou podem passar por algo similar, conectando esse movimento individual-coletivo.

Assim, trago a cito de Eduardo. Ele atua como educador físico na comunidade, tem 43 anos, igualmente nascido em Tras Talleres. Eduardo me relatou que, com diferentes ajudas e patrocínios, nos últimos 4 anos, conseguiu levar uma equipe de basquete composta de meninos da comunidade para competir, algo muito interessante e enriquecedor, segundo comenta. Mas, quando questionado sobre essas viagens aos Estados Unidos que pode fazer, sobre família, se tinha familiares vivendo fora, me responde:

“Mi esposa y tenemos familiares a fuera... Ya fui, para visitar, es bueno, pero para vivir no me gusta, no me gustaría vivir allá. Aquí me gusta mucho, el ambiente, todo mundo se conoce, puedes pedir ayuda, aquí en el barrio todo es céntrico, tenemos hospital cerca, supermercado, todo.. y la familia. Me gusta el clima es siempre calor y a veces más fresco...Mi preocupación es con la educación, si yo tuviera que ir por los nenes, pero el varón ya esta grande, sólo si fuera por las nenas, mis hijas menores”. (Eduardo, Março 2015)

Nesses casos exemplificados e ao longo das conversas e entrevistas, pude observar mais apego à ilha, ao estilo de vida que estão acostumados em Porto Rico, mas principalmente uma forte identificação pelo bairro, quando começavam a falar do bairro era uma “exaltação” à comunidade. Pareceu-me que, além de serem porto-riquenhos, ou seja, boricuas, viver na comunidade e ser de Tras Talleres era motivo de mais orgulho. Essa foi uma palavra que escutei em todas minhas conversas, “orgulho”, externar essa palavra se fazia necessário para essas pessoas (pressuponho), orgulho do bairro, orgulho da comunidade, orgulho de ser boricua, de seu país. Independente de suas vivências, dos pontos positivos e negativos, dos problemas que apontavam sobre coisas que passaram, problemas sobre a ilha, a identificação coletiva, “nós boricuas” torna-se reconfortante para o atual cenário de Porto Rico (de ter tornado-se uma “colônia” americana), como consolidação de sua identidade.

Compartilho sobre essa questão da relação dessas pessoas com o bairro e de como se sentem vivendo numa comunidade pequena, mas que tem toda uma história importante para a ilha, um bairro que passou por diversas mudanças e processos significativos em Porto Rico. Conversando com Dália sobre o bairro ela me relata:

“El puertorriqueño es bien orgulloso de ser puertorriqueño igual que los de Tras Talleres, nadie niega sus raíces...aquí la gente gusta de Tras Talleres...y pues, aquí es un barrio tranquilo, a cualquier hora es tranquilo, uno invita las personas de afuera para que conozcan, por ejemplo en la Bohemia, es una actividad muy bonita...hay personas que se van a vivir en otros pueblos por casar se, comprar una casa, pero ahora que tenemos las cosas en Facebook, la gente mira y vuelve a Tras Talleres, ni que sea a visitar!” (Dália, março 2015).

Conversando com Eduardo, ele me falava de suas percepções sobre os porto-riquenhos e, quando questionado sobre o bairro, cita que:

“Ufff eso es mi casa, no cambio eso por nada, ni por una urbanización privada, digan lo que digan, yo me crié aquí desde que nací, todas las personas mayores me vieron pequeñito, me conocen, sabe... hay un respeto, buenos días, buenas noches, la gente se saluda... hay de todo en todas partes, pero aquí es tranquilo, es pequeño, tu sabes lo que puedes hacer y lo que no puede... Mis nenes gustan de aquí, participan de mis actividades... y pues en mis vacaciones, intento a salir de esa área, y aprovecho para conocer más de la isla.” (Eduardo, março 2015).

Mercedes falou muito sobre o bairro, de sua família, que seu pai era mecânico, fazia muitas coisas manuais, inclusive instrumentos musicais feitos de couro. Disse que sua família era bem musical, ela e seus irmãos tocavam alguma percussão. Lembrou-se dos serviços que tinham no bairro, do reconhecimento de sua família pelos vizinhos, dentre outras coisas e, novamente, aparece na fala a questão do amor ao bairro, à comunidade, o orgulho, etc. Conforme um trecho de nossa conversa, ela cita que:

“Los boricuas somos lo máximo, me gusta la gente cariñosa, que tú te puedes comunicar, sabe lo que están hablando, la gente se ayuda... No sé... yo no cambio eso...Soy muy orgullosa...y de Tras Talleres. Yo soy puertorriqueña, soy orgullosa de Puerto Rico, pero yo me siento más orgullosa que soy de Tras Talleres, fijate... yo a mi país lo amo, pero Tras Talleres, me encanta, me fascina ... yo con todo los problemas que uno enfrenta , e yo siempre riendo, hablo con la gente, sabe... Es eso..!” (Mercedes, março 2015).

Sentia algo de “verdadeiro” quando ouvia essas falas, verdadeiro no sentido legítimo da palavra, de que, por mais que possa parecer exacerbado ou algo dito para que os de “fora” escutem e vejam, senti de uma maneira honesta com muita sinceridade. Talvez algo para ser dito para eles mesmos, não só para os “outros”, como reconhecimento ou certo conforto e reintegração daquele sentimento, daquela identidade.

Trazendo mais algumas falas, continuo a conversa com Eduardo, ele fala sobre *status*, cidadania, o mesmo cita que:

“Bueno, tenemos ciudadanía americana, pero eso no quita lo de nosotros, somos de aquí y nos sentimos de aquí, Puerto Rico, puertorriqueños... Nosotros tenemos muchas cosas que nos dan de allá, pero siempre defendiendo lo de nosotros. Nosotros somos puertorriqueños, tenemos una cultura amplia, la música, la comida, todas esas cosas son de nosotros, eso no hay quien lo quite, quizás, la influencia (americana) trae algunas cosas sí, pero no es que va quitar lo que tú tienes, porque en el momento de la verdad, decimos no, el mío es eso!... La Bomba, la Plena, el teatro, aquí se hace mucho teatro, se ve, por ejemplo, cuando algún artista va competir en algún programa, se ve que este es de aquí, él es de ese pueblo, tiene esa costumbre...El deporte, cuando se va un equipo o un atleta sólo, todo el mundo se va atrás de ese atleta... y es puertorriqueño, es de aquí, y empiezan a contar historia de su pueblo, y se ve la cultura de aquí. Yo creo que eso no quita a nadie... somos bien orgullosos, soy de aquí, soy de aquí, e ya”. (Eduardo, março 2015).

A questão do *status* político é algo que fica evidente nas falas, o “ter” a cidadania norte-americana e o “ser”, sentir-se porto-riquenho, boricua, mora aí uma importante separação para esses sujeitos.

Dália, por exemplo, falou das facilidades que eles possuem por ter a cidadania americana, das possibilidades de ir e vir, possibilidade de trabalho, como muitas outras sociedades almejam, o chamado “*american dreams*”. Para ela, foi mais fácil ir para lá, tentar a vida, não conseguir se adaptar e voltar. Segundo ela, eles (boricuas) têm sorte por isso, já muitos outros países não

têm essa facilidade e oportunidade, precisam de vistos e muitos vão ilegais, acabam passando por experiências ruins. Sobre o *status*, em suas palavras:

“yo soy Puertorriqueña y eso no cambia, pero documentalmente somos americanos... pero no me siento!” (Dália, março 2015).

Segundo o cientista político porto-riquenho Ángel Israel Rivera, a realidade e o significado do sentido de identidade nacional dos porto-riquenhos, como um povo distinguível e diferente de todas as demais sociedades do mundo, bem como a manifesta exaltação e defesa da singularidade cultural e política, são elementos importantes e um tema complexo. Sobre o nacionalismo cultural de Porto Rico, Rivera cita que:

En un sentido genérico, no cabe duda que la exaltación de la personalidad cultural y política propia de los puertorriqueños - y la defensa de la singularidad de nuestra historia, y nuestras tradiciones, costumbres y valores nacionales - corresponde al concepto que se conoce como nacionalismo. (RIVERA, 2007, p.133)

Rivera cita Luis Ángel Ferrao que, segundo aponta, utilizou corretamente, a seu ver, uma definição de nacionalismo em sentido genérico:

Visto el nacionalismo en la aceptación amplia del concepto; es decir, como toda afirmación positiva de la nacionalidad, todo además originado en el pueblo tendiente a acusar un perfil propio, toda obra literaria o artística que contribuya a dotar a la comunidad de un sentido de identidad, o todo símbolo o gesto- en el campo político o inclusive (sic) religioso- que sirva para aglutinar los sentimientos de la colectividad y darle un sentido de pertenencia...habría que admitir que... el nacionalismo fue uno de los sentimientos más profundos que experimentó la sociedad puertorriqueña en los años treinta (FERRAO, 1993, p.38).

Toda essa questão nacional, nacionalismo, identidade são conceitos complexos, mas que nos dão suporte para refletir sobre uma realidade socio-histórica. Porto Rico, sendo um país com uma trajetória bem específica e “atípica” (pensando na atualidade e na questão colonial), envolve uma série de elementos a se levar em conta e uma análise cuidadosa, envolta em muitos pontos de tensão inerentes a essa conjuntura. No entanto, para fins de trazer a reflexão para o “micro” e pensar essa realidade através das lentes desses sujeitos (moradores de uma comunidade), o que está em “jogo” para essas

pessoas e que refletem em suas falas, não é um “nacionalismo”, é um “nós boricuas”, o orgulho de uma sociedade, de sua cultura, e para os moradores de Trás Talleres, “ser” boricua, mas antes disso, “ser” *Trastallerense*.

Foi convivendo no bairro, com as pessoas, participando das atividades do centro que pouco a pouco fui tecendo essa teia de significados, perspectivas, vivências muito particular. Foi estando no cotidiano, nas lutas diárias, nas pequenas e grandes conquistas que o “nós boricuas” foi se personificando. Da alegria e do apoio entre os moradores, pude ver e sentir uma verdadeira coletividade, da movimentação para fazer um bingo, por exemplo, para arrecadar dinheiro para alguma necessidade da comunidade, se via a motivação de um grupo se ajudando para o bem comum. Tanto na comunidade quanto fora dela, era algo que pude presenciar em alguma medida, o boricua tende a ajudar um dos “seus”.

Um ponto importante que gostaria de citar é a questão da memória e o seu papel importante ao se falar de identidades, construções culturais e o registro temporal. O livro que utilizei como aporte para falar sobre as origens do bairro e os processos que envolveram a comunidade foi resultado de uma pesquisa importantíssima, que teve duração de 5 anos, realizada pela socióloga porto-riquenha Ana Fabián Maldonado, conforme foi citado no terceiro capítulo. Esse processo envolveu muitas pessoas, estudantes, colaboradores, moradores, personagens chaves da história do bairro (alguns já faleceram), pessoas que vivenciaram mudanças e processos significativos em Porto Rico e especificamente no bairro e que, atualmente, já não estão entre nós.

O ponto importante é a proposta dessa pesquisa, pois é através da memória que se construiu a história de Trás Talleres, tudo feito pelos próprios moradores, foi dar voz a essas pessoas que puderam contribuir para que essa história não caísse no esquecimento. Segundo Fabián, *Trás Talleres Cuenta su Historia*¹⁴ é uma forma de resistência, é para não ser esquecido, é para mostrar

¹⁴ Recomendo visitar o site da Rádio de San Juan e escutar o programa Trás Talleres Informa, que se iniciou em setembro de 2015, apresentado pela líder da associação comunitária. O primeiro programa foi entrevistando a professora e responsável pelo livro de Trás Talleres. Nesta conversa, Ana Fabián fala sobre como foi realizar essa pesquisa, suas motivações e objetivos.
Link: <http://radiosanjuan.org/broadcasts/269>

como foi e é aquela realidade, foi uma construção coletiva e de uma preciosidade que não se pode mensurar. Penso que toda essa recuperação de uma tradição através da memória é algo importante que vai sendo reproduzido e reconfigurado com o passar do tempo. Um exemplo claro que posso citar é das famílias porto-riquenhas que vivem nos Estados Unidos, muitas das gerações que já nasceram em solo norte-americano, buscam manter as tradições vivenciadas na ilha, desde natal e algumas datas comemorativas, como simplesmente manter o idioma, a “língua mãe” que é o espanhol. Conforme alguns relatos, são muitos os porto-riquenhos que nunca visitaram a ilha, viveram sua vida nos Estados Unidos, mas, se questionados, se dizem boricuas. É a influência da família e a tentativa de manter algumas tradições que essas pessoas buscam nesse ser boricua, ter sua identidade, ou reforçar suas origens.

No próximo capítulo, apresento cinco narrativas fotográficas contando algumas das dinâmicas do bairro, oficinas, algumas “caras”, retratos dos moradores da comunidade de Tras Talleres. Essas construções trazem um pouco da cultura boricua através dos moradores da comunidade, do seu dia a dia, nas atividades, na convivência, que compõe o nós boricuas.

5 NARRATIVAS FOTOGRÁFICAS: ETNOGRAFANDO EM TRAS TALLERES

Para tais narrativas, os registros fotográficos foram realizados pela mesma câmera, Nikon D5200, no período de fim de fevereiro até o começo de maio, no bairro de Tras Talleres.

Na primeira narrativa, desvela-se um pouco sobre o bairro, estética, murais, cores e o que vinha sendo realizado de obras (que é uma casa que estava quase finalizada e uma ainda em construção); o centro comunitário como tal e alguns detalhes para revelar um pouco das dinâmicas que foram descritas, agora narradas visualmente, agregando mais elementos. Observo como as ruas foram apropriadas pelos moradores, nas paredes se pode ver as cores da bandeira, bem como alguns dos músicos que nasceram no bairro. As músicas locais do país como a salsa, o merengue, a bachata, são representadas com orgulho por esses artistas que vieram do bairro e são importantes no cenário musical de Porto Rico. As duas últimas fotos dessa narrativa não foram registradas por mim que foram as aulas finais de dança terapia, e a de fotografia – na qual estamos com nossos certificados na mão.

Na segunda narrativa aparece um dia na oficina de dança para as crianças, que eram as classes de *Bomba*. A professora Jamna era voluntária e estava desenvolvendo um bonito trabalho no sentido de manter uma dança tradicional e, especificamente, passando para as gerações mais novas. Jamna era acompanhada por uma colega que marcava os compassos tocando o tambor. A aula era composta maiormente por meninas, haviam distintas idades, os meninos também participavam, no entanto se dispersavam muito rápido, mas a professora conseguia a atenção deles e o respeito. Era um momento de muita alegria e descontração, e senti que era apreciado pelas crianças, elas vinham direto da escola correndo, ensaiavam, falavam da apresentação (que ocorreu na festa do dia das mães). Paralelo, escutava as mães conversando e vendo como fariam para conseguir as saias para elas. Muitas não tinham a vestimenta adequada, que usariam para a apresentação.

A dança tem um peso importante na cultura boricua, não só a dança tradicional (a *Bomba* nesse caso específico), como também os demais ritmos populares. Quando escutava dos sujeitos que interagi que “nós somos festeiros”, eu via isso tanto na comunidade como fora dela, a quantidade de festivais e atividades culturais musicais que ocorrem na ilha são recorrentes, a “agenda musical” de atividades marcadas, apresentações, shows eram vastas, mas as “informais”, que se vê nos bairros mais boêmios, ou grupos dançando na rua, também eram muito comuns.

A terceira narrativa conta um pouco da história da Bohemia, atividade muito importante no bairro, realizada todos os domingos à tarde, como citado no terceiro capítulo. A única coisa que penso ser importante mencionar em texto escrito sobre essa narrativa é que a vejo como uma das identidades do bairro. Tras Talleres é um bairro musical e festivo, além dos grandes nomes musicais e famosos que saíram do bairro, cada morador integra esse cenário e faz a melodia e a alegria que transbordam da comunidade. Porém, como dito anteriormente, a música tem um peso importante na cultura boricua. Penso que para além da boêmia do bairro, essas manifestações festivas compõem aquele “nós boricuas”.

Na quarta narrativa, exponho a única festa grande que pude presenciar e fazer parte no bairro, que foi a do dia das mães. Essa festa, realizada anualmente, move muitas pessoas e tem um significado forte para a comunidade. A questão da família é algo importante e “sagrado” para eles, e como Tras Talleres é um bairro familiar – conforme descrito por eles –, a Fiesta del Día de las Madres não podia deixar de ser algo bem elaborado e festejado. Toda comunidade se integra para realizar essa festa, há distintas atividades e ajudas que as pessoas dão para que isso aconteça. Ajudei com algumas coisas na festa, pela manhã ajudei a receber as comidas, bebidas e ingredientes que chegaram ao centro (doações, comidas feitas pelos moradores, petiscos, etc.). Maria me pediu para abrir o centro e começar a receber as pessoas às 15h30 min da tarde. Paralelamente, foram chegando diferentes pessoas que estavam com a incumbência de outras tarefas. Tudo muito bem organizado, inclusive algumas jovens fizeram crachá para nós, a “equipe de organização”. Os meninos serviam os petiscos e bebidas para as

peças e, assim, ao longo da festa foi chegando mais gente, aparelhos de som. Teve música ao vivo, apresentação de dança (*Bomba*) das crianças do bairro dentre outras coisas. O clima era de alegria e cuidado com as mães, aquele era o dia delas, ganharam flores e foram homenageadas de diferentes maneiras. Senti que o comprometimento das pessoas era algo forte. Foi toda uma motivação, movimentação e envolvimento de muitas pessoas para que a festa acontecesse.

Por fim, na quinta narrativa, trago os *retratos* de alguns dos moradores que se mostraram para mim, não apenas para a fotografia, mas na convivência, no dia a dia, pessoas maravilhosas com as quais convivi, histórias que acompanhei, personagens importantes para o bairro, os boricuas, os moradores de *Tras Talleres* e que deram vida a minha pesquisa. Narro alguns dos rostos dos *Trastallerenses*, pois foi através das lentes deles que me foi permitido ver como se constrói no cotidiano a identidade cultural boricua, vivida, modificada, reiterada, (re)produzida.

BAIRRO TRAS TALLERES



Foto 19



Foto 20



Foto 21



Foto 22



Foto 23



Foto 24



Foto 25



Foto 26



Foto 27



Foto 28



Foto 29



Foto 30



Foto 31

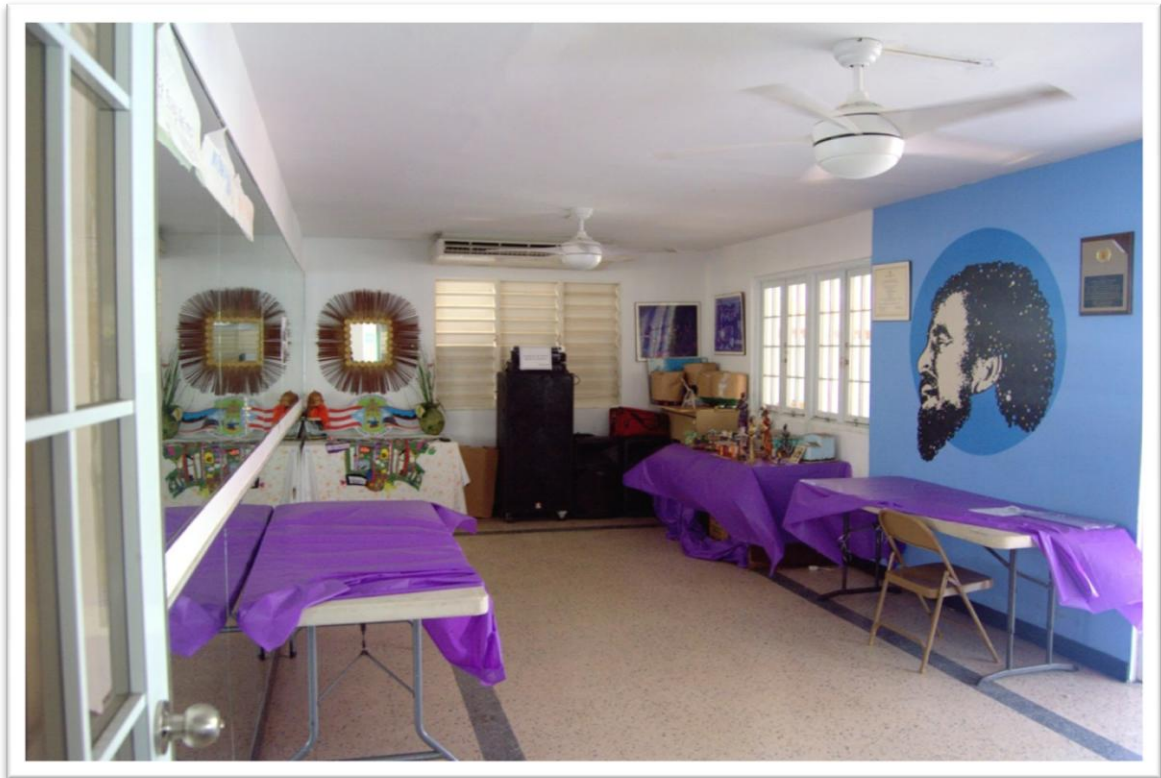


Foto 32



Foto 33

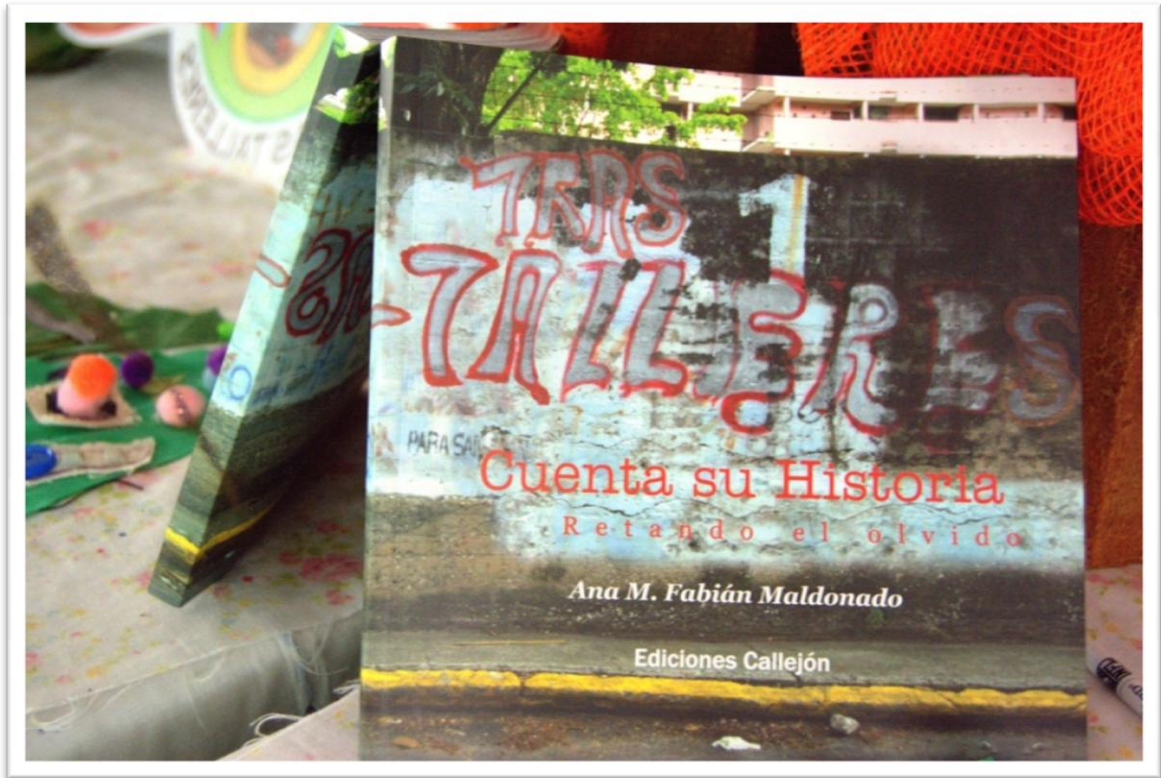


Foto 34

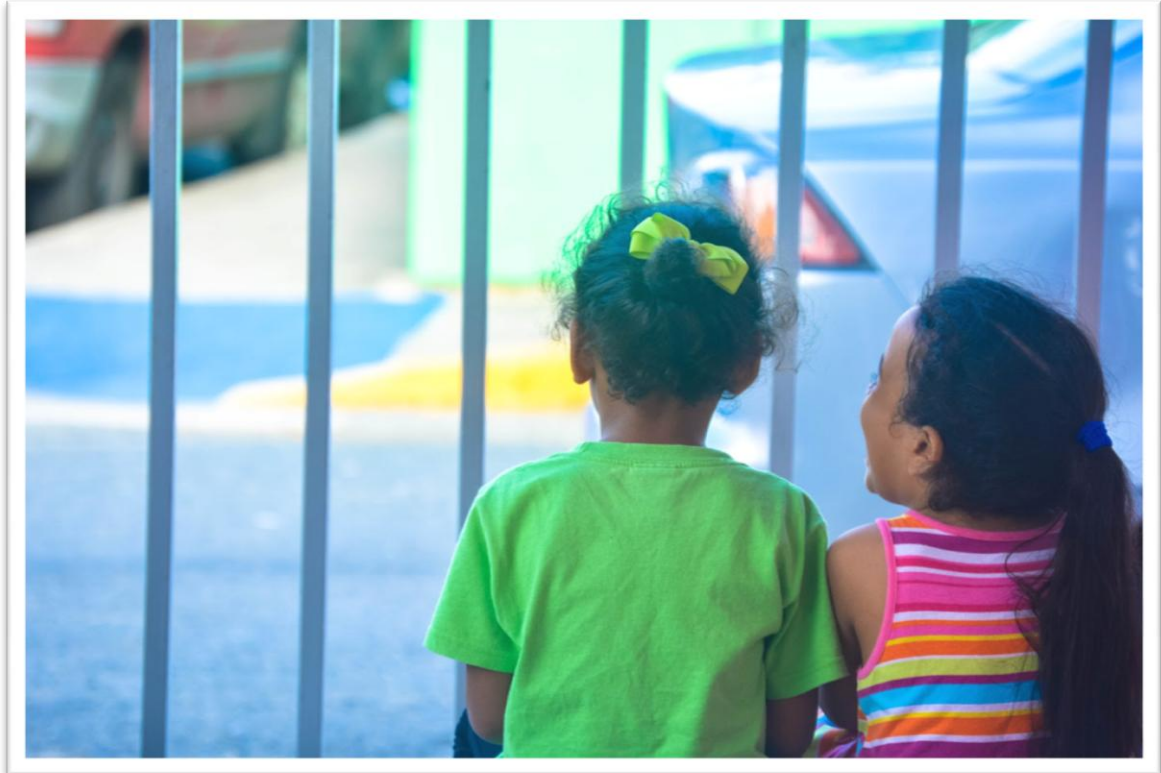


Foto 35



Foto 36



Foto 37



Foto 38



Foto 39



Foto 40: Câmera Kodak do Centro Comunitário. Registro: Maria. Turma de Dança Terapia, conclusão da oficina. Abril/ 2015



Foto 41: Calle Verdejo, Tras Talleres. Câmera Nikon D5200. Registro: Eduardo, Turma de Fotografia, conclusão da oficina, Abril/ 2015.

OFICINA DE AULA DE BOMBA



Foto 42



Foto 43



Foto 44



Foto 45



Foto 46



Foto 47



Foto 48



Foto 49



Foto 50

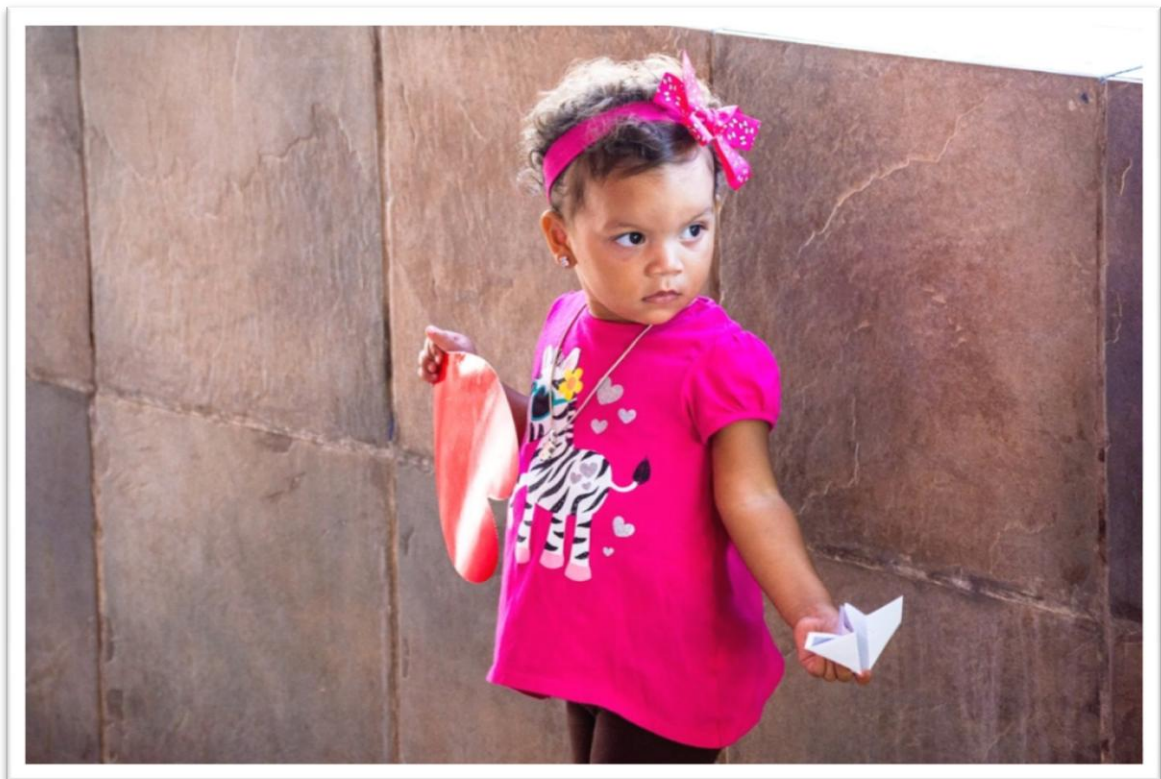


Foto 51



Foto 52

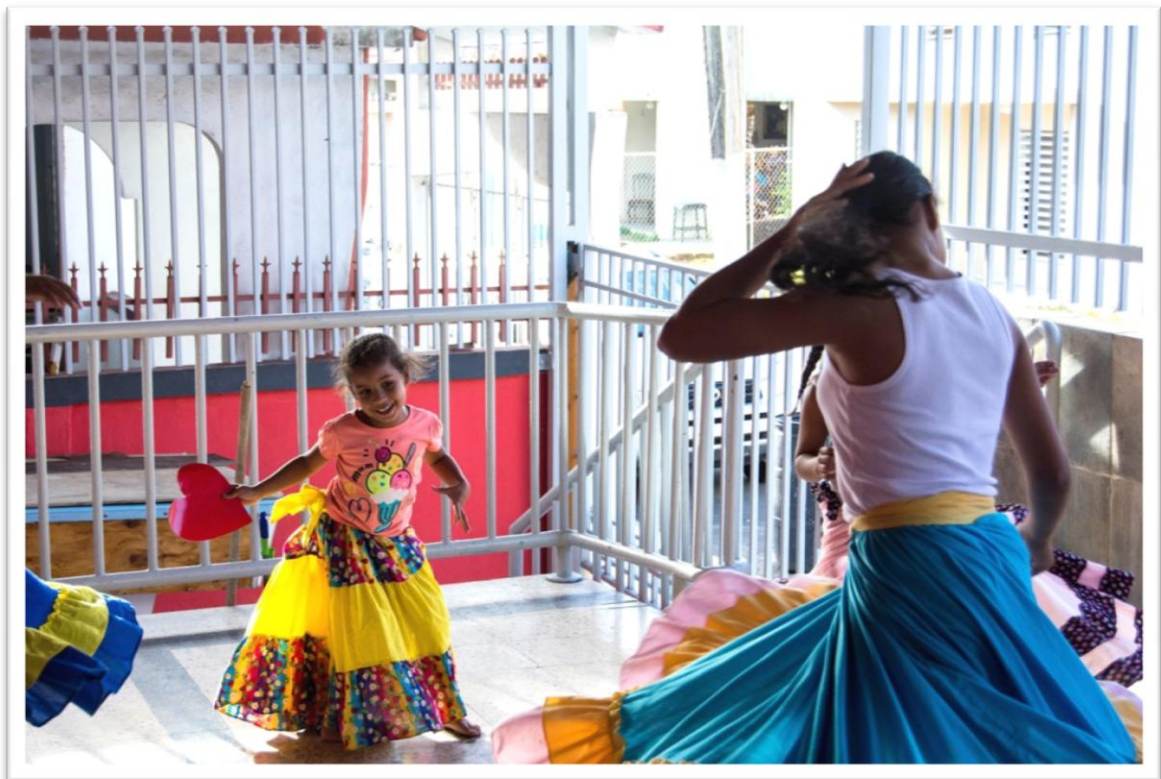


Foto 53



Foto 54



Foto 55

BOHEMIA EM TRAS TALLERES



Foto 56



Foto 57



Foto 58



Foto 59



Foto 60



Foto 61



Foto 62



Foto 63



Foto 64



Foto 65



Foto 66



Foto 67



Foto 68



Foto 69

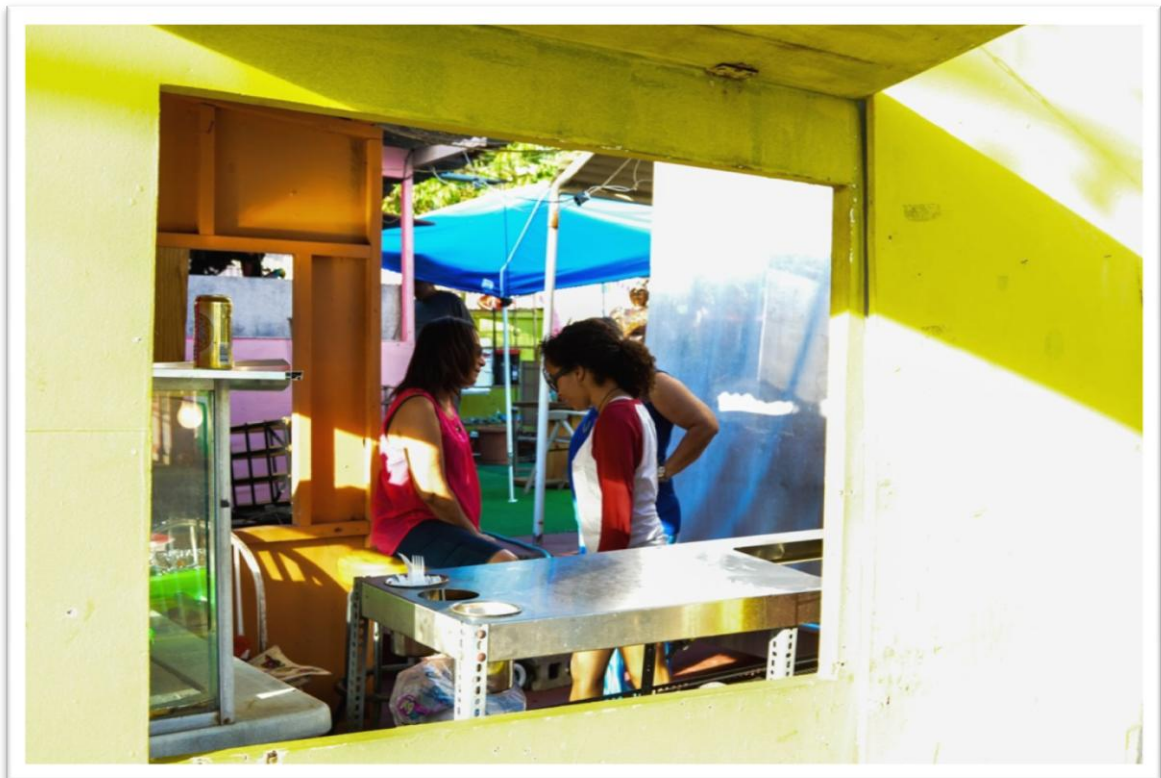


Foto 70



Foto 71



Foto 72



Foto 73



Foto 74



Foto 75

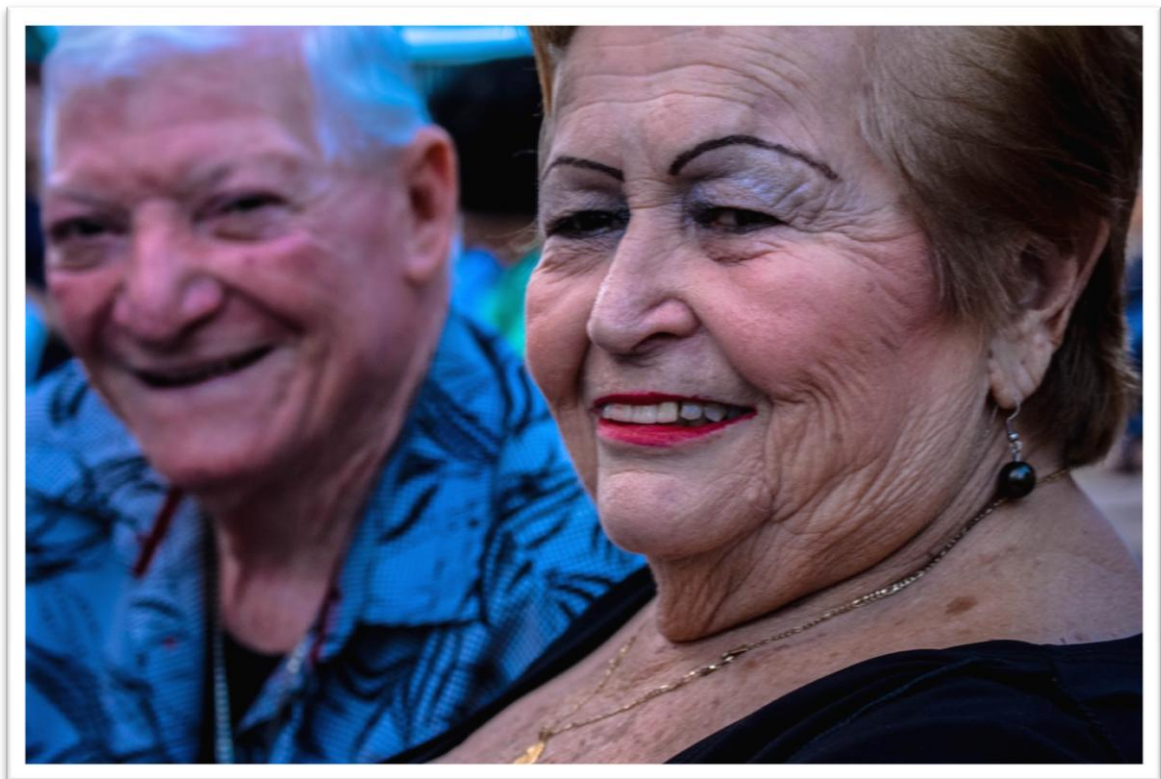


Foto 84



Foto 76



Foto 78



Foto 79



Foto 80



Foto 81: Com Rey Montañez. Câmera Nikon D5200. Registro Fabianna Himet. Março/2015

FESTA DO DIA DAS MÃES



Foto 81



Foto 82



Foto 83

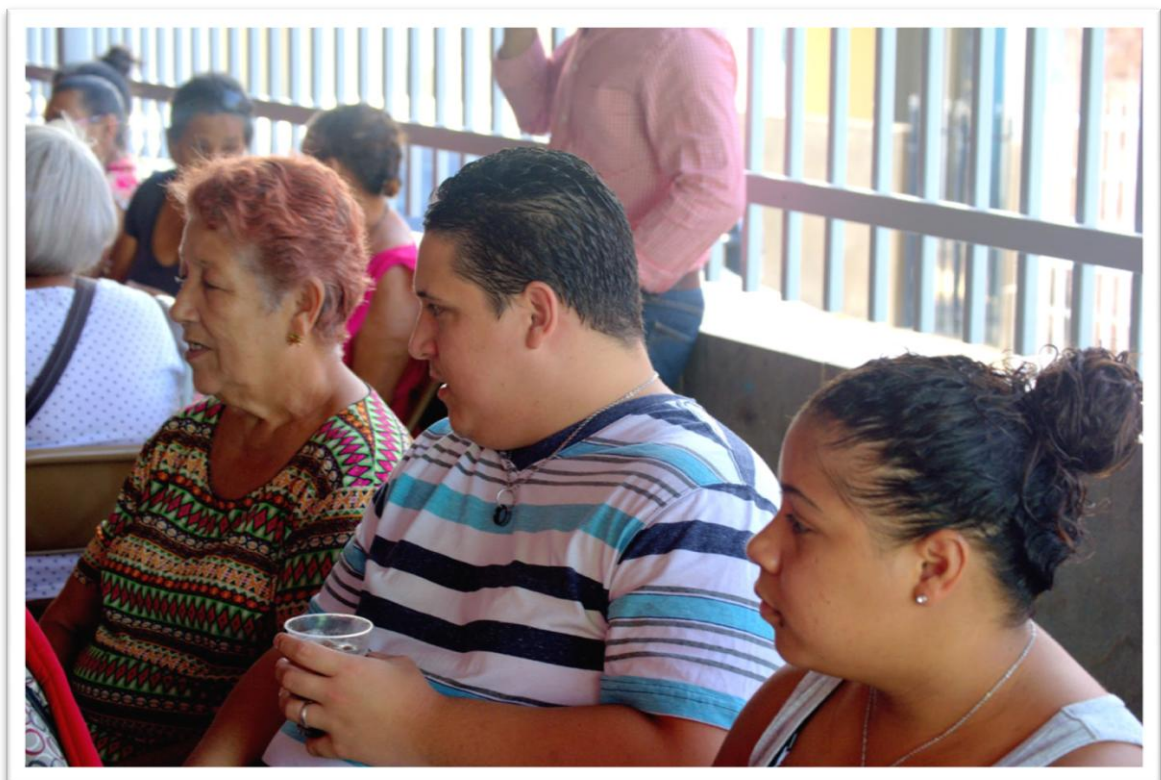


Foto 84



Foto 85



Foto 86

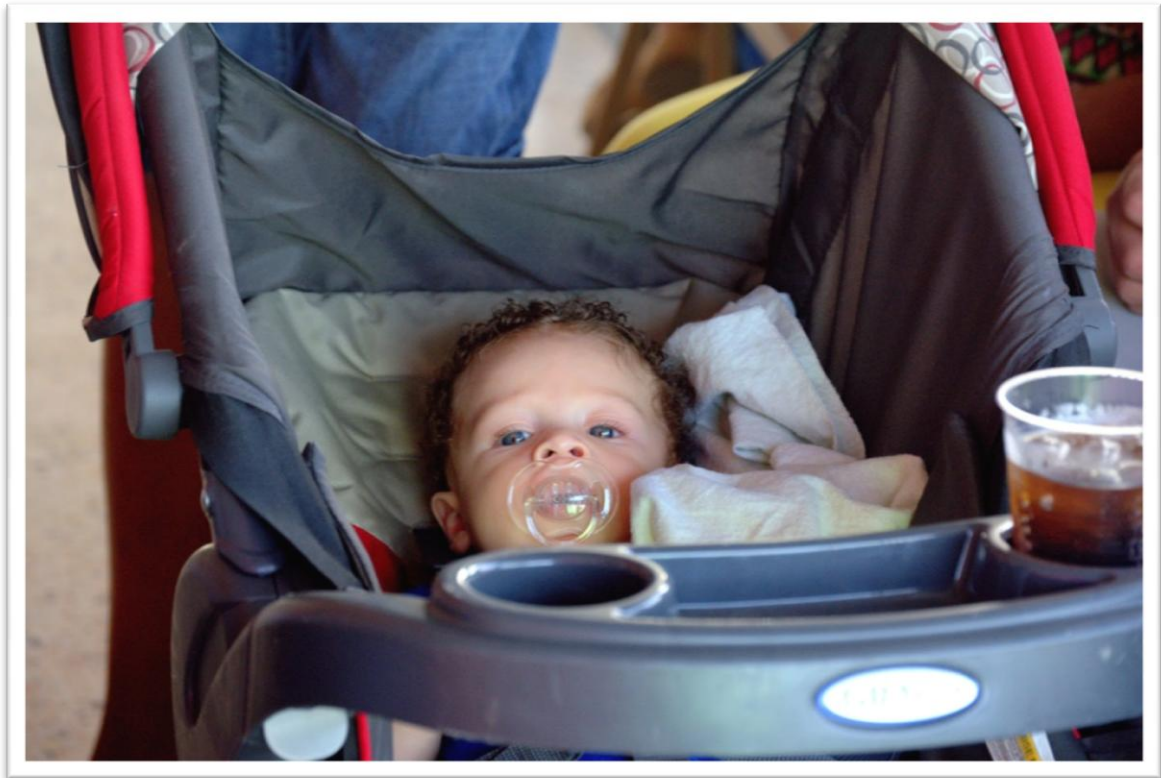


Foto 87

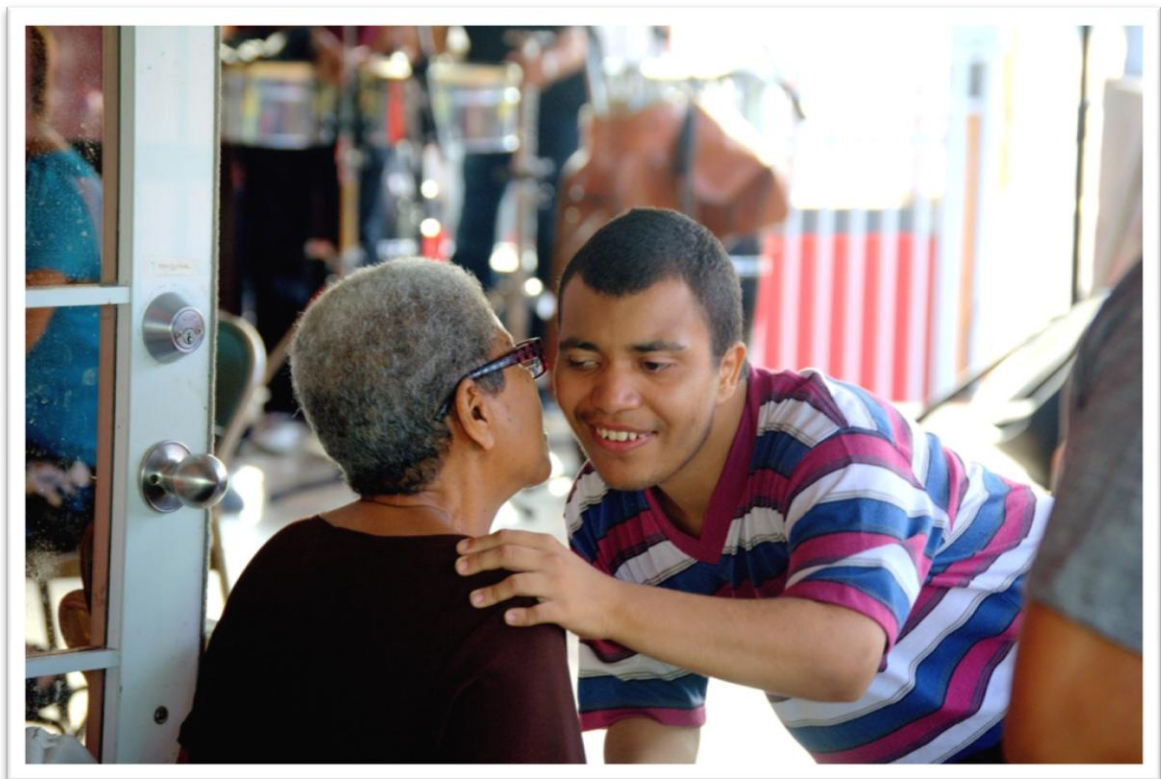


Foto 88

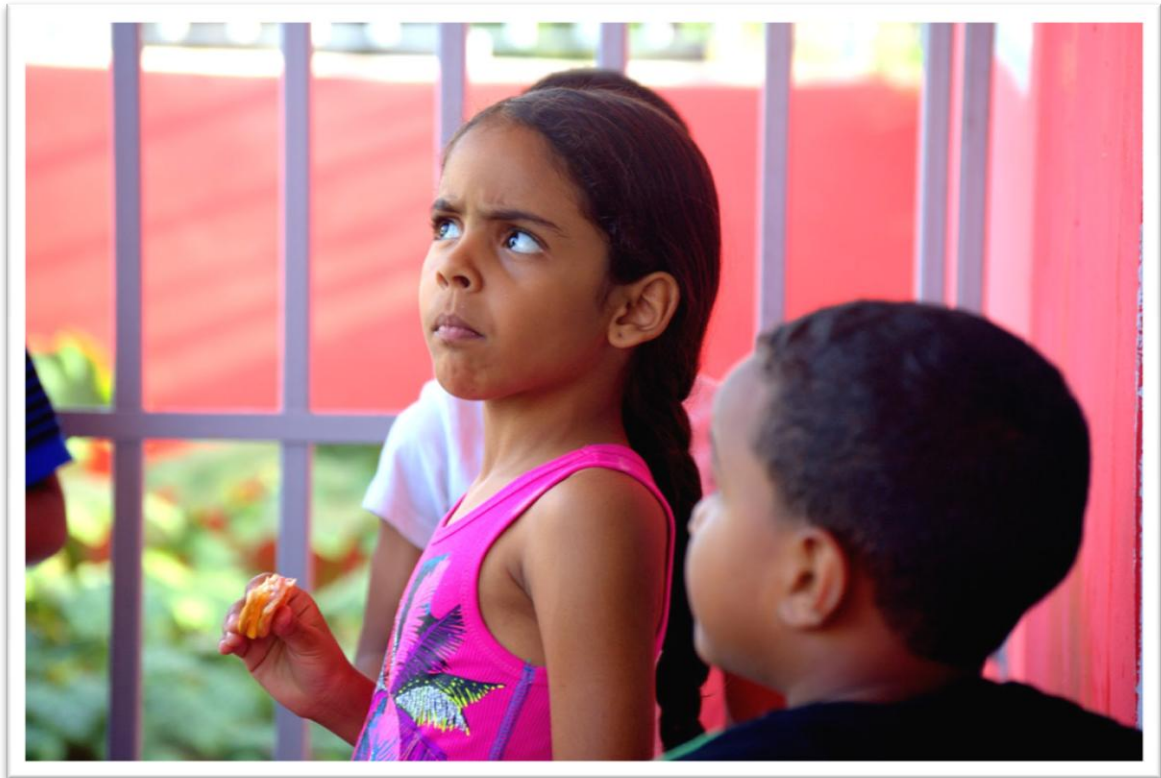


Foto 89

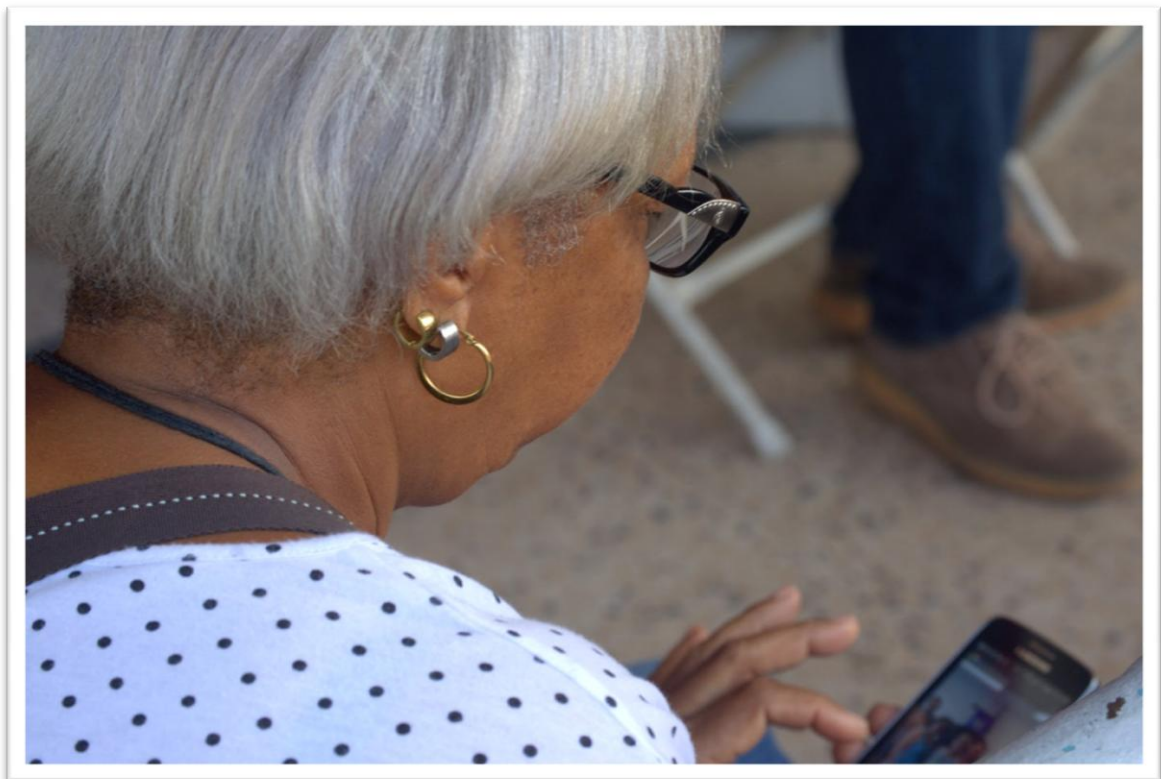


Foto 90



Foto 91



Foto 92



Foto 93



Foto 94



Foto 95

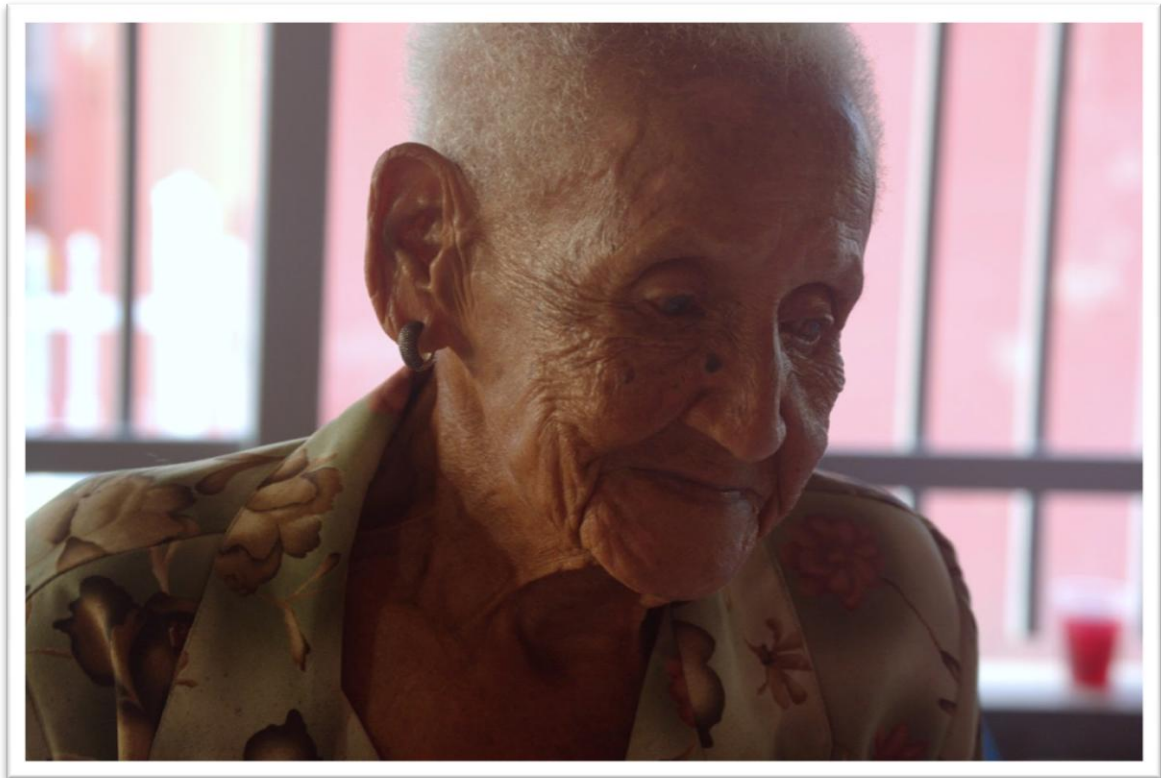


Foto 96



Foto 97



Foto 98



Foto 99



Foto 100



Foto 101



Foto 102



Foto 103

RETRATOS



Foto 104



Foto 105



Foto 106



Foto 107



Foto 108



Foto 109



Foto 110



Foto 111



Foto 112



Foto 113



Foto 114

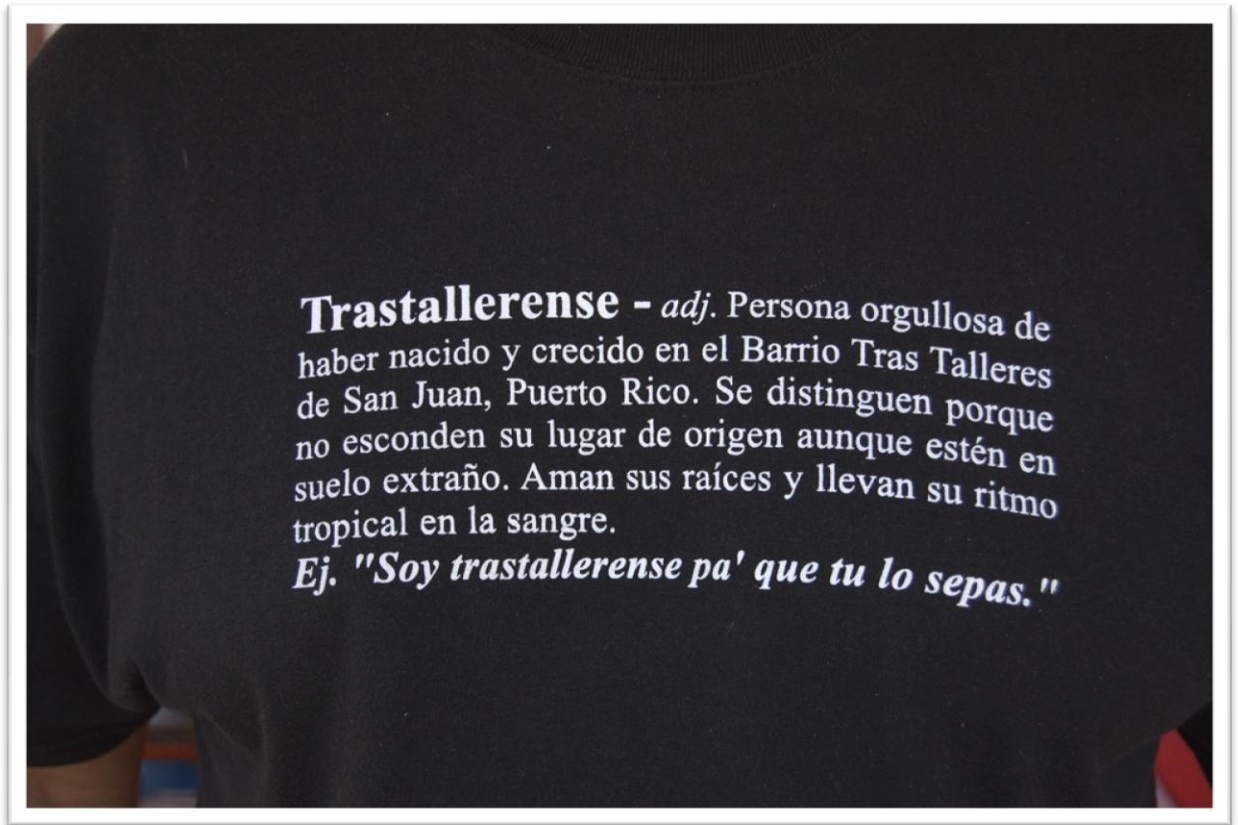


Foto 115

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Porto Rico é um eterno paradoxo para mim, é uma realidade que me instiga. Ter a oportunidade de dar seguimento a minha pesquisa e poder voltar à ilha é algo muito gratificante e especial pessoal e academicamente.

Como pesquisadora, creio que o exercício da escrita é o passo mais difícil e desafiador num trabalho (monografia, dissertação, tese), concatenar as ideias, a teoria com todas as vivências e relações do processo etnográfico, buscar a coerência e manter a ética e cientificidade de uma experiência “do pesquisador”, que não é apenas dele, não é uma tarefa fácil.

No meu exercício pessoal, foi difícil conseguir manter o deslocamento e distanciamento necessário de como perceber o outro, de como lidar com a alteridade, para fazer uma análise mais crítica, vejo como um exercício complexo. Na minha posição, busquei pensar em toda a minha bagagem, de onde vim, minha realidade e como me sentia em relação àquela realidade e àquelas pessoas, como entender e perceber histórias, vivências de pessoas que vivem numa conjuntura distinta, com processo de tempo, espaço e histórico distintos e que carregam toda uma rede de sentimentos e significados singulares?

Não é difícil se “contaminar” com o clima, as pessoas e toda aquela atmosfera intensa que Porto Rico produz nas pessoas. Realmente, é um lugar encantador com uma natureza espetacular e uma cultura riquíssima. No entanto, quando a proposta é buscar e fazer uma reflexão acerca de um tema tão complexo, é um exercício de estar sempre “alerta”, tanto para não cair no reducionismo, como para um fetichismo.

Assim, ao longo de toda essa análise e processo de reflexão e construção, lidamos com imaginários. O nacionalismo e a exaltação da cultura nacional é algo visto, citado pelos discursos populares da mídia (portoriquenha), talvez por alguns teóricos. A imagem da Ilha do Encanto está presente na visão turística, em que a ilha paradisíaca é como uma “mercadoria” vendida e comercializada para outros países para visitarem e, assim, mover a

economia. Para os norte-americanos (segundo relatos de amigos que viveram e tiveram a oportunidade de estudar nos Estados Unidos), no geral, não importa que tenham cidadania americana, “eles” são latinos. Para os porto-riquenhos, os boricuas são os melhores e, no caso da comunidade, Tras Talleres vem antes. O bairro simboliza o que é ser o boricua, tranquilo, amigável, feliz, em que as pessoas se ajudam e que são muito cooperativos. Observei também a questão dos “de lá” e os “de cá” que vinham nas falas dos meus entrevistados, trazendo aquela tensão dos que estão em Porto Rico e os que estão nos Estados Unidos. Assim como o “eles” e “nós”, quando falam dos americanos em relação a eles os boricuas, é sempre relacional. A linha que vai costurando essa construção envolve obviamente a relação da ilha com os Estados Unidos, os “de dentro” e os “de fora”, e aquele reforço para assegurar a sua identidade, ser de Tras Talleres, ser porto-riquenho – o boricua – precisa ser vivido, dito, lembrado constantemente por aqueles sujeitos, a meu ver.

Para mim, vejo que essa experiência mostrou uma mescla desses diferentes discursos que criam um “Porto Rico Imaginado”. É verdadeiro, real, mas também envolve uma construção quiçá “romantizada” que é reiterada pelos porto-riquenhos como forma de reconhecimento. O “medo” da descaracterização identitária por uma possível mudança de *status* político para Estado americano, talvez contribua para essa “garantia” de identidade boricua constantemente enfatizada para eles. Sinto que isso é importante para essas pessoas que, mesmo tendo certeza de quem são e como se veem, a história de seu país e sociedade é muito peculiar. Da mesma maneira que eles enfatizam que essas questões políticas não alteram o sentimento e o pertencimento que sentem em relação ao país e a sua cultura, de como se sentem boricuas, com uma cultura forte, manter essa imagem, penso, lhes traz um conforto como nação.

Este trabalho não visa trazer respostas ou fazer uma identificação e descrição da identidade porto-riquenha. Dentro das minhas limitações, o que foi proposto e dito na introdução da presente análise foi trazer um pouco das vivências e construções desse “nós boricuas”, do coletivo que se evidencia, no cotidiano daqueles sujeitos, através das lentes dos moradores da comunidade de Tras Talleres, conectando com a identificação nacional dos porto-riquenhos.

REFERÊNCIAS

- ACHUTTI, L. E. Fotoetnografia da Biblioteca Jardim. Porto Alegre: Tomo Editorial: UFRGS, 2004.
- BOURDIEU, P. Outline of a Theory of Practice. Trad. Richard Nice. Cambridge, Cambridge University Press, 1977.
- ANDERSON, B. Imagined Communities. Londres: Verso, 1983.
- CALDEIRA, T. Cidade de muros : crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: EDUSP, 2003.
- CANCLINI, Néstor. Globalização Imaginada. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Identidade, etnia e estrutura social. São Paulo: Pioneira editora, 1976, p.127-128
- CERTEAU, M. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CUCHE, D. A noção de cultura nas ciências sociais. EDUSC, 1999.
- CUNHA, M. Antropologia do Brasil Mito, história, etnicidade. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- FEATHERSTONE, M. O desmanche da cultura: globalização, pós-modernismo e identidade. São Paulo: Studio Nobel, 1997.
- FERRAO, L. Pedro Albizu Campos Y El Nacionalismo Puertorriqueño 1930-1939. Río Piedras: Editorial Cultural, 1993.
- GONÇALVES, M. A.; HEAD, S. Devires imagéticos: a etnografia, o outro e suas imagens. [Rio de Janeiro, Brazil]: 7Letras, 2009.
- GRIMSON, Alejandro. Las culturas son más híbridas que las identificaciones, diálogos inter-antropológicos. Anuário Antropológico/2007-2008, Rio de Janeiro, RJ, Edições Tempo Brasileiro Ltda., p. 223-267, 2009.
- GIDDENS, A. As consequências da Modernidade. São Paulo: UNESP, 1991.
- GUIMARÃES, S. P. Nação, nacionalismo, Estado. Estudos Avancados, v. 22, n. 62, p. 145–159, 2008.
- HALBWACHS, M. A Memória Coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.
- HALBWACHS, M. La Mémoire Collective chez les Musiciens, Rêvue Philosophique, n. 3-4, 1939.
- HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro (RJ): DP&A, 2006.

- HALL, S. Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- MACHADO, A. Máquina e imaginário: o desafio das poéticas tecnológicas. São Paulo, SP, Brasil: Edusp, 1993.
- MAGNI, C. O USO DA FOTOGRAFIA NA PESQUISA SOBRE HABITANTES DA RUA. Horizontes Antropológicos, v. 2, n. 1, 1995.
- MALDONADO, A. Tras Talleres cuneta su historia: retando el olvido. San Juan: Ediciones Callejón, 2012.
- MARTINI, G. A FOTOGRAFIA COMO INSTRUMENTO DE PESQUISA NA OBRA DE PIERRE FATUMBI VERGER, 1999. Brasília.
- MARX, K. e Engels, F. The Communist Manifesto. In Revolutions of 1848. Harmondsworth: Penguin Books, 1973.
- MATHEWS, G. Cultura global e identidade individual. São Paulo: EDUSC, 2002.
- MEAD, M. L'ANTHROPOLOGIE VISUELLE DANS UNE DISCIPLINE VERBALE. In: C. de FRANCE (Org.); Pour une anthropologie visuelle: recueil d'articles, 1979. Paris; New York: Mouton.
- ORTIZ, R. Cultura brasileira e identidade nacional. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- ORTIZ, R. Mundialização e Cultura. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- PERDOMO, R. P. OS EFEITOS DA MIGRAÇÃO. ETHOS GUBERNAMENTAL, 2007 2006.
- POUTIGNAT, P. Teorias de Etnicidade. São Paulo: UNESP, 1997.
- RAMOS, C. S. Gobierno de Puerto Rico. Puerto Rico: Universidad de Puerto Rico, 1970.
- RIVERA, A. Puerto Rico ante los retos del siglo XXI: cambio económico, cultural y político en los inicios del nuevo siglo. Puerto Rico: Nueva Aurora, 2007.
- ROCHA, Ana Luiza C. da.; ECKERT, Cornelia. Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana. Porto Alegre: UFRGS EDITORA, 2003.
- SAID, E. Orientalism. Harmondsworth: Penguin, 1978.
- SAMAIN, E. VER" E "DIZER" NA TRADIÇÃO ETNOGRÁFICA: BRONISLAW MALINOWSKI E A FOTOGRAFIA. Horizontes Antropológicos, v. 2, n. 1, 1995.

